

QUALIDADE DE VIDA E ESPIRITISMO

JOSÉ CARLOS LEAL

Rio de Janeiro
2000
QUALIDADE DE VIDA E ESPIRITISMO

José Carlos Leal

1ª Edição
1ª Tiragem - março de 2000- 1ª milheiro

Capa: Jefferson Borges
Coordenação Editorial: Jefferson Borges

Copidesque e Revisão de Originais: Albertina Escudeiro Sêco

ISBN 85-901260-1-3

CATALOGAÇÃO NA FONTE DO DEPARTAMENTO
NACIONAL DO LIVRO
L435Q
Leal, José Carlos, 1940-
Qualidade de vida e Espiritismo / José Carlos
Leal. - Rio de Janeiro : J. C. Leal, 2000
176p. ;21 cm

ISBN 85-901260-1-3

1. Espiritismo. 2. Vida Cristã. 1º Título

CDD-133.9

SUMÁRIO

Qualidade de Vida (Uma visão Espírita)

A questão da Identidade

Estava Escrito

A questão do Sofrimento

Por que Sofremos

O Poder do Pensamento

A Prece

1. As palavras entre os povos antigos

Jesus e a Prece

A Prece Espírita

A Teoria do Carçoço de Manga

Carisma e Sucesso

Reencarnação e Qualidade de Vida

O Grande Vencedor

1. Ele sabia o que queria

2. Cumprir Etapas

3. Resistir às Tentações

4. Formar Equipes

5. Humildade

6. Capacidade de tomar decisões e de assumir responsabilidades

7. Manter a Coerência

8. Coragem

9. Habilidade com a Palavra

Um Pouco de Retórica é sempre Útil

1. As qualidades de um bom orador

2. Perguntas iniciais

a) Sobre o que vou falar?

b) Para quem se vai falar?

c) Para que vou falar?

Iniciando o Processo

1. Da Introdução

2. Do Desenvolvimento

3. A Teoria da Ampliação

4. Como Fazer uma conclusão

Oratória e Mediunidade

O Uso do Microfone

O Contato com o Auditório

Dignidade no contato com o auditório

Como Vai a Sua Memória?

1. A Capacidade de observação

2. Da Associação

Palavras Finais

QUALIDADE DE VIDA - (UMA VISÃO ESPÍRITA)

Vamos abrir este capítulo introdutório com alguns conceitos sobre a vida, recolhidos em autores conhecidos da tradição literária do Ocidente. Vejamos, pois:

A vida é um jogo monótono / em que tens a certeza de ganhar dois pontos: / a dor e a morte. Feliz a criança que expirou no dia de seu nascimento... / Mais feliz ainda é a que não veio a este mundo. (Ornar Khayyam).

Afinal, toda a vida dos mortais / que é senão uma peça de teatro / na qual todos aparecem com o rosto coberto por máscaras / e desempenham seus papéis até que o corego as faz sair de cena. (Erasmus de Rotterdam)

A vida é uma sombra ambulante / um pobre ator que gesticula em cena / por uma ou duas horas! Depois não se ouve mais nada! Um canto cheio de som e fúria! Dito por um louco e sem significado algum. (William Shakespeare. Mac Beth. (Ato IV)

E afinal, será a vida mais que um sonho! Que, por um momento, pousa na matéria! Para com ela se acabar? / Mas para que este instante de consciência? ! Só para vermos o horror do não-ser? (Madarich. A Tragédia do Homem. As palavras de Lúcifer).

Quem passou pela vida em brancas nuvens! E num plácido repouso adormeceu! Quem não sentiu o frio da desgraça! Quem passou pela vida e não sofreu! Foi espectro de homem não foi homem! Só passou pela vida, não viveu. (Francisco Otaviano.).

Se o leitor prestou bastante atenção aos textos que leu, deve ter notado, com grande facilidade, o pessimismo que se encontra nessas palavras. Cada uma das opiniões dos autores citados se encontra eivada de um sentido dolorosamente trágico. Tem-se a impressão de que, para eles, a vida é uma espécie de banquete a que somos convidados a participar, mas sem poder recusar o convite. As iguanas, que são extremamente diferentes, nós não as escolhemos e, uma vez servidas, não podem ser recusadas. Devemos comê-las até o fim, reclamando ou não, mas comer até que o prato fique inteiramente limpo. Não devemos nem mesmo interromper o banquete no meio e deixar a mesa antes que o banquete termine.

Dentre as passagens apresentadas, a de Wiliam Shakespeare possui, para nós, um particular interesse porque trata de uma questão fundamental para a nossa existência: a questão do sentido. A vida não tem um sentido próprio, mas o que damos a ela. Assim, se um homem acredita que viver é ter poder ou fortuna, nisso ele colocará o sentido de sua vida e a sua existência será uma luta permanente em busca do poder ou do dinheiro que ele considera como essenciais. Um outro poderá significar a sua vida, entregando-se aos labores científicos, como um Einstein ou um Niels Bhor; outros, como a madre Teresa, podem dedicar toda a sua vida ao serviço dos deserdados deste mundo nas ruas de Calcutá. Outros ainda decidem que o sentido de suas vidas se encontra nos palcos, sob as luzes das ribaltas, em meio aos aplausos do público entusiasmado.

Nada nos torna mais infelizes do que uma vida vazia, deserta de sentido e de objetivos. Uma das necessidades fundamentais exigidas por uma vida de qualidade é imprimir à existência um sentido claro. Quem não sabe onde quer chegar chegará a lugar nenhum. Em momentos extremos, a ausência de sentido pode levar à depressão e

mesmo ao suicídio. Talvez isso explique o fim trágico da vida de ídolos notáveis como, por exemplo, Elvis Presley que pagou um preço demasiadamente alto por sua vida ter perdido o sentido.

A esta altura, surge uma pergunta necessaríssima: como significamos nossas vidas? Essa pergunta poderia também ser feita de outro modo: como lemos a realidade que nos cerca? Nesse caso, para se fazer uma leitura, ainda que superficial da realidade, é necessário o apoio de um instrumental teórico que nos oriente e nos ajude na compreensão do mundo. Tomemos alguns exemplos: com base no pensamento de Jean Paul Sartre (instrumental teórico), poderíamos fazer uma leitura existencialista da realidade; se, porém, tomarmos a teoria de Marx como instrumental teórico, faremos uma leitura marxista, diversa, naturalmente, da leitura anterior; se, entretanto, nos utilizarmos da proposta de Sigmund Freud, o criador da Psicanálise, teremos uma leitura psicanalítica da vida, diferente das duas últimas. Cada uma dessas leituras imprimirá às nossas vidas um sentido que nos levará a um determinado tipo de ação.

A leitura do mundo, embasada no instrumental teórico, ou mesmo em nossas próprias experiências, nos dá os nossos sistemas de crenças ou convicções e é desse sistema que derivam nossas ações ou atitudes. Se, por exemplo, um homem acredita na superioridade da raça branca sobre todas as raças, ou na inferioridade da mulher, tenderá a ter uma atitude preconceituosa em relação aos não brancos ou um comportamento discriminatório quando se trata do sexo feminino.

Quem nos seguiu até aqui, já deve ter percebido que podemos colocar, em nossa vida, sentidos positivos ou negativos conforme a linha teórica que nos orienta. Nesse fato está o problema central deste livro: a qualidade de vida. Imaginemos que uma pessoa tenha crenças limitadoras e negativas do tipo:

Tudo acontece comigo; nada do que eu faço dá certo; Deus se esqueceu de mim; é muita areia para o meu caminhão; sou um desgraçado; isso não é para o meu bico; isto é um sonho impossível; eu sei que não vai dar certo; vou fazer por fazer, mas sei que não vou conseguir, quem sou eu para...

Essa pessoa que acabamos de imaginar (embora ouçamos com frequência esse tipo de frase) é, por certo, alguém que possui uma pobre qualidade de vida, já que ela prefere acreditar em coisas negativas que, se não forem controladas, podem levar à depressão e mesmo à morte. Esse tipo de pessoa costuma deslocar para fora de si a causa de sua infelicidade, quando os seus problemas têm como ponto de partida a sua atitude mental.

Há, portanto, doutrinas negativistas que levam a crenças negativas e baixam a qualidade de vida de quem às emite. Essas doutrinas, entretanto, não nasceram conosco.

Nós as aprendemos em um certo momento de nossas vidas e as tomamos para nós por acreditar em sua eficácia, ou por achar que sejam portadoras de verdades, ou ainda porque as ouvimos de uma autoridade a quem respeitávamos. Ora, se as aprendemos, podemos desaprendê-las, ou em linguagem da Informática: se fomos mal programados, por que não podemos deletar o mau programa e fazermos outro?

Muitas pessoas responderiam negativamente a essa pergunta porque acreditam em crenças falsas como: eu não mudo, eu sou assim, assim mesmo que eu sou; eu sou iguala um burro, quando empaco, empaco, pensando que com isso demonstram uma personalidade forte quando, em verdade, expressam apenas o seu radicalismo e a sua teimosia ante à vida. Pobre da pessoa que não muda, pois está condenada a não avançar e se transforma em uma espécie de estátua de pedra, passando toda a sua vida cometendo os mesmos enganos, mas se julgando coerente consigo mesma.

A pessoa capaz de mudar, de buscar novos sentidos para a sua vida, não é necessariamente uma "Maria-vai-com-as-outras", mas alguém que, atento à vida, percebe que, se não mudar, ficará na contramão dos fatos e, às vezes, o preço que se paga por não avançar pode ser bastante pesado. Conta-se que, em certa ocasião,

Mahatma Gandhi sustentou um determinado ponto de vista político, porém, na semana seguinte, sobre o mesmo tema, expressou uma opinião diferente da que havia expressado antes. Interrogado por seus seguidores mais próximos a respeito da segunda declaração, ele disse: "Em uma semana se muda muito".

Em verdade, não há bom senso em se manter uma atitude que perdeu o sentido para nós e até mesmo que nos faz sofrer, motivados apenas pelo orgulho de não "dar o braço a torcer" ou pelo simples medo da novidade. Há, aqui, entretanto, que se fazer uma ligeira reflexão. Quando se fala em mudanças, não se está falando em mudar por mudar, modificar-se para parecer "moderninho" ou para satisfazer os outros. Isto também não nos parece sensato. Quando falamos em mudanças, estamos falando em modificações essenciais para as nossas vidas, capazes de nos oferecer um novo sentido e reorientar o nosso comportamento.

Penso que já temos condição de falar francamente sobre o subtítulo de nosso trabalho. Dissemos também há pouco que as nossas crenças determinavam as nossas atitudes.

Essa é uma afirmação da qual não abrimos mão em hipótese alguma. Sendo essa afirmação verdadeira, conclui-se que, mudando as nossas crenças, alteramos as nossas convicções e passamos a agir de um outro modo.

Ficou claro também que o nosso sistema de crenças deriva do instrumental teórico que escolhemos para ler a realidade; logo, para se mudar uma crença, temos que mudar o nosso instrumental teórico. Continuando com a mesma leitura de mundo, teremos as mesmas crenças e insistiremos nas mesmas práticas.

Neste trabalho, defendemos a tese de que a Doutrina dos Espíritos é um instrumental teórico e, como toda a teoria, fornece um modo de ver a realidade. Pretendemos, com este texto, mostrar como o Espiritismo pode nos dar uma visão de qualidade de vida ou reforçar bastante a que já possuímos. Se o leitor acreditar nisto, está convidado a empreender uma viagem que espero seja útil e proveitosa.

A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Acreditamos que, ao se fazer um projeto para conseguir melhorar a qualidade de vida, dever-se-ia perguntar: Quem sou?

A resposta a essa questão parece demasiadamente fácil e mesmo óbvia: eu sou um ser humano. Essa resposta é, por seu turno, muito simplista e nos obrigará a fazer uma outra pergunta: O que é ser um ser humano?

Essa é uma questão muito antiga e as respostas a ela variam na proporção das doutrinas que tratam do assunto, entretanto, como no caso anterior, o conceito de ser humano costuma ser também muito negativo. Diz o notável escritor brasileiro Humberto de Campos: "O homem, de destino muito incerto! É, nas mãos dos fados / o que é o camundongo na boca do gato que o apanhou. (Humberto de Campos. Memórias)".

Essa frase, calcada por certo na tradição de destino oriunda do pensamento grego, expressa um profundo pessimismo sobre a liberdade humana. Nesse modo de ver o homem é uma folha que ao cair da árvore é arrastada pelos ventos da tempestade, indo ao acaso, sem saber para onde. Não tem poder sobre si mesmo e, arrastado pelos elementos, irá para onde eles o conduzirem. Não pode decidir sobre o seu próprio caminho ou fazer escolhas sejam quais forem. Está indefeso ante o destino como a folha em relação ao vento ou o camundongo com respeito ao gato.

Outros, como o escritor existencialista Albert Camus, vêem o homem como um ser menor, despido da dignidade que a filosofia humanista procurou imprimir a ele. Vejamos a passagem de Camus que escolhemos: "Quando se tem meditado muito sobre

o homem, por ofício ou por vocação, chega-se a ter saudades dos primatas".(Camus.A Queda.)

Machado de Assis, o notável romancista brasileiro, com sua ironia constante e permanente pessimismo, escreve sobre o homem: "Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante, não. É uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva que o editor dá, de graça, aos vermes. (Machado de Assis. Memórias Póstumas de Braz Cubas. Cap. XX VIII)".

Por fim, chegamos a um texto extremo e desesperado sobre a criatura humana. Seu autor é o poeta paraibano Augusto dos Anjos: "Homem, carne sem luz, criatura cega / realidade geográfica e infeliz / o universo calado te renega / e a tua própria boca te maldiz." (Augusto dos Anjos. Eu e Outras Poesias).

Todos esses textos, e outros que poderíamos trazer para a nossa apreciação, são parciais e produtos de leituras de mundo restritas e unilaterais. Podemos, então, fazer uma pergunta: Como o Espiritismo vê o homem? Como a Doutrina dos Espíritos constrói a realidade humana? É isso que vamos discutir em seguida.

A Doutrina Espírita parte de uma tese central: Deus existe e é necessário que exista, e o define como a inteligência universal, causa primeira de todas as coisas.

Essa idéia de Deus como fundamento do mundo é a primeira noção de qualidade que a Doutrina Espírita (e as religiões em geral) imprimem à vida humana. Quando acreditamos sinceramente na existência de Deus, evitamos, por exemplo, a angústia do Existencialismo que defende a tese de que a vida é um "nonsens", uma espécie de absurdo, e que o homem é uma paixão inútil; os excessos radicalizadores da visão de mundo marxista e de doutrinas afins; por fim, nos defendemos do modo de viver cínico e inconseqüente que, não raro, confunde gozar a vida com gastar a vida, e que provoca um grande número de suicídios involuntários.

Uma segunda tese derivada da primeira é a seguinte: Há, para o Universo, um plano ou um projeto divino do qual cada ser, nos mais diversos mundos habitados, é parte integrante. No que diz respeito ao nosso planeta, dois livros psicografados por Francisco Cândido Xavier e escritos por André Luiz e Emmanuel - *Evolução em Dois Mundos* e *A Caminho da Luz* - tratam desse assunto com abundância de detalhes.

A idéia de um projeto divino é importante porque nos revela que o mundo possui um objetivo e que, portanto, não somos presas do acaso, Tudo o que acontece no Universo não se dá aleatoriamente, mas segundo a ação inteligente dos prepostos de Deus que com Ele colaboram na consecução desse projeto. Essa idéia nos diz ainda que, como partes desse plano, somos colaboradores de Deus na sua obra. Penso que essa conclusão nos dá importância e aumenta consideravelmente a nossa auto-estima. Não somos um acidente fortuito da matéria, não somos um cometa que passa pelo céu vindo não se sabe de onde e indo não se conhece para onde; mas uma parte importante da obra de Deus. Esse é, por certo, o motivo da frase de Jesus segundo a qual Deus não está indiferente nem à morte de um pardal nem para um fio de cabelo que cai de nossa cabeça. Nós, portanto, somos importantes para Ele, assim, é fundamental que Ele seja importante para nós também e que façamos a nossa parte no projeto divino.

Colocada essa primeira questão, vamos a uma segunda. No início deste capítulo, dissemos que a noção de qualidade de vida estaria intimamente ligada à pergunta: Quem somos? Porém, como a Doutrina Espírita responde a essa questão? A resposta é clara e objetiva: Somos espíritos criados por Deus, temporariamente encarnados em corpos materiais. Essa resposta é de considerável importância porque nos liberta da idéia de uma existência efêmera, como as rosas de Malherbe que vivem apenas o espaço de uma única manhã. Não somos um agregado de átomos que pensa e sente e que terminará com a desagregação provocada pela morte, nós somos um espírito imortal em busca da plenitude.

Diz ainda a Doutrina Espírita que fomos criados, por Deus, simples e ignorantes. Essa é uma outra idéia extremamente interessante porque inscreve a criatura humana, enquanto espírito, no contexto evolutivo do planeta. O espírito é, portanto, um ser em movimento e o seu sentido maior é progredir sempre a caminho da LUZ. Esse modo de ver o homem dá-lhe um profundo sentido de responsabilidade uma vez que ele é o autor e ator da própria história. Somos responsáveis, por conseguinte, por nossos atos bons ou maus.

O homem é um ser que faz escolhas. Não andou muito longe Jean Paul Sartre ao dizer que estamos condenados à liberdade. Felicidade e infelicidade, na maioria dos casos, é uma questão de escolha e, para isso, temos o livre-arbítrio. Não devemos, entretanto, nos esquecer de uma frase que virou adágio popular: A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória. A pessoa que aspira a uma vida de qualidade é aquela que leva muito a sério o ato de escolher porque está ciente de que colhemos aquilo que plantamos e quem semeia ventos, por certo, colhe tempestades.

Por tudo o que ficou dito até aqui, esperamos ter deixado bem claro que, segundo a Doutrina Espírita, somos seres espirituais, criados por Deus, simples e ignorantes e que, partindo desse patamar, iniciamos uma longa caminhada no sentido de alcançarmos os mundos ditosos. Repetimos: cada um de nós é parte de um projeto divino - um projeto universal - do qual participamos não como peças de um jogo de xadrez, mas como criaturas livres que fazem escolhas que determinam a nossa qualidade de vida material ou espiritual. Não podemos nos esquecer disso. A Doutrina Espírita é, portanto, uma doutrina que afirma a nossa liberdade e o nosso direito de fazer escolhas e de agir segundo essas escolhas.

Certa vez estive em uma confraternização de juventudes espíritas da Zona da Mata, em Minas Gerais. Naquela ocasião, uma jovem espírita me fez uma pergunta: "Professor, o senhor pode me dizer se a Doutrina proíbe que uma jovem como eu use biquíni na praia?" Eu respondi a ela que não havia a menor limitação quanto a essa questão uma vez que, no tempo em que Allan Kardec codificou a Doutrina Espírita, não existiam biquínis nem nada semelhante. Ela pareceu satisfeita, mas eu quis continuar o assunto e expliquei aos jovens presentes o seguinte: a morte nada acrescenta nem retira de um espírito, quer do ponto de vista intelectual quer do ponto de vista moral.

A morte interrompe uma encarnação e o desencarnado regressa ao Plano Espiritual na condição evolutiva em que se encontrava quando encarnado. Assim sendo, o homem que na Terra, enquanto encarnado, deixou-se prender nas malhas de um vício, desencarnado continuará preso nas mesmas teias. O bêbedo encarnado, depois de seu desencarne, do outro lado da vida, continua, muitas vezes, sequioso do álcool do qual era dependente. Do mesmo modo, o sexófilo, também prossegue com a mente presa aos seus desejos instintivos, buscando saciá-los no Plano Espiritual da forma que lhe for possível. As praias, os inferninhos, as boites, os cinemas onde passam filmes pornográficos são lugares freqüentados por espíritos libidinosos, assim como os cassinos são procurados por jogadores desencarnados. "Minha filha, disse eu me dirigindo à moça que me havia perguntado, se você deseja correr o risco de ser paquerada duplamente por encarnados e desencarnados é um problema seu. Você decide."

Esta me parece ser a principal qualidade da Doutrina Espírita: esclarecer. A nossa Doutrina faz (ou procura fazer) uma diferença significativa entre educar e reprimir. Reprimimos quando, em troca de vantagens ou por meio de ameaças, conseguimos que uma pessoa faça aquilo que desejamos.

Educamos quando levamos uma pessoa a se convencer, por meio de argumentos lógicos e por exemplificações constantes, de que uma determinada conduta é melhor do que outra. A proposta da Doutrina Espírita é muito ambiciosa porque pretende produzir um movimento de dentro para fora e que, conseqüentemente, é mais duradouro do que

as repressões nas quais, uma vez enfraquecida a força do elemento persuasor, tende a retornar, e com mais intensidade, aquilo que fora reprimido no passado. A Doutrina Espírita, portanto, busca mudanças mais profundas e significativas que possam se tornar parte do patrimônio do espírito e contribuam efetivamente para o seu progresso.

ESTAVA ESCRITO

Permitam-me que eu abra este capítulo contando um velho mito grego: o Mito de Édipo que serviu de tema a uma bela peça de Sófocles intitulada Édipo-Rei. Vamos, porém, ao mito.

Laio, o rei de Thebas, era casado com Jocasta. O rei vivia muito angustiado porque a rainha não tinha filhos e ele julgava necessário um herdeiro que lhe sucedesse no trono. Na sua aflição, Laio decidiu consultar o oráculo de Apoio para saber se a esterilidade do casal duraria para sempre.

Em uma certa manhã, Laio e Jocasta foram ao santuário, bastante ansiosos, e o rei interrogou a Pythia (sacerdotisa de Apoio nos oráculos). Após um longo silêncio, o deus falou através de sua médium: "Laio, terás o filho que desejas, porém, melhor seria que não o tivesses porque ele matará o pai e se casará com a própria mãe."

O casal, como seria de esperar, deixou o santuário desesperado com aquilo que o destino lhes havia reservado. Pouco tempo depois, Jocasta ficou grávida e deu à luz um menino. Laio, querendo driblar o destino, chamou um pastor de sua confiança e lhe deu ordens para que matasse a criança. O homem pegou o príncipe recém-nascido das mãos do próprio rei e o levou a Monte Citeron, lugar inóspito habitado por animais selvagens. Ali ele amarrou o menino pelos pés no galho de uma pequena árvore, crendo que seu choro atrairia as feras ou mesmo que ele viesse a morrer pelo incômodo da posição em que havia sido colocado. Feito isto, partiu para dar ciência ao soberano de que a sua missão estava cumprida.

Mal, porém, o homem de Laio se afastara, passou por ali um cidadão, da vizinha cidade de Corinto, que, vendo a criança chorando, apiedou-se dela e, libertando-a, levou-a consigo. Em Corinto, conforme o costume local, ele teve que apresentar a criança ao rei que, não tendo filhos, tomou-a para si e a criou como se fosse um príncipe real. Como os pés da criança se mostrassem deformados, por causa da corda que os havia amarrado, o monarca deu-lhe o nome de Édipo que significa pés inchados.

Édipo cresceu desconhecendo por completo a própria identidade. Um dia, durante um banquete, houve uma desavença entre Édipo e um dos convidados. Em um certo momento mais duro da discussão, o nobre coríntio falou irritado ao príncipe:

"Melhor farias, Édipo, se fosses descobrir a tua própria origem." Houve na sala um silêncio constrangedor, que logo foi contornado, e o banquete prosseguiu normalmente, entretanto, o homem, sem o querer, havia plantado no coração de Édipo o espinho da dúvida. Assim, no dia seguinte, Édipo decidiu que iria resolver o seu problema.

Com esse intuito, deixou a sua casa em Corinto e foi consultar um oráculo, o mesmo em que seu pai e sua mãe verdadeiros - Laio e Jocasta - haviam ido anos antes de seu nascimento. Logo depois que iniciou a sua sessão com a Pythia, o deus se manifestou, irado, dizendo: "Fora daqui, parricida e incestuoso!" Édipo sai do santuário cambaleante. Do lado de fora, procurando manter o sangue frio, interpretou as palavras do oráculo como uma profecia segundo a qual mataria Políbio e desposaria Peribéia, reis de Corinto e únicos pais que ele conhecia.

Assim pensando, Édipo decide que não voltaria mais para Corinto, porquanto, agindo desse modo, a funesta profecia não se realizaria. Iria, pois, para a cidade de Tebas onde não poria em risco pessoas que lhe eram tão caras. Resolvido, pôs-se a

caminho. Numa encruzilhada em Dauris, perto de Tebas, em um lugar onde a estrada se tornava muito estreita, viu um carro que vinha na sua direção. Como a estrada não comportasse um carro e um pedestre, o cocheiro parou e disse a Édipo que saísse de sua frente para que o carro pudesse passar. Édipo recusou-se a fazer o que lhe era pedido. Um velho que acompanhava o cocheiro (e que outro não era senão Laio) interferiu. Édipo trocou com ele palavras ásperas e o ancião, descendo do carro, tentou agredi-lo sendo morto pelo jovem. Vendo o rei sucumbir, os que o acompanhavam fugiram apressadamente.

Édipo prosseguiu sua viagem até que chegou às portas de Tebas. Exatamente ali ficava a Esfinge, um monstro com corpo de leão, asas de águia e cabeça humana que a deusa Hera havia enviado contra a cidade. A Esfinge costumava propor aos que passavam um enigma que, se não fosse resolvido, o monstro matava o interrogado. Assim, quando Édipo passou, a Esfinge cortou-lhe os passos e perguntou-lhe: "Qual o animal que, ao alvorecer, anda com quatro pés, ao meio-dia, com dois e, à noite, com três?" Édipo respondeu: "Esse animal é o homem que no início da vida, engatinha, na fase adulta anda sobre dois pés e na velhice, para se locomover, se utiliza de uma bengala (terceiro pé). A Esfinge, desvendada, atirou-se em um abismo e desapareceu. Vencedor da Esfinge, Édipo entrou na cidade sob aclamação do povo.

Creonte, irmão de Jocasta e rei interino, como prêmio pelo serviço prestado aos tebanos, deu a Édipo a mão de sua irmã, Jocasta, recentemente viúva já que Laio havia morrido fora da cidade em circunstâncias não muito claras. Com isso, a profecia do oráculo se cumprira por completo: Édipo matara o pai e se casara com a mãe. Esse mito demonstra uma concepção de destino que os gregos antigos chamavam de moira ou destino cego. O mito de Édipo segue a fórmula: "ninguém foge ao seu destino".

Esse ponto de vista, os fatos de nossa vida, principalmente o nascimento, o casamento e a morte estão determinados por forças externas ao homem e nada, nem ninguém, pode alterá-los. Em verdade, Édipo matou o pai e se casou com a mãe no dia de seu nascimento, a concretização desses acontecimentos dependia apenas da maturidade física do herói. Por isso, tanto Laio quanto Édipo, tentaram inutilmente driblar o destino e impedir que as profecias tivessem lugar. É irônico o fato de Édipo correr na direção do destino quando imagina estar fugindo dele.

Conta uma antiga tradição que em Bassorra vivia um homem muito rico que possuía muitos escravos. Um dia, enviou um de seus escravos ao mercado para fazer algumas compras. O homem voltou desesperado e explicou ao senhor que havia visto a morte no mercado e que esta o havia olhado de um modo que gelara o seu sangue. Por certo, ela estava ali para buscá-lo. Por isso pedia a seu amo que permitisse sua partida para Bagdad a fim de evitar aquele encontro. O homem, que era bondoso, permitiu.

O escravo partiu imediatamente. O senhor, entretanto, muito impressionado com a narrativa de seu escravo, foi ao mercado e lá encontrou-se com a morte. Então, lhe perguntou:

- Por que você veio buscar o meu escravo?
- Eu? Não. Não vim a Bassorra para isso.
- Como não! Meu escravo ficou horrorizado pelo modo como você o olhou.
- Sim. Eu estava admirada por vê-lo em Bassorra porque tenho um encontro com ele, á noite, em Bagdad.

Esse conto popular, como no caso de Édipo, reflete muito bem a fórmula grega (também comum ao mundo árabe) segundo a qual é impossível escapar ao que está decretado pelo destino. Esta concepção, rigidamente determinística, passou para a cultura popular e é expressa em frases como: Deus escreve certo por linhas tortas; casamento e mortalha no céu se talha; quem morre na véspera é peru; o que é do homem, bicho não come, quem nasceu para dez réis, não chega a vintém; o que tem de ser será e assim por diante. Esse tipo de doutrina possui um caráter limitador e

conformista que nos impede de modificar a nossa vida por acreditarmos que tudo está escrito antes do nosso nascimento e que nada poderemos fazer para mudar.

Uma outra conseqüência dessa maneira de ver a vida, é o surgimento de grande número de espertalhões que vivem a explorar a ansiedade das pessoas com respeito ao futuro e passam a vender ilusões àqueles que estão dispostos a comprá-las. As pessoas ansiosas com o que vai acontecer no futuro, não raro, se esquecem do presente.

Não podemos perder de vista o fato de que hoje construímos o nosso amanhã. A minha felicidade, ou infelicidade, futuras dependem do rumo que estou dando à minha vida agora. Assim, a pessoa previdente que amealhou recursos ao longo de sua vida, que fez amigos sinceros, que cuidou da saúde sendo parcimonioso na alimentação e evitando os vícios, terá, por certo, uma velhice tranqüila; mas, se foi imprevidente, perdulário, incapaz de fazer amizades e vítima de vícios, com toda a certeza terá grandes chances de acabar pobre, doente, triste e só.

O que a Doutrina Espírita tem a dizer sobre isso? Será o Espiritismo uma doutrina determinística? Ao defender a tese do livre-arbítrio, a Doutrina dos Espíritos dá um golpe profundo na concepção tradicional do destino. Édipo poderia ser ou não ser incestuoso e parricida já que carecia de livre-arbítrio. Ele só poderia fazer o que fez e não outra coisa. Não havia alternativa.

Contudo, aqui há uma dificuldade. A Doutrina Espírita nos fala de compromissos que assumimos no Plano Espiritual antes de nosso nascimento. Isso é verdade, mas não se trata de destino. Quando Jesus começa a sua vida pública, recruta os seus auxiliares: os apóstolos. Jesus não conversa com eles, não os convence a segui-lo nem os persuade, oferecendo vantagens, ele fez um convite e o convite dele, como no caso de Levi (Mateus), foi aceito prontamente.

Acreditamos que os apóstolos diretos de Jesus tinham, antes de encarnar, assumido um compromisso com ele, na hora de ratificar esse compromisso, eles o fizeram sem vacilar. Tomemos, entretanto, um outro exemplo. Conta-nos os evangelhos que, um dia, um jovem muito rico aproximou-se de Jesus e lhe perguntou o que deveria fazer para alcançar o Reino dos Céus. Jesus lhe perguntou se ele seguia a lei de Moisés e os ensinamentos dos profetas e ele disse que sim. Então Jesus lhe diz:

"Dá tudo o que é teu aos pobres, segue-me e terás um tesouro no céu."

O rapaz era livre para escolher entre abrir mão de sua fortuna pessoal e seguir Jesus ou não renunciar à vida material e prosseguir fora do reino dos Céus. Ele escolheu não abrir mão de suas posses e continuar materialmente rico. Imaginemos, só para argumentar, que o moço nascera com a proposta de superar o apego ao dinheiro, porém, falhou na hora de dar o seu testemunho. Os apóstolos não falharam, mas ele falhou. Assim, como se pode ver, há uma diferença considerável entre comprometer-se com alguma coisa e estar destinado a realizá-la.

Nós somos livres para tomar as nossas decisões. Há, no Velho Testamento, uma passagem fantástica com respeito à liberdade humana. Moisés havia reencarnado para realizar uma profunda transformação religiosa. No entanto, na hora em que foi chamado por Jeová a fim de dar início a seu trabalho, tremeu. O Espírito do Sinai percebe a sua hesitação, sabe que precisa dele para realizar a tarefa que deve ser realizada, porém, não o obriga, convence-o a fazer o que deve, destruindo os argumentos que Moisés expõe para se desviar da rota que ele mesmo havia traçado.

Saulo de Tarso é um outro exemplo de espírito compromissado com uma tarefa importantíssima para a evolução do planeta. Ele foi o espírito escolhido para levar o Evangelho de Jesus aos gentios, ou seja, ao mundo não judeu. Por certo foi consultado e aceitou a missão. Na terra, encarnado, Saulo deixou-se levar por outros interesses, mas Jesus o desperta no Caminho de Damasco. Outros exemplos como o de Santo Agostinho e Francisco de Assis, podem ser trazidos para aqui corroborando a nossa tese. Nenhum desses espíritos estava fadado - no sentido grego desta palavra - a realizar

as tarefas que realizaram. Não estavam obrigados, a não ser pela integridade de seus caracteres, a levar a cabo o trabalho que deveriam executar.

Esta idéia é muito útil para as pessoas conscientes. Não somos determinados, por qualquer tipo de força externa, a fazer ou deixar de fazer alguma coisa. O poeta alemão Rilke escreveu certa vez: "Já tiveram que ser repensadas muitas noções relativas ao movimento, acabará acontecendo que, aos poucos, aquilo que chamamos destino sai de dentro dos homens em vez de entrar neles."(Rilke. Cartas a um jovem Poeta). Somos, portanto, livres para errar ou acertar e por isso, responsáveis por tudo o que nos acontece de bom ou de mau. Imprimir qualidade à sua vida é, antes de mais nada, ter consciência de sua própria liberdade e preparar-se todo o tempo para exercê-la de um modo produtivo.

A QUESTÃO DO SOFRIMENTO

A nossa ótica hedonista e acanhada nos faz ver o sofrimento como algo ruim, uma espécie de castigo que nos é imposto, quase sempre sem que saibamos os motivos reais, por forças superiores a nós. É sobre essa questão que vamos conversar nesta seção. Começemos por um texto do escritor francês Anatole France:

"Ó sofrimento! Que divino desconhecido! Devemos-lhe tudo o que é bom em nós, tudo o que dá valor à vida: devemos-lhe a compaixão; devemos-lhe a coragem; devemos-lhe todas as virtudes. A Terra não passa de um grão de areia no deserto infinito, mas, se o sofrimento se limita à Terra, ela é maior que todo o resto do universo." (O Jardim de Epicuro)

Vejamos também o que nos diz o elegante poeta Alfred Musset: "O homem é um aprendiz, a dor é a sua mestra e ninguém se conhece enquanto não sofreu."(Musset. Poesias).

Após esses dois textos, vou lhes contar uma história que li ou ouvi em algum lugar. Vou contá-la do meu modo. Certa vez, por uma estrada suja e pedregosa, em um lugar deprimente e lúgubre, marchava uma longa fila de condenados que carregavam cruzes muito grandes e pesadas. Lá iam eles, caindo aqui, caindo ali, suados e ofegantes, mas forçados pelos guardas a caminharem sempre para frente. Na procissão dolorosa, ouviam-se gemidos lamentosos e o pranto era uma constante. Os guardas severos, entretanto, insistiam que a caminhada continuasse. A revolta maior dos prisioneiros era não saberem com clareza por que deveriam levar aquelas cruzes e qual o motivo de suas penas.

Entre os desgraçados, porém, havia um que, se julgando muito esperto, cautelosamente, cortou um pedaço da sua cruz. Um dos guardas viu o que ele fazia, mas nada disse. Não entendendo o que acontecera, ele imaginou que o guarda houvesse ficado com medo dele ou a ele fosse simpático por motivos que lhe eram desconhecidos.

Continuou a caminhar e, mais ousado, cortou um outro pedaço de sua cruz. Um segundo guarda viu, e agiu do mesmo modo que o primeiro. Os guardas, por certo, não eram tão severos quanto pareciam, pensava ele, e assim, foi cortando a sua cruz até que ela ficou bem reduzida e ele a carregava com grande facilidade, enquanto os outros prosseguiram gemendo e chorando sob o peso de suas cruzes.

O cortejo seguiu e, a uma certa altura, as condições do caminho começaram a melhorar bastante: a luz do sol, até então ausente, surgiu, penetrando a densa neblina cinzenta, trazendo agradável sensação de calor. O cheiro nauseante de lodo e flores mortas passou a ser levado pela brisa mansa que soprava suave e, em lugar dele, vinha um odor gostoso de manacá no fim de tarde. De repente, chegaram a um platô muito alto de onde se podia avistar, lá em baixo, um vale muito verde e maravilhosamente

florido no qual se viam pessoas felizes cantando e dançando. Um som doce de flauta espalhava-se pelo ar e chegava aos ouvidos dos prisioneiros. O grupo parou e, por instantes, contemplou a paisagem paradisíaca. Todos estavam ansiosos para chegarem àquele lugar maravilhoso. Havia, entretanto, entre o platô e o vale, um abismo pavoroso. O chefe dos guardas, então, disse que os prisioneiros deveriam colocar as suas cruzes no espaço entre os dois lugares para que servissem de ponte. Cada um deles foi colocando a sua cruz e, felizes, atravessavam para o outro lado. Porém, o homem que havia cortado a sua cruz não pode fazer como os outros e, frustrado, sentou-se no chão e começou a chorar. O chefe dos guardas falou então:

"Meu amigo, volte lá no princípio do caminho, tome a sua cruz e recomece."

Penso que esses três textos dão uma idéia bastante clara da função do sofrimento. Ele é, de fato, a cruz que serve de ponte entre os mundos inferiores e os superiores.

Ele não é um castigo como se pensa, mas um instrumento de redenção. A dor é a mestra da vida, como nos disse Musset, e nós, seus eternos alunos. Com ela, diz Anatole France, aprendemos a compaixão e todas as virtudes. Crescemos com ela e nos humanizamos por meio dela. Já se tornou uma espécie de lugar comum, nos meios espíritas, as pessoas dizerem que há dois modos de se chegar ao Espiritismo: pelo amor e pela dor, e concluem que o modo mais comum é a dor.

Conta-se que Dimitri Merejkovski, ainda menino, fazia poesias e o pai dele, admirado com a precocidade do filho, tomou as poesias e levou-as para a apreciação do maior escritor russo daquela época: Fiodor Dostoievski. Dostoievski examinou os versos do pequeno Dimitri, leu e releu e, por fim, falou ao pai ansioso:

"Não sofreu."

Essa crítica lacônica é interpretada pelos críticos como: "a poesia de seu filho não é boa pois falta-lhe o tempero do sofrimento." Conforme esse ponto de vista, não há verdadeira obra de arte sem que haja sofrimento. Sem sofrimento, muitas vezes, pode haver forma, mas nem sempre, conteúdo. No campo da literatura foram grandes artistas sofredores: Luiz Vaz de Camões, Miguel de Cervantes Saavedra, Dante Alighieri, Petrarca, Machado de Assis, Augusto dos Anjos, Edgar Allan Poe, André Gide e o próprio Dostoievski. Nas artes plásticas, despontam: O Aleijadinho, Miguel Angelo Buonaroti, ToulouseLautrec, Van Gogh, isso para encurtar a lista que é demasiadamente ampla.

Não basta, porém, o sofrimento em si mesmo para operar mudanças qualitativas. O problema não está em sofrer mas no modo como utilizamos o sofrimento para o nosso progresso espiritual. O fato de uma pessoa sofrer muito não significa grande coisa se ela não retirou do sofrimento lições proveitosas para si própria. É nesse sentido que Musset disse que a dor é a mestra da vida e nós seus alunos.

Nos anos 70, entrei em contato com a Colônia de Curupaiti, em Jacarepaguá, que abriga doentes de hanseníase. Ali iam (e ainda vão) em caravanas fraternais, muitos espíritas com o objetivo de amenizar as duras provas por que passam os internos daquele lugar. A maior parte dos caravaneiros que visitavam a Colônia ficava impressionada como que viam. Alguns achavam que aquele lugar era um cadinho onde almas se depuravam pela dor. Emocionados, conversavam com os internos e em conversas fraternas, depois da visita, faziam observações sobre Curupaiti como se ali fosse um lugar de almas que haviam aceito com bravura expiações duríssimas, mas dando grandes passos no caminho da evolução.

Eu, porém, que havia trabalhado lá por algum tempo, e que vivera o dia-a-dia dos doentes, sabia que havia internos que traficavam drogas, assaltavam lá fora e vinham se esconder na colônia, praticavam agiotagem e outros ainda que cometiam, ostensivamente, uma grande variedade de desvios morais. Ao lado desses infelizes, que a dor não fora capaz de dobrar, havia outros que procuravam, apesar da doença, prestar

auxílio aos menos afortunados. Em verdade, todos ali estavam doentes, mas nem todos eram doentes. Para uns, a dor era uma espécie de chicote que lhes comia a carne, provocando-lhes apenas revolta; para outros, porém, a doença era uma experiência dolorosa, mas que lhes trazia algo de bom e de produtivo.

A Doutrina Espírita nos ensina que a dor não é um castigo, um látego que nos corta o corpo e, às vezes, nos dilacera a alma, mas um recurso divino para o nosso progresso.

Frente à dor o mais aconselhável é termos uma atitude corajosa, não viver choramingando pelos cantos culpando os outros ou a própria Providência pelo nosso sofrimento.

Isso faz a diferença.

Uma jovem americana, atleta de corrida, fundista de futuro promissor, sofreu um acidente e ficou parálitica. A sua situação era extremamente triste, pois havia sido atingida no órgão de que mais precisava. Passou, então, a viver em uma cadeira de rodas. Nessa nova situação, não chorou, não se lamentou nem pediu a comiseração das pessoas. O que ela fez foi observar como as cadeiras de rodas eram incômodas. Associou-se a um amigo projetista e juntos criaram uma cadeira de rodas com mais qualidade. Fundaram uma pequena empresa para construir esse novo modelo de cadeiras que alcançou grande sucesso no ramo. Esta moça descobriu algo muito útil: fazer de sua perda um ganho.

Há muito pouco tempo, tivemos no Brasil um caso notável: um atleta, velejador reconhecido internacionalmente, velejava pelos mares de Vitória, no Estado do Espírito Santo, quando seu veleiro foi abalroado por uma lancha e, no acidente, após ter estado entre a vida e a morte durante muito tempo, perdeu uma perna. O tempo passou e no domingo, 13 de dezembro de 1998, ele aparece em uma entrevista transmitida pela televisão. Em suas declarações não culpava o destino e nem mesmo fazia referência ao causador do acidente, experimentava a sua perna mecânica provisória e, com bom humor, fazia blagues sobre a sua prótese e mais ainda: afirmava que estava se preparando para voltar a velejar.

Nessa entrevista, ele não só nos deu uma lição de otimismo e perseverança como chamou a nossa atenção para as pequenas grandes coisas do cotidiano. Disse ele que andar de muletas o impedia de passear de mãos dadas com a esposa e de pôr a sua filha no colo e que por isso ansiava pela perna mecânica. Andar de mãos dadas com alguém de quem se gosta, pôr uma criança no colo, coisas simples, mas que ganham notável dimensão quando as perdemos.

Não aceitar o sofrimento como algo definitivo, resistir até o fim, não se render, buscar forças interiores para superar aquele estado negativo, aquele momento de dor, é sinal de qualidade. Contarei aqui um caso realmente notável que vale como exemplo do que estamos procurando dizer.

W. Mitchell estava em sua moto a cerca de 100 quilômetros por hora. Distraindo-se, não percebeu o caminhão na sua frente, mas era muito tarde. Tentou um golpe de direção, entretanto, não obteve bom resultado, a moto derrapou e ele foi para baixo do caminhão. A tampa do tanque de gasolina de sua moto soltou-se, o combustível se espalhou pelo chão e o incêndio foi inevitável.

Tudo ficou muito escuro, ele perdera a consciência. Quando despertou estava em uma cama de hospital com dores de queimaduras de terceiro grau pelo corpo todo, incapaz de se mover e temendo respirar porque até isso lhe aumentava as dores. O que fez esse homem ferido tão fortemente assim? Ele não desiste e volta a assumir a sua carreira de negociante. Algum tempo depois desse acontecimento, Mitchell sofre um novo acidente, desta vez foi a queda de um avião no qual viajava, e esse segundo acidente o paralisa da cintura para baixo e para o resto de sua vida.

E agora? Como reagiu este homem? Vou deixar que fale por mim Anthony Robbins que nos conta essa história em um livro intitulado O Poder sem Limites:

"Mitchell está vivo e bem, morando no Colorado. Desde seu terrível acidente de moto, conheceu mais sucesso e alegria do que a maioria das pessoas durante toda a vida".

Ele desenvolveu excelentes relações pessoais, com alguns dos nomes mais influentes dos Estados Unidos. Tomou-se milionário nos negócios. Até se candidatou ao Congresso, apesar de sua face estar grotescamente marcada. Seu "slogan" na campanha?

"Mande-me para o Congresso e não serei somente outra cara bonita". Casou-se com uma pessoa excelente e fez campanha para sair candidato a governador do Colorado em 1986"

Muitas pessoas consideram um golpe profundo e insuportável o fato de serem notificados de que estão com um mal crônico, que perderam uma faculdade qualquer ou ainda quando têm um membro importante amputado. Não quero diminuir o problema: uma situação como essa é, de fato, um golpe doloroso para qualquer pessoa. A Doutrina dos Espíritos, entretanto, nos ensina que somos um espírito que possui um corpo e não um corpo que possui um espírito. Um corpo lesado pode ser menos grave quando nele existe um espírito saudável, por outro lado, um espírito doente pode lesar gravemente um corpo sadio. Por isso, o Espiritismo prega, com grande intensidade, a reforma íntima que se define não por nos tornarmos pessoas boazinhas, mas no sentido de buscarmos saúde espiritual. Talvez fosse por esse motivo que Jesus nos tenha dito:

"Buscai primeiro o Reino dos Céus em vós e tudo mais vos virá por acréscimo."

POR QUE SOFREMOS

Um dos livros mais interessantes do Velho Testamento é O Livro de Jó. Não se trata de um livro histórico, mas de um livro alegórico e poético cuja finalidade é discutir uma única coisa: por que o justo sofre? Nós - neste capítulo - pretendemos discutir algo muito semelhante: por que sofremos, ou seja, por que as dores estão distribuídas tão democraticamente neste planeta a ponto de se dizer que a felicidade não é deste mundo? Essa presença esmagadora do sofrimento tem sido a causa para o negativismo que temos visto até quando se trata da vida. A impressão que se tem é de que o sofrimento é algo sem sentido e altamente injusto, e se existe um Deus que dá ao homem tal quantidade de dor ou ele é injusto ou não existe de fato. Atribui-se a um nosso teatrólogo a seguinte frase: " Nós somos os leitõezinhos de Deus; Deus cria agente, engorda e depois mata."

As perguntas que fazemos sobre o sofrimento são as seguintes: por que algumas pessoas sofrem mais do que outras? Por que uns nascem na opulência e outros na miséria?

Por que, para alguns, nada dá certo enquanto, para outros, a vida parece sorrir? Por que vemos os justos sofrerem enquanto os perversos parecem prosperar tranqüilamente?

Por que sofrem as crianças recém-nascidas? Essas questões tornam muito difícil conciliar a vida com a existência de um Deus justo.

Há muitos anos, o filósofo grego Epicuro havia procurado equacionar esse problema. Colocava ele a questão do seguinte modo: ou Deus pode acabar com o sofrimento e não o faz, nesse caso é mau e não se pode conceber um Deus mau, ou Deus não pode acabar com o sofrimento e por isso ele existe, mas neste caso, Deus seria frágil e impotente. Na Doutrina Espírita, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, Kardec e os espíritos procuram dar a essa questão uma solução adequada. Vejamos com mais calma, qual é a solução.

No Evangelho Segundo o Espiritismo lê-se: "As vicissitudes da vida são de duas espécies, ou, se quisermos, têm duas origens bem diversas, que importa distinguir: umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida." Examinemos primeiro a origem dos males em nossa vida atual. Muitas pessoas, principalmente os espíritas, tendem a associar as suas dificuldades a erros de vidas passadas que estariam resgatando; essa maneira de pensar deve ser revisada. Muitas de nossas dificuldades resultam de nossas escolhas mal feitas ou irrefletidas.

Uma jovem conhece um rapaz de má índole e por ele se apaixona. Todos a advertem a respeito do caráter dele, mas ela não acredita ou não quer acreditar. Deixando-se levar por sua paixão, acredita que todos estão contra ele e que só ela compreende o rapaz. Ele dá provas cabais de possuir um péssimo caráter, mas ela contorna e desculpa as ações dele. A mãe do rapaz também a adverte mas nem assim ela se convence. Contra tudo e contra todos, ela se casa com o rapaz e sofre. Esse sofrimento era necessário? Poderia ter sido evitado? A resposta é sim. A moça foi irrefletida, não viu o óbvio e deixou-se levar pela força avassaladora dos próprios sentimentos.

Teriam ela e ele, em uma vida passada, contraído dívidas mútuas, pode ser e pode não ser, mas, ainda que fosse, era apenas um reencontro e não havia necessidade vital de se resolver o problema daquele modo e naquele momento. Gostaria de lembrar que em casos como esse, ao invés de se resgatar a dívida acrescenta-se a ela novos matizes.

Um homem passa toda a sua vida sem tempo para nada.

Está muito ocupado em acumular coisas e mais coisas. Deseja o poder a qualquer custo e se satisfaz à medida que sua conta bancária aumenta. Possui prédios, automóveis, fazendas, mas não é feliz. Os filhos foram criados por preceptores e ele perdeu o contato emocional com eles. Casou-se com uma mulher que não o amava, e não confia em seus admiradores e amigos pois sabe, ou imagina, que são pessoas interesseiras que vivem ao seu lado porque ele é rico e poderoso. Aos cinquenta anos está doente de tédio e de solidão. Não amou nem foi amado. Passou todo o tempo equivocando sobre os verdadeiros valores da vida. Está cardíaco mas continua fumando e bebendo como se não se importasse com a própria saúde. Por que esse homem sofre? Será que Deus o condenou a essa forma de vida ou ela resultou de sua insensatez? Parece que a segunda hipótese é a mais verdadeira.

Leiamos novamente o nosso Evangelho:

"Quantas uniões infelizes porque resultaram dos cálculos do interesse ou da vaidade, nada tendo com isso o coração! Que de dissensões, de disputas funestas, poderiam ser evitadas com mais moderação e menos suscetibilidade! Quantas doenças e aleijões são o efeito da intemperança e dos excessos de toda a ordem!"

É muito comum, no Rio de Janeiro, os chamados surfistas ferroviários, ou seja, rapazes que decidem viajar, desafiando a morte, sobre o teto dos vagões dos trens da Central do Brasil. De vez em quando, sabemos pela imprensa que um deles caiu e morreu ou ficou aleijado. A quem se deve culpar? À família? Ao Estado? A própria C.B.T.U? Penso que não. Muitas dessas coisas influenciam, facilitam até, mas não decidem. Quem decidiu se expor foi a vítima. A decisão foi dela e ela é a única responsável direta pelo que lhe aconteceu.

Não faz muito tempo, no Rio de Janeiro, ocorreu algo muito triste. Trabalhadores de uma obra na Zona Sul foram atingidos por tiros de chumbinho que partiam de um apartamento próximo. A polícia foi acionada e com ela veio a imprensa. Ao localizar-se o atirador, descobriu-se que se tratava de um menino e a mãe dele, entrevistada, disse calmamente: "Mas o que aconteceu? Ele estava apenas brincando."

"Quantos pais infelizes com os filhos, por não terem combatido as suas más tendências desde o princípio. Por fraqueza, ou indiferença, deixaram que se

desenvolvessem neles os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que ressecam o coração. Mais tarde, colhendo o que semearam, admiram-se e afligem-se com a sua falta de respeito e a sua ingratidão." (E.S.E. cap V, item 4, Causas atuais das aflições, edições FEESP, pp. 66 e 67 da 8 edição.)

Ainda na semana passada, eu estava na sala de professores de minha universidade. Uma colega, professora de Psicologia, havia levado o filho com ela. Na sala há um livreiro que expõe os livros sobre um móvel que lhe serve de bancada. Eu estava corrigindo provas e vi o menino ir até onde estavam os livros e tomar, com grande demonstrações de gosto, um livro muito bonito sobre cachorros. O menino sentou-se em um sofá e interessado passou a folhear o livro. Como tenho alguma intimidade com a professora, disse a ela: "Por que você não dá esse livro como presente de Natal para seu filho.?"

"Ela me respondeu:" Não! Ele quer um par de patins." Eu, então chamei o menino e conversei com ele no sentido de trocar os patins pelo livro. Em meio a conversa, ela se intrometeu e disse:

"Não, ele quer o patim. Ele dá cada voltinha sensacional, não é meu filho". Desisti. Já não havia mais nada para falar. Ela preferia dar um patim a um menino pequeno do que um livro, aparentemente sem perceber a diferença entre os presentes.

Embora esse fato não seja muito grave, já vi muitas coisas terríveis com a educação de crianças. Vi pais que levavam seus filhos para o botequim a fim de que se tornassem "homens" mais cedo. Vi um pai que molhava o dedo em cerveja e depois o colocava na boquinha do filho de alguns meses. Vi outros que estimulavam a violência em suas crianças, levando-as para assistirem a brigas de galo ou lutas de box, vale tudo ou similares, sei de pai que deu de presente à filha de doze anos uma caixa de anticoncepcionais.

Essas crianças, mais tarde, poderão apresentar desvios de conduta que farão seus pais sofrerem. Só que esse sofrimento é devido a eles mesmos, pelo modo como trataram seus filhos na época em que deveriam formar seus caracteres com base em valores morais diferentes daqueles que então privilegiaram.

Essas observações nos levam a crer que uma vida de qualidade supõe um estar no mundo atento e refletido. Segundo um espírito, três elementos seriam fundamentais para se obter uma vida de qualidade no que diz respeito a esta encarnação: SABEDORIA, BONDADE E FORTALEZA. Entende-se por sabedoria um esforço para submeter as paixões ao crivo da razão. Não se trata de eliminar as emoções, mas de trazê-las sob controle. As emoções são utilíssimas e necessárias ao nosso progresso, mas quando exacerbadas, podem agir como um cavalo que, ao invés de conduzir o cavaleiro ao destino que ele pretende atingir, atira-o ao chão com violência. Bondade como uma atitude amorosa para com todos, mas temperada pelo bom senso para que se torne um instrumento de crescimento e não uma atitude vazia de significado, e a fortaleza para que se possa dizer um não quando um sim for prejudicial.

Penso que, agora, podemos discutir a segunda causa das aflições: as causas pretéritas. Há muitos momentos dolorosos em nossas vidas dos quais, em verdade, não encontramos uma boa razão para explicá-los. Estão nesse caso: (...) a perda de entes queridos e dos que sustentam a família. Assim também os acidentes que nenhuma previdência pode evitar; os revezes da fortuna, que frustram todas as medidas de prudência; os flagelos naturais; e ainda as doenças de nascença sobretudo aquelas que tiram aos infelizes a possibilidade de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, a imbecilidade, etc." (E.S.E. cap. 1, item 6, Causas atuais das aflições, edições FEESP, p. 68 da 8 edição.)

É, sem dúvida, esse tipo de sofrimento o que causa maior perturbação entre as pessoas e o que, em muitos, produz a idéia de que Deus é injusto. Como explicar que Deus mande para meu vizinho uma criança saudável e para mim um menino

mongolóide? É esse tipo de problema que nos faz perguntar angustiados: mas por que eu? por que isso foi acontecer exatamente comigo? Nenhuma doutrina, materialista ou espiritualista, que não perfilhe a reencarnação entre os seus postulados pode explicar satisfatoriamente esse tipo de problema. Dizer que o meu filho nasceu assim por um motivo genético nada explica, apenas muda a noção metafísica de determinismo pelos fatos para a de determinismo biológico. Dizer que se trata de uma pessoa que está pagando pelo pecado cometido por Adão e Eva nos tempos míticos do paraíso é uma resposta que não se pode levar muito a sério, a não ser de um ponto de vista simbólico-mítico-poético. Resta-nos, então, a teoria reencarnacionista, mais racional e que restabelece de modo amplo o conceito de justiça divina.

"Entretanto, em virtude do axioma de que todo efeito tem uma causa, essas misérias são efeitos que devem ter a sua causa, e desde que se admita a existência de um Deus justo, essa causa deve ser justa. Ora, a causa sendo sempre anterior ao efeito, e desde que não se encontre na vida atual, é que pertence a uma existência precedente. Por outro lado, Deus não podendo punir pelo bem que se fez, nem pelo mal que não se fez, se somos punidos, é que fizemos o mal. E se não fizemos o mal nesta vida, é que o fizemos em outra. Esta é uma alternativa a que não podemos escapar, e na qual a lógica nos diz de que lado está a justiça de Deus." (Idem, p. 69.)

Com a idéia da reencarnação, todos os problemas desse tipo passam a ser eliminados uma vez que ficam explicadas as causas de certos tipos de sofrimento que a vida atual é incapaz de explicar. Sofremos, portanto, dores acerbadas em razão de faltas cometidas em vidas passadas. Se isso fica claro para uma pessoa, ela não mais terá motivos para aprofundar a sua chaga. Não pode mais culpar a Deus pelo que lhe acontece, mas a si mesma. Ela sofre em virtude de erros cometidos em vidas passadas que não foram devidamente aproveitadas. Deve, portanto, meditar sobre isso e ficar certa de que a sua vida futura dependerá do que está fazendo agora nesta vida.

Podemos, entretanto, perguntar: em que uma idéia como essa pode melhorar a nossa qualidade de vida? Em que a teoria reencarnatória pode tornar a minha vida melhor?

Vamos contar uma história real que envolve a noção de qualidade de vida associada à reencarnação. Nos anos 60, eu estava muito mal espiritualmente. Havia deixado a FAB, depois de um período como soldado, e não tinha a menor perspectiva com respeito ao futuro. Havia lido uma grande quantidade de livros materialistas e esse instrumental teórico me havia possibilitado uma perspectiva pessimista de vida. Havia em mim uma profunda tristeza e uma falta de motivo para continuar vivendo.

Desempregado, e sem ter profissão alguma, um amigo conseguiu para mim um lugar de vendedor na editora Martins. Entretanto, muito pessimista, por mais que trabalhasse não conseguia vender um único livro. Um dia, resolvi tentar vendê-los no Hospital Colônia de Curupaiti. Meu chefe de vendas, chamado Campos, perguntou-me se eu não tinha medo de me meterem um lugar como aquele. Dei a ele uma explicação técnica sobre o bacilo da hanseníase na qual ficava claro que eu não acreditava na possibilidade de contágio, uma vez que o bacilo era anaeróbico, e fui por aí explicando a ele o que eu sabia (ou pensava saber) sobre o assunto. Ele ficou impressionado comigo e não fez maiores restrições ao lugar onde eu iria vender livros. A bem da verdade, porém, é preciso que eu diga que o discurso que fiz para o Campos, não era verdadeiro, ou melhor, não expressava os meus reais sentimentos. Em verdade, eu estava pouco me importando com a minha saúde e, por incrível que isso possa parecer, estava desejando ficar doente.

Em Curupaiti conheci um interno, chamado Amazonas Hércules, e esse encontro foi fundamental para a minha vida. O que mais me impressionou naquele homem, quando o vi pela primeira vez por trás de uma Olivetti, escrevendo cartas e poesias, foi o sorriso aberto e franco e mais do que isso, a gargalhada sonora, quase olímpica como

diziam os antigos, gargalhada que eu não podia dar. Aquele homem parecia feliz apesar da doença, enquanto eu estava deprimido mesmo com saúde. Ficou claro para mim que entre nós dois, o doente era eu. Perguntei a ele francamente como conseguia, naquele estado, estar alegre daquele modo. Ele, então, me explicou que, se não tinha pernas nessa vida era porque, em outras, havia se comportado mal. Aquele seu estado era, para ele, resultado de vidas passadas mal vividas. Não tinha, entretanto, a idéia de que estava sendo castigado, muito pelo contrário. Considerava as suas chagas e dores como uma bênção ou uma oportunidade que Deus lhe dava para avançar mais definitivamente na estrada da evolução. Por isso, a hanseníase, uma doença considerada maldita em nossa cultura, historicamente estigmatizada, não era para ele motivo de tristeza. Em outras palavras: a idéia da reencarnação dava qualidade de vida ao Amazonas Hércules e o fazia uma pessoa ajustada e feliz onde outras se julgavam desgraçadas.

Esta é uma questão vital se desejamos ter uma vida de qualidade. No momento em que eu passo a acreditar na possibilidade de viver muitas vidas, começo a rever inscrito em um contexto muito mais amplo e rico. Sei que todos os movimentos e trabalhos que realizar na Terra não serão apenas para os meus filhos, netos ou bisnetos, mas para mim mesmo pois devo voltar por aqui a fim de colher o que estou plantando. Posso, sem pressa ou angústia, planejar-me no tempo. Se, por exemplo, não pude realizar mais adequadamente uma de minhas faculdades, posso voltar aqui em uma outra oportunidade para fazer o que não consegui na vida anterior.

Permitam-me contar mais uma história ilustrativa. Quando eu lecionava no estado, tinha por colega uma professora que vamos chamar de Leda. Ela lecionava Literatura e eu Língua Portuguesa. Conversávamos bastante e ela desejava que eu conhecesse sua mãe, dona Laura, à qual ela havia falado muito a meu respeito. Por um motivo ou por outro, não fui visitar a mãe de minha amiga. Um dia, porém, dona Laura levou uma queda em casa e quebrou a bacia. Leda, então, insistiu comigo para que eu fosse ver a mãe dela. Não pude me recusar e um dia de domingo lá fui eu para o bairro da Freguesia, em Jacarepaguá, onde as duas moravam. Assim que entrei no quarto vi, de cama, engessada, uma senhora já bastante idosa que me recebeu com um sorriso jovial como se me conhecesse há muito tempo.

Sentei-me junto dela e iniciamos um bate-papo. Foi então que vi sobre acama um violino. Perguntei-lhe:

- A senhora sabe tocar violino?

- Não. Estou aprendendo.

- Aprendendo?

- Sim. Vejo que o senhor está achando estranho que uma mulher na minha idade inicie o aprendizado de violino.

-Sim...

- Eu lhe explico. Desde pequena, eu quis aprender violino, mas meu pai, muito pobre, não podia comprar um violino para mim e muito menos pagar as aulas. O tempo passou, mas o sonho não. Com o tempo vieram os filhos, muito trabalho e eu adiando sempre o meu sonho de aprender a tocar violino. Agora, por fim, tive um probleminha e achei que poderia iniciar o meu aprendizado. Pedi a Leda para comprar um violino e contratar um professor... Bem, mas eu não disse o principal, ou seja, para que uma velha como eu deseje aprender a tocar um instrumento complexo como o violino que exige uma mobilidade nos dedos que eu não tenho mais. Olha, vou lhe dizer o seguinte: não demoro muito e eu vou me embora, mas volto e, quando voltar, já quero vir com noções de violino.

Aquilo foi uma lição de vida. Aquela mulher estava me dizendo que estava aprendendo violino para que, quando voltasse à vida por meio da reencarnação, já viesse com noções de violino, que estava, nesta vida, preparando-se para uma outra. Ela estava tentando me dizer que a vida continua e que a morte é apenas um acidente na longa vida

do espírito. Isso me parece é pura qualidade de vida, motivada por uma crença biofílica e positiva; a crença nas vidas sucessivas.

O PODER DO PENSAMENTO

No Brasil, a partir dos anos 50, começou a aparecer uma grande quantidade de livros de auto-ajuda procedentes, em sua maioria, dos Estados Unidos e assinados por autores como Napoleão Hill, Norman Vincent Peal, Dale Carnegie, Joseph Murphy, David Harold Phink entre outros. Nos anos 80, esse movimento foi requerido pela chamada PNL (Programação Neurolingüística). Essa nova tendência tinha como corifeus Anthony Robbins, Shad Helmsetter, Wayne Dyer, Og Mandino, Stephen R. Covey, etc. Todos esses autores, antigos e modernos, concordavam em um ponto: o Pensamento é força. Anthony Robbins chega, em seu livro *Desperte o Gigante interior*, a citar o seguinte pensamento de Buda: "Somos o que pensamos. Tudo o que somos surge com os nossos pensamentos, com os nossos pensamentos fazemos o nosso mundo."

Essa afirmação sempre me impressionou muito, porém, havia um problema: nenhum daqueles livros explicava, em detalhes, como o pensamento agiria concretamente na realidade objetiva. Diziam: "pensamento é força" e depois davam uma longa lista de exemplos que justificavam esse ponto de vista, contando histórias de pessoas bem-sucedidas que souberam se utilizar bem de seus pensamentos. Tempos depois, tendo me tornado espírita, tive a minha dúvida sanada, naturalmente de conformidade com a minha compreensão para entender o problema. Foi com a obra de André Luiz, principalmente em um livro chamado *Mecanismos da Mediunidade*, que encontrei algumas respostas para a questão do pensamento.

Logo na abertura desse livro, André Luiz faz uma afirmação notável:

"A Terra é um magneto de gigantescas proporções, constituído de forças atômicas condicionadas e cercado por essas mesmas forças em combinações multiformes, compondo o chamado CAMPO ELETROMAGNÉTICO em que o Planeta, no ritmo de seus próprios movimentos, se tipifica na Imensidade Cósmica." (*Mecanismo da Mediunidade*, 1, "Ondas e Percepções", Editora FEB, 16 edição, p. 21.)

Nesse conjunto fantástico de poderosas energias, desenvolve-se a vida e o movimento. O movimento produz agitação e a agitação, ondas. Enquanto escrevo, no apartamento ao lado alguém está cantando. É uma mulher. Posso ouvir-lhe a voz. Por quê? Porque o som da voz dela agita o ar circundante e produz ondas sonoras e desse modo chega até mim. A noite cai. O cômodo onde estou mergulha na penumbra, acendo a luz e provooco outra agitação, mas agora as ondas produzidas são luminosas.

André Luiz, à feição de professor e com incrível didatismo, prossegue nos falando dos tipos de ondas. Diz ele que, se agitarmos a superfície de um lago com uma varinha, produzimos pequenas ondas, mas se na água do lago atirmos uma tora, conseguimos ondas, bem maiores. Um flautim produz ondas muito curtas, um contrabaixo, muito longas. Nesse Universo formado de ondas está o homem que é capaz de produzi-las, de duas maneiras, através de sua ação no mundo exterior: por meio de instrumentos materiais e concretos ou por meio de um instrumento mais sutil, o pensamento. Vamos ouvir sobre essa questão o próprio André Luiz:

"Tomemos o homem, dessa maneira, por viajante do Cosmo, respirando num vastíssimo império de ondas que se comportam como massa ou vice-versa, condicionado, nas suas percepções, à escala do progresso que já alcançou, (o grifo é nosso) progresso esse que se mostra sempre acrescentado pelo patrimônio de experiência em que se gradua, no campo mental que lhe é característico, em cujas dimensões revela o que a vida já lhe deu, ou tempo de evolução, e aquilo que ele próprio já deu à vida, ou tempo de esforço pessoal na construção do destino.

Para a valorização e enriquecimento do caminho que lhe compete percorrer, recebe dessa mesma vida, que o acalenta e a que deve servir, o tesouro do cérebro, por intermédio do qual exterioriza as ondas que lhe marcam a individualidade, no concerto das forças universais e absorve aquelas com as quais pode entrar sintonia, ampliando os recursos do seu cabedal de conhecimento, e das quais se deve aproveitar, no aprimoramento intensivo de si mesmo, no trabalho da própria sublimação. (Idem, p. 23.)

A primeira informação clara que se depreende do texto de André Luiz é que vivemos em um universo de ondas; a segunda é que o espírito emite ondas mentais através do cérebro. A terceira informação diz respeito ao fato de que as ondas mentais marcam a nossa individualidade espiritual, ou seja, tendemos a emitir ondas mentais de acordo com o nosso momento evolutivo; em quarto lugar, deixa claro que as ondas que emitimos podem entrar em sintonia com as ondas de outros emissores. Isso torna evidente para nós que, se mantivermos um padrão vibracional alto com relação à nossa atividade mental, as nossas ondas vão entrar em sintonia com espíritos que vibram nessa mesma faixa; se, por outro lado, produzirmos ondas de baixo padrão vibratório, vamos entrar em sintonia com fontes que vibram negativamente. Manter alto os padrões das nossas ondas mentais é um dos primeiros princípios para uma vida de qualidade.

Na página 47 do livro que estamos examinando, André Luiz trata da indução mental e a define, do ponto de vista físico, como o processo através do qual um corpo que detenha propriedades eletromagnéticas pode transmitir-las a outro corpo sem contato visível. Lembra André que há uma perfeita analogia entre a indução física e a espiritual, pois a corrente mental, comportando-se como a física, pode interferir em outra corrente mental que, com ela, entre em sintonia. Tanto em um caso como no outro, o fenômeno será obediente à conjugação de ondas, enquanto prossiga o fluxo energético como uma ponte entre um lado e outro.

Toda essa argumentação nos leva a uma única conclusão: somos responsáveis (ou deveríamos ser) pelas ondas mentais que emitimos e o que nos parece mais grave, pelas conseqüências dessas emissões. Voltemos, porém, a André Luiz:"

Compreendemos assim, perfeitamente, que a matéria mental é o instrumento sutil da vontade, atuando nas formações da matéria física, gerando as motivações de prazer ou desgosto, alegria ou dor, otimismo ou desespero, que não se reduzem efetivamente a abstrações, por representarem turbilhões de força em que a alma cria os seus próprios estados de mentação indutiva, atraindo para si mesma os agentes (por enquanto imponderáveis na Terra), de luz ou de sombra, vitória ou derrota, infortúnio ou felicidade." (Idem, IV, "Matéria Mental", p. 47.)

É nesse sentido que se pode dizer que somos resultado do que pensamos. Com os nossos pensamentos construímos o céu ou o inferno. Lembremos as palavras de Jesus a nos dizer: "O Reino do Céu está em vós." Pelo pensamento atraímos para o nosso lado as boas ou más companhias que conosco partilham a mesma esfera mental. Jesus em seu Evangelho disse certa vez: "Orai e Vigiai." E, parafraseando Jesus, podemos dizer: orai e vigiai-vos, ou seja, orar é importante, muito importante mesmo, mas é necessário também fiscalizar a qualidade do que pensamos e do que recebemos mentalmente.

Não podemos perder de vista também que o pensamento é uma instância criativa. Emitindo uma idéia, falando ou mesmo escrevendo, essa idéia pode se corporificar e se manter na intensidade e na força com que a sustentamos. É disso que se está falando quando nos referimos as formas-pensamento. Com elas, o homem pode talhar os degraus na escada da própria evolução ou as algemas que o mantém preso aos estados inferiores da vida espiritual.

Ouvi contar a história de uma senhora que vivia, salvo engano, no bairro da Piedade, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Muita agressiva e mal humorada, ela se

comprazia em blasfemar e em invocar, com insistência, o nome do diabo. Certo dia, no lusco-fusco da tarde, ruminando a raiva que sentia de seu filho mais novo, insistia em repetir o nome daquela entidade. Estava ela nessas práticas quando, olhando para a janela, que dava para o quintal, viu, sorrindo para ela, o próprio diabo. Ali estava ele com o rosto perverso, encimado por dois chifrinhos de cabrito novo, olhos vermelhos e cavanhaque pontudo. A mulher apavorou-se de tal modo que desmaiou.

Ao acordar, contou o que lhe acontecera e sofreu um período mais ou menos longo de perturbação emocional.

Como se sabe, a Doutrina Espírita não perfilha a existência do diabo e, sendo assim, pergunta-se: o que a mulher viu? Muito provavelmente, teria acontecido o seguinte: pensando sempre no demônio (segundo a forma clássica que ela, por certo conhecia), aquela mulher emitia ondas mentais de baixo teor vibratório, essas ondas entraram em sintonia com um espírito pouco evoluído que resolveu se divertir à custa dela. Esse espírito, aproveitando-se da forma-pensamento que ela emitia, plasmou ectoplasmaticamente a forma com que se apresentou.

As formas-pensamento não existem apenas entre os espíritos encarnados. Elas também se manifestam e com grande intensidade no plano espiritual entre as mentes desencarnadas.

Em Nosso Lar, explicando a natureza do Umbral, escreveu André Luiz é nessa zona que se estendem os fios invisíveis que ligam as mentes humanas entre si. O plano está repleto de desencarnados e de formas-pensamento dos encarnados, porque, em verdade, todo espírito, esteja onde estiver, é um núcleo irradiante de forças que criam, transformam ou destroem, exteriorizadas em vibrações que a ciência terrestre presentemente não pode compreender. Quem pensa, está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Toda alma é um ímã poderoso. (o grifo é nosso.) Há uma extensa humanidade invisível, que se segue à humanidade visível.

As missões mais laboriosas do Ministério do Auxílio são constituídas de abnegados servidores, no Umbral, porque, se a tarefa dos bombeiros nas grandes cidades terrenas é difícil, pelas labaredas e ondas de fumo que os defrontam, os missionários do Umbral encontram fluidos pesadíssimos emitidos, sem cessar, por milhares de mentes desequilibradas, na prática do mal, ou terrivelmente flageladas nos sofrimentos retificadores. É necessário muita coragem e muita renúncia para ajudar a quem nada compreende do auxílio que se lhe oferece. (Nosso Lar, 12, "O Umbral", Editora FEB, 46 edição, p. 72.)

Até aqui, acreditamos que já tenha ficado um pouco mais claro em que consiste o poder do pensamento ou da força mental. Teremos que ver, agora, como se pode criar uma corrente mental positiva ou construtiva e evitar uma corrente mental negativa ou destrutiva. Ensina-nos André Luiz que, quanto mais está enobrecida a consciência, mais fértil, rica e saudável, está a imaginação e, por consequência, o nosso poder mental se eleva. Para isso, devemos ocupar a nossa mente num esforço intelectual elevado. Nas criações artísticas: poesia, música, dança, que tenham objetivos nobres; nas obras sociais de amparo aos que sofrem; na educação das almas que se encontram a nós confiadas ou que vivem ao nosso redor; em nosso trabalho no relacionamento com os superiores ou com os subordinados; no trato com os animais e vegetais, no respeito à Natureza e ao meio ambiente; em uma palavra: colocar o nosso pensamento e a nossa vontade a serviço do bem. Não é essa uma tarefa simples pois necessita de uma vontade firme e bem dirigida para o amor.

Por outro lado, quando ficamos emocionalmente deprimidos e permitimos que nos invadam sentimentos de baixa estima, de inveja, de vaidade ou de orgulho vazio, de arrogância, de egoísmo, de vingança, de desesperança, de tristeza vazia e imprecisa, de desânimo, de rebeldia sem motivo, de descrença em nós mesmos, de falta de fé em

Deus, estamos entrando em afinidade com as correntes negativas internas, porquanto ainda não eliminamos o homem velho que está oculto bem lá no fundo de cada um de nós esperando o momento de se manifestar, ou externas, oriundas de espíritos ignorantes com os quais, por invigilância, entramos em sintonia.

Acreditamos que, nessas horas, um pouco de auto-estima pode fazer bem. Quando você for invadido (ou invadida) por um pensamento ruim do tipo mencionado anteriormente, fale com energia para você mesmo: "este pensamento não pode ser meu, eu já avancei bastante para agasalhar esse tipo de idéia. Chega!" Para cortar o fluxo de negatividade, a prece é um auxiliar eficaz, entretanto, canções com letras positivas, embora não necessariamente religiosas, a leitura de bons livros, conversas edificantes, controle respiratório podem também ajudar muito.

Se, por ventura, houver dificuldade nessa prática cotidiana, não esmoreça, não desanime, o trabalho é duro e árduo, entretanto, Roma não se fez em um dia. Aprenda a recomeçar a cada dia, a cada manhã, conforme nos ensina Emmanuel: "Dizes que não tens condição para as obras da fé porque erraste. Erraste e sofreste. Sofrestes e temes a crítica. É possível que ainda lutes contigo mesmo. Entretanto, não recuses o convite do bem que te chama a servir. Esquece e caminha. O trabalho em auxílio dos outros te fará profunda e bela renovação. A bênção do Senhor te sustentará. Se não crês no amparo do alto, observa a lição do Sol. O astro do dia, vestido em luz pura e imensa, está sempre reiniciando o próprio trabalho, em cada hemisfério da Terra. Pensa nisso e aprende a recomeçar. (Emmanuel. "Material de Construção".)

A PRECE

1. As palavras entre os povos antigos.

Aproveitemos que estamos com "a mão na massa", ou seja, falando de pensamento, vibração e ondas, para tratar da prece, enquanto um discurso de caráter emotivo, próprio do espaço mágico-poético-religioso. Nas antigas civilizações como a egípcia, a hindu, a mesopotâmica, judaica e a greco-romana já se sabia o poder das palavras como verdadeiros médiuns entre as duas ordens de realidade: a material e a espiritual. Acreditava-se, então, que as palavras, consideradas como vibração, teriam o poder de realizar certos efeitos, desde que, pronunciadas de um modo correto e no momento adequado. Por esse motivo, os indianos se preocuparam em estudar a estrutura fonética do Sânscrito, língua sagrada para eles, a fim de que as fórmulas mágicas pudessem ser ditas com som exato e apropriado ao efeito que se quer produzir.

Na tradição egípcia, conta-se que, de uma certa feita, a deusa Isis viu uma mulher que chorava porque seu filho havia sido picado por uma serpente venenosa e estava correndo risco de vida. Penalizada, a deusa disse:

"Vem, veneno de Béfen, aparece no chão./ Sou Isis, a deusa, senhora das palavras mágicas que realiza atos de magia, palavras cuja voz são encantamentos.! Obedeça-me todo o réptil que pica e cai de cabeça para baixo. Veneno de Nestete. Netef, não subas./ Ó veneno de Petet e Tetet, cai de cabeça para baixo." (W. Badgis. A Magia Egípcia).

As palavras, acreditavam os egípcios, tinham o poder de alterar a realidade objetiva. Nas palavras de Isis, se pretende, por este recurso, deter o veneno da serpente que invade o corpo da criança. As palavras também são usadas pelos desencarnados quando chegam ao Plano Espiritual e são atacados por espíritos perversos. O Livro dos Mortos se encontra repleto de fórmulas mágicas cuja finalidade era impedir o ataque de espíritos trevosos contra o morto recém-chegado. Assim, todo egípcio morria com a firme crença em que, no decorrer de sua viagem para o outro mundo, poderia contar

como auxílio das palavras mágicas para que pudesse seguir seu caminho sem percalços. Vejamos duas passagens do Livro dos Mortos que comprovam a nossa afirmação:

"Que Tot, que está repleto de palavras mágicas, venha tirar as ataduras, inclusive a atadura de Set, que agrilhoa a minha boca. Quanto às palavras mágicas e todas as palavras que possam ser pronunciadas contra mim, possam os deuses rechaçá-las e possam todos do séqüito dos deuses, repeli-las" (Livro dos Mortos, "Aparecimento do dia", p. 70.)

Contra o crocodilo que aparece ao morto para lhe tirar as palavras mágicas, deve ser dito:

"Recua, volta, recua crocodilo, demônio Sui. Não avançarás contra mim, pois vivo em virtude das palavras que tenho comigo. O céu tem poder sobre as estações, e as palavras mágicas têm poder sobre aquele que as possui; a minha boca, portanto, terá poder sobre as palavras mágicas que lá estão." (Livro dos Mortos, "Aparecimento do Dia", p.71.)

Havia também, entre os egípcios antigos, preces na forma de hinos, alguma coisa semelhante ao que os modernos espíritas costumam chamar de canções-prece. Um bom exemplo é um hino composto pelo faraó Aknaton em honra à divindade solar:

"A Terra fica clara quando te ergues no monte de luz. / Quando brilhas como Aton durante o dia. / As duas terras se rejubilam. / Acordam, põem-se de pé porque tu as ergueste. / Elas se banham e se vestem. / Seus braços (levantados) cantam louvores ao teu esplendor. / Toda a nação te responde com labor: o gado se alegra com o capim, os pássaros esvoaçam. / Entre árvores e hastes verdes, suas asas o louvam e pululam os cordeiros. / Eles vivem porque para eles nasceste. / Os barcos navegam à montante e à jusante. / As estradas se abrem porque tu brilhas. / Os peixes do rio saltam diante de ti. / Teus raios se infiltram, nas profundezas do mar." (Otto Neubert in O Vale do Nilo.)

É, porém, entre os judeus do Velho Testamento que a prece se apresenta nos moldes da prece moderna. Isto se dá, muito provavelmente, pelo tipo de relação existente entre o Deus de Israel, Yahweh, que se pode pronunciar Iavé, e os israelitas. Em toda a história religiosa da humanidade, não há um único caso de uma relação desse tipo. Yahweh é o deus particular de um povo, um deus pessoal que se afirma como sendo o Deus de Abraão, Isaac e Jacó e, mais tarde, de Moisés. Ele é um Deus vivo, ciumento de sua liderança e da fidelidade de seu povo. É um Deus que não se peja de se colocar na frente de seu povo como um capitão frente aos seus exércitos. Por isso, torna-se possível falar a ele, argumentar com ele, pedir a sua proteção e agradecer a sua ajuda. A leitura dos Salmos deixa claro o conceito de prece entre os judeus e o que é mais interessante: mostra que muitos clichês usados pelo homem moderno em suas preces, por certo foram retirados dos Salmos. Vamos examinar um Salmo bastante conhecido:

1. Do mestre de canto. Salmo de Davi.
2. Quando o profeta Natan foi encontrá-lo, após ter estado com Betsabéia.
3. Tende piedade de mim, ó Deus, segundo a tua misericórdia, segundo a Tua Grande Compaixão, apaga a minha culpa.
4. Lava-me inteiramente do meu delito e purifica-me do meu pecado.
5. Porque eu conheço a minha maldade, e o meu pecado está sempre diante de mim.
6. Eu pequei contra Ti, contra Ti só, e fiz o mal diante de teus olhos, para que Tu sejas justificado quando sentenciares e íntegro ao julgares.
7. Fui gerado em culpa, em pecado me concebeu minha mãe.
8. Procuras sinceridade no íntimo e ocultamente a sabedoria.
9. Asperge-me com o híssope e serei purificado; lava-me, e serei mais cândido que a neve.
10. Faz-me sentirjúbilo e alegria, para que exultem meus ossos que trituraste.

11. Desvia o teu rosto dos meus pecados, e apaga todas as minhas culpas.
12. Cria em mim um coração puro, ó Deus, e faze em mim um espírito novo, inabalável.
13. Não me expulses de Tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito.
14. Restitue-me a alegria de tua salvação e sustenta-me com um espírito generoso.
15. Oh! Ensinarei aos maus os teus caminhos, para que os pecadores se convertam em ti.
16. Livra-me do castigo do sangue vertido, ó Deus. Ó Deus da minha salvação, e a minha língua exaltará a Tua justiça.
17. Abri, Senhor os meus lábios, e a minha boca proclamará os Teus louvores.
18. Já não Te agradam as vítimas e, se te ofereço um holocausto, não Te comprazes.
19. O sacrifício digno de Deus é um espírito compungido; ó Deus, não desprezes um coração contrito e humilhado.
20. Senhor, mostra-Te benigno para com o Sião; para que se edifiquem os muros de Jerusalém.
21. Então, aceitarás as vítimas de justiça, sacrifícios e holocaustos, então, hão-de oferecer-Te novilhos sobre o Teu altar." (Salmo 50)

Esse Salmo, composto por David, admoestado profeta Natan por causa de seu pecado com Betsabéia, a do capitão Urias a quem o próprio Davi provocou a morte, e mais conhecido como Miserere. O Salmo abre-se co pedido angustiado de perdão (vv.3-4). Ele, o pecador reconhece o seu erro e pede a Deus que use para com ele de misericórdia na proporção de sua grandeza. A misericórdia e a compaixão divina devem lavar o homem das impurezas do pecado, Davi está envergonhado ao contemplar a própria culpa. As palavras de Natam foram demasiadamente duras, mesmo para um rei. Suas faltas erguem-se contra ele terríveis e acusadoras.

Apesar disso, no versículo 6 ele apresenta uma tentativa de se desculpar ao afirmar que o pecado é inerente à condição humana. Com isso, muito provavelmente, Deus estará mais disposto a ouvi-lo. Esta é a parte central do Salmo. Deus reclama do homem a coerência entre o conhecimento de sua doutrina e a sua prática do dia-a-dia. O pecador pede a Deus que lhe conceda a alegria de uma consciência pura, lavada a ponto de se tornar mais branca que a neve.

Os Salmos de Davi são particularmente poéticos e extremamente belos. Um desses Salmos, o 23 é, por certo, um maravilhoso poema, uma das mais belas preces de tantas quantas o espírito humano foi capaz de criar, naturalmente em estado de elevação. Este salmo expressa a confiança que devemos ter em Deus a ponto de nos entregarmos a ele como uma ovelha se entrega ao seu pastor e nele confia. E uma prece cheia de fé e de amor na qual um homem se entrega na mão de Deus com total confiança. Vamos a ele.

1. "Yahweh, é meu pastor e nada me falta.
2. Em verdes pastagens me faz repousar,
3. Para as águas tranqüilas me conduz
4. E restaura a minha força. E me guia por caminhos justos, por causa de seu nome.
5. Ainda que eu ande pelo vale da morte e das sombras, nenhum mal
6. Temerei, pois Tu estás comigo, Tua vara e Teu cajado me consolam.
7. Diante de mim preparas uma mesa, e frente aos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo.
8. Sim, felicidade e amor me seguirão todos os dias de minha vida."

JESUS E A PRECE

Jesus deu à prece uma grande importância, tão grande que chegou - ele próprio - a nos propor um modelo de prece que ficou conhecido por suas primeiras palavras:

Pai Nosso. Os apóstolos conheciam o modo tradicional de orar, porém, como Jesus apresentava considerável progresso com relação à antiga religião, eles pedem a ele que os oriente em matéria tão importante já que o próprio Jesus havia chamado a atenção deles para o modo de orar dos escribas e fariseus dos quais ele discordava.

Jesus, então, lhes diz:

E, quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de fazer oração, pondo-se em pé nas sinagogas e nas esquinas a fim de serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa.

Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechando a tua porta, ora ao Teu Pai em segredo e o teu pai que vê no segredo, te recompensará. (Mateus, VI: 5 e 6.)

No Evangelho segundo Marcos lê-se:

Mas, quando vos puserdes em oração, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai-lhe para que também vosso Pai, que está nos Céus, vos perdoe vossos pecados, porque se vós não perdoardes, também vosso Pai que está nos céus, não há de vos perdoar. (Marcos, XI: 25 e 26).

É a partir deste momento que Jesus decide ensinar-lhes a prece que ficou conhecida como O Pai Nosso. (Mateus, VI: 9 a 13.)

1. Pai Nosso que estais no Céu,
2. Santificado seja o vosso nome,
3. Venha a nós o vosso Reino,
4. Seja feita a vossa vontade,
5. Assim na Terra como no Céu.
6. O pão nosso de cada dia,
7. Dai-nos hoje.
8. Perdoai as nossas dívidas assim
9. Como perdoamos os nossos devedores.
10. Não nos deixeis cair em tentação,
11. Mas livrai-nos do mal.

Sobre a prece, de uma certa feita, Jesus propõe uma parábola muito interessante e elucidativa. Conta ele que dois homens, um fariseu e o outro um publicano, subiram ao templo para fazer sua oração. O fariseu, de pé, orava no seu interior da seguinte forma: "Graças te dou, meu Deus, porque não sou como a maioria dos homens que é composta de ladrões, injustos e adúlteros, nem como esse publicano. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo o que tenho." O publicano, ao contrário, posto lá de longe, não ousava nem mesmo levantar os olhos para o céu, mas batia no peito dizendo: "Meu Deus, sê propício a mim pecador." Digo-vos que este voltou para casa justificado, e não o outro, porque todo o que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado. (Lucas, XVIII: 9 a 14),"

Essas passagens de Jesus são notáveis. Vamos, porém por partes. No primeiro texto, ele diz que não se deve orar como os hipócritas. A palavra hipócrita vem do grego hipocrités e significa etimologicamente "aquele que fala sob estado de entusiasmo." e fazia referência ao ator do teatro grego. A relação entre o ato de representar (ser outro que não si mesmo) e a falsidade ou frouxidão de caráter. A palavra hebraica que foi traduzida como hipócrita é hanneph cujo sentido é bem mais forte do que o de hipocrités grego. Por hanneph se deve entender indivíduo pervertido, mau, perverso, ímpio, mas que finge virtudes que não possui. Jesus diz, então, que os hipócritas

costumam fazer orações públicas em que a oração se torna um ato social, uma satisfação de sua piedade dada aos homens. Aqueles homens oravam como se dissessem a quem os visse orando: vejam como eu sou piedoso e cumpridor dos meus deveres religiosos. O que querem aqueles que agem assim? O reconhecimento social por certo e, se é isso que desejam, já o conseguiram pois muitos fariseus eram considerados e respeitados pelo rigor aparente de suas posturas religiosas. Daí Jesus chamá-los de sepulcros caiados por fora e sujos por dentro. Essa passagem é muito semelhante à da esmola onde se aconselha profunda discrição na hora de prestar auxílio a um necessitado: dar com a mão direita sem que a esquerda saiba.

Depois, Jesus nos diz que o ato da prece é um ato pessoal, um contato entre o homem e Deus, um momento de recolhimento e de respeito, daí a expressão metafórica sobre entrar no quarto e fechar a porta. Se não houve essa atmosfera de respeito e de recolhimento, esse olhar para dentro, não há concentração e, não havendo concentração, nossas energias ficam dispersas e as ondas mentais caem sensivelmente de qualidade.

Em terceiro lugar, Jesus fala da forma verbal da prece. Lembra que o gentio costuma orar com longos discursos. Muitas pessoas, principalmente quando fazem orações públicas, costumam confundir o momento da prece com o momento retórico para exibir cultura ou dotes de inspiração poética. Tais pessoas confundem forma com conteúdo e costumam não atentar para o fato de que, naquele momento, estão emitindo ondas mentais e que a capacidade de alcance dessas ondas não depende das palavras, mas do estado emocional com que as palavras são ditas. Disse o profeta: "este povo me honra só de lábios, mas -não me tem no coração". Quanto maior a qualidade emocional da prece mais potente, portanto, são as ondas emitidas.

Por fim, Jesus lembra um fato que deveria ser óbvio para nós: Deus sabe do que necessitamos, e o que é mais importante: se merecemos ou não o que estamos pedindo. Será que estamos realmente conscientes de nosso estado evolutivo quando fazemos pedidos a Deus em nossas preces? Uma pessoa pode pedir a Deus em uma prece que afaste o sofrimento dela ou de alguém muito querido, quando em verdade, deveria agradecer pela oportunidade de rever posições negativas e avançar através da dor. Lembremos o Livro Ide Samuel, XX VIII: 5 a 20, onde Saul, desesperado, pede ajuda a Deus, mas a ajuda não lhe vem por nenhum dos meios válidos entre os antigos judeus, e quando chega, por meio da Pitonisa de Endor, é para condená-lo por seus desvios. Nunca devemos nos esquecer de que a última palavra é sempre de Deus. O próprio Jesus reconhece isto e na hora da dor extrema, no Getsmani, em uma prece ele diz: "Meu pai, se é possível, afasta de mim este cálice, mas se não for possível, faze em mim segundo a tua vontade."

Ouvi de um rabino uma história muito interessante. Disse ele que, uma certa vez, uma mulher judia veio procurá-lo pedindo a ele que fizesse uma prece ao Senhor por ela. Ele, então, perguntou a mulher:

- Como vai a sua saúde?
- Muito bem.
- E a sua família? Tornou o rabino.
- Minha família está maravilhosa.
- E os negócios, vão bem?
- Melhor não poderiam estar. Disse a mulher.
- Então o que vamos pedir a Deus?
- Nada. Vamos dizer a ele para deixar tudo como está.

Por certo essa mulher nada pedia a Deus e deixava a Deus as decisões a respeito dela e de sua família. Ela só gostaria de que Ele deixasse as coisas como estavam e nada tinha a pedir além daquilo que já possuía. Talvez, porém, com aquela atitude, ela desejasse de fato agradecer a Deus o que havia recebido e nada mais queria se não aquilo que ela recebera sem pedir. Por certo, Deus sabia o que era melhor para ela.

No texto de Marcos, Jesus chama a nossa atenção para o estado interior de quem ora. Jesus argumenta no sentido de mostrar que, para a prece ser eficiente, é necessário o exercício do perdão. Os sentimentos pouco elevados produzem correntes mentais negativas. Ora, se não perdoamos uma pessoa e temos para com ela sentimentos negativos, provavelmente hostis e até odiosos, as nossas correntes mentais, sendo compatíveis com os nossos sentimentos, tornar-se-ão, portanto, extremamente negativas, e em uma situação como essa, como podemos orar eficientemente? Exigindo que, ao orar estejamos em paz com o nosso próximo, Jesus está nos dizendo que o ato de orar exige uma qualidade mental muito especial, exige, sempre que possível, o sentimento amoroso. Se somos incapazes de perdoar aqueles que nos ofenderam, se albergamos em nós sentimentos destruidores, estaremos sem condição de fazer uma prece de qualidade.

Depois de todas essas considerações, Jesus julgou ser chegado o momento de oferecer aos seus apóstolos (e a todos nós) um modelo de prece e, então, ele recita o

Pai Nosso. Para mostrar a sua coerência, Jesus apresenta uma prece de poucas palavras, porém, fortes e concisas. Ele, que havia condenado o gentio pelas preces longas e palavrosas, não cai no mesmo erro e o seu modelo é, por isso, breve e bastante objetivo.

Pai é a primeira palavra que chama a nossa atenção. Esse termo simples revela uma significativa mudança nas atitudes do homem com relação a Deus. No Velho Testamento, Ele é chamado de Senhor, Rei, e outros termos pomposos e particulares do Judaísmo. Com Jesus, Deus se torna Pai não só dos judeus mas de todo homem de boa vontade que a ele se dirija com respeito. Esta revolução conceitual é importante para Jesus uma vez que, em várias outras passagens, ele chama Deus de Pai e o compara ao pai de família amoroso, mas severo, como na parábola do filho pródigo. Deus não é o Pai de Jesus, é, apenas, o Pai nosso, pai de todos nós que dele nascemos, nele vivemos e para Ele caminhamos.

O Deus do Velho Testamento, o Yahweh, mora no alto de um monte e se manifesta por meio de grandes barulhos, trovões e som de trombetas; logo, ele é um deus tribal, que mora em uma tenda ou vive sobre o Sinai, localizado, portanto, geograficamente. Esse Deus precisa ser mais temido do que amado. Não é a toa que o profeta diz que a glória do Senhor esteja com aqueles que o temem. Quando Jesus localiza Deus no céu ele o retira de sobre o monte, e, como o céu cobre toda a Terra e chamamos de céu a parte visível do cosmo, Deus se torna universal. Não é mais um deus particular, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, mas um deus de todos os homens.

Depois, Jesus nos diz que o nome de Deus é santificado, e a palavra santificado é muitíssimo importante nesse contexto. Observemos que nada sabemos realmente sobre Deus além de seu nome, nome que nós próprios criamos, mas esse nome é sagrado, ou seja, é energizado, é por isso que se pede nos Dez Mandamentos que não se pronuncie esse nome em vão. No estado evolutivo em que nos encontramos, não podemos conhecer a essência de Deus, mas sabemos-lhe o nome e por isso esse nome deve ser respeitado, sacralizado mesmo. Ao dizer esse nome com fé vibramos ondas magníficas e poderosas, mas é preciso ter fé para dizê-lo adequadamente; daí os sacerdotes judeus o pronunciam muito raramente e em condições muito especiais.

Venha a nós o Vosso Reino: essa é a expressão de um desejo que tem relação com os tempos messiânicos quando se estabelecerá na Terra o reino de Deus, reino de Amor, Justiça e Harmonia. Jesus sabia que os seus ouvintes careciam do Reino de Deus, no sentido das conquistas éticas de que falamos, e aconselha-nos a pedir a Deus que interfira de algum modo, fazendo com que esse reino de luz e de paz venha logo, entretanto, o próprio Jesus diz também que o Reino de Deus está em nós; não é, portanto, uma dádiva, mas uma descoberta e devemos pedir a Deus para que, se

possível, nos ajude nessa descoberta que fará de nossas almas um espelho onde se há de refletir a verdadeira imagem de Deus, como diz a prece de Cháritas.

Com respeito ao próximo passo, cedemos a palavra a Allan Kardec:

"Seja feita a vossa vontade assim na Terra como no Céu. Se a submissão é dever do filho para com o pai, do inferior para com o superior, quão maior não deve ser o da criatura para com o seu Criador. Fazer a vossa vontade, Senhor, é observar as vossas leis, é subordinar-se, sem murmúrio, aos vossos divinos decretos. O homem há de submeter-se quando compreender que sois a fonte de toda a sabedoria, e que, sem vós, nada poderá. Então ele fará a vossa vontade, assim na Terra como no Céu."

(A Prece)

O pão nosso de cada dia, dai-nos hoje: Deus já nos deu o pão de cada dia ao fazer da Terra uma espécie de seio dadivoso, de útero fecundo e fértil que oferece ao homem toda a alimentação de que precisa. O Livro da Gênese diz: Ganharás a vida como suor de teu rosto. Jesus, portanto, não está nos aconselhando que peçamos alimento a Deus e fiquemos de braços cruzados à espera de que ele caia do céu. Por conseguinte o que devemos pedir a Deus são as energias necessárias para o trabalho, a coragem de enfrentar as dificuldades, a fé em que batendo a porta será aberta e buscando nós acharemos. Quantas pessoas sucumbem, infelizmente vítimas da ociosidade com todos os recursos à sua disposição. Deus nos dá forças para que tenhamos consciência do valor do trabalho, para que o pão material jamais nos falte.

Como o salmista, somos grandes faltosos que ao longo de nossas muitas encarnações temos errado bem mais do que acertado e estamos, portanto, em débito com a lei.

Jesus então nos sugere que peçamos a Deus perdão, ou seja, que dobremos o nosso coração e, reconhecendo os nossos erros, desejemos mudar sinceramente, entretanto, há um problema. Deus deverá nos perdoar, mas se nós perdoarmos aqueles que nos devem algo. Lembramos aqui a parábola do devedor que, tendo a sua dívida perdoada, foi, por sua vez, exigir com crueza que o seu devedor lhe pagasse. Não houve simetria pois ele foi perdoado, mas não perdoou. Como o credor pouco indulgente, muitas vezes queremos o perdão de Deus e nós mesmos não somos capazes de perdoar.

Por fim, Jesus aconselha que peçamos a Deus duas coisas: não nos deixeis cair em tentação e livrai-nos do mal. Com isso, há aqui duas questões interligadas, uma interna e outra externa. A interna diz respeito às tentações dos espíritos ignorantes que esvoaçam em nosso redor e que podem nos provocar o mal, entretanto, só esvoaçam porque nós o permitimos, ou seja, cedemos às tentações que nos são segredadas por eles. Assim, Jesus pede que nós imploremos a Deus a fortaleza espiritual necessária para que essa influência perversa não se faça em nós, mas lembrando sempre que onde há um tentador existe um tentado que, de algum modo, possibilita a tentação.

Vamos, por fim, examinar a narração de Lucas. Nesse texto, por meio do recurso pedagógico das parábolas, Jesus coloca frente a frente dois personagens muito conhecidos de seus ouvintes: um fariseu e um publicano. Jesus, nesse trecho, se utiliza também da técnica da antítese, colocando lado a lado personagens contrários aos olhos dos homens: um fariseu zeloso da lei e um publicano, um reles cobrador de impostos. O mestre, entretanto, como faz sempre, mostra o publicano melhor do que o fariseu, como se quisesse evidenciar o velho adágio: "as aparências enganam" ou ainda "quem vê cara não vê coração", no sentido de que quem vê o exterior não vê o interior.

No modelo farisaico, Jesus coloca tudo aquilo que ele próprio havia condenado no caso da prece: a hipocrisia, a arrogância, a falsa avaliação, o julgamento da conduta do próximo, a falta de caridade, etc. Por outro lado, o publicano humilde, como Davi no Miserere, reconhece a própria culpa e pede perdão a Deus por suas faltas.

Nessa parábola exemplar, nos parece, está tudo aquilo que se poderia dizer sobre apreço. O resto é comentário.

A PRECE ESPÍRITA

Nós, os espíritas, como todos os religiosos, damos um grande valor à prece, embora a enfoquemos de um modo um tanto diverso daquele que é comum às religiões tradicionais.

Nossas preces, por exemplo, não são acompanhadas de rituais e jamais são feitas frente a imagens, não que julguemos tais práticas como negativas, mas por que essas práticas não fazem parte da estrutura da nossa Doutrina, entretanto, acreditamos que a prece faz falta a uma vida de qualidade. Para nós, a prece é algo de tão grande importância que Allan Kardec chegou a escrever um livrinho notável, infelizmente pouco freqüentado pelos espíritas em geral, que se chama: A Prece. Trata-se de um opúsculo com cerca de 143 páginas onde Kardec aborda os seguintes itens: Pedi e Obtereis, Instruções dos Espíritos, Coletânea de Preces Espíritas, Preces em Geral, Reuniões Espíritas, Preces para Outrem, Preces pelos que já não estão na Terra, Preces pelos Doentes e Obsidiados e a Prece de Cáritas. Este livrinho dá ao seu leitor uma dimensão bastante clara do que o Espiritismo pensa a respeito da prece. Em primeiro lugar, o Espiritismo, pelo seu compromisso natural e necessário com a Doutrina de Jesus Cristo, incorpora a prece como uma exigência dessa mesma Doutrina. Em segundo lugar, pela importância que dá ao pensamento como veículo de ondas e de energia, o Espiritismo vê a prece como um manancial inesgotável de reposição de energia. Em terceiro lugar, o espírita quando reza para um desencarnado não tem a pretensão de lhe dar luz já que essa é uma aquisição pessoal e intransferível, luz é evolução e evolução não se dá, conquista-se com muito trabalho e esforço. Assim, quando incluímos em nossas preces um desencarnado (não um morto), pretendemos duas coisas: primeira, estabelecer com ele um contato positivo, de modo que ele saiba que o amigo ou um parente que ficou na Terra, não se esqueceu dele, segunda, para que os espíritos superiores possam auxiliar nosso companheiro desencarnado de acordo com as suas necessidades e merecimentos. Em quarto lugar, oramos também para agradecer pela oportunidade da nossa encarnação inclusive pelos percalços que estamos enfrentando que, embora possam ser desconfortáveis naquele momento, na soma total de vida auxiliam o nosso crescimento. Tomemos um exemplo de prece espírita. Escolhemos uma pequena prece que se deveria dizer na hora em que se vai dormir: "Minha alma vai se achar por algum tempo com outros espíritos. Aqueles que são bons venham me ajudar com seus conselhos. Permite, meu espírito guia que, ao despertar, eu conserve desses momentos uma impressão duradoura e salutar." (A Prece, item 39)

Vamos ver o segundo exemplo, a prece escolhida deve ser feita pelos pais que recebem um filho recém-nascido:

"Meu Deus, já que me confiaste a sorte de um de vossos filhos, tornai me digno da missão que me outorgaste e concede-me a proteção esclarecendo-me a inteligência para que bem cedo possa eu discernir as tendências daquele que devo preparar para entrar na vossa paz. (A Prece, item 55.)"

Gostaríamos de terminar este capítulo lembrando o aspecto curativo da prece e para isso vamos nos valer, uma vez mais desse amigo espiritual prestimoso que é André Luiz:

"Na floresta mental em que avança, o borne freqüentemente se vê defrontado por vibrações subalternas que o golpeiam de rijo, compelindo-o à fadiga e à irritação, sejam elas provenientes de ondas enfermas, partidas dos desencarnados em posição de angústia e que lhe partilham o clima psíquico, ou de oscilações desorientadas dos

próprios companheiros terrestres desequilibrados a lhe respirarem o ambiente. Todavia, tão logo se envolva nas vibrações balsâmicas da prece, ergue-se-lhe o pensamento aos planos sublimados, de onde recolhe as idéias transformadoras dos espíritos benevolentes e amigos, convertidos em vanguardeiros de seus passos na evolução. (André Luiz, *Mecanismos da Mediunidade*, p. 179.)”

Não andou muito bem Sigmund Freud, ao colocar sexualidade no centro da vida humana (pansexualismo freudiano), tampouco Karl Marx ao denunciar os fatores econômicos e luta de classes como o ponto principal de nossas vidas. Creio que o maior problema da criatura humana é saber que vai morrer. O homem é o único animal que tem plena consciência de que está aqui de passagem, e isso lhe causa uma profunda angústia que só não é maior porque a morte se apresenta como inevitável e é comum a todos.

A preocupação com a morte acompanha o homem há muito tempo. Os paleontólogos, arqueólogos e historiadores encontraram sinais dessa preocupação nas eras remotas. Em sepulturas pré-históricas foram achados restos de corpos que revelavam a existência, entre aqueles primeiros espíritos, de um verdadeiro ritual cercado a morte.

Ao que parece, os homens daquelas épocas remotíssimas enterravam seus mortos amarrados. Costumavam polvilhar os ossos dos mortos com ocre vermelha, uma alusão bastante clara ao sangue, símbolo universal da vida e, por fim, os mortos eram enterrados com os pés voltados na direção do sol nascente como a recordar que como o Sol, que não morre jamais e renasce a cada dia, assim também aconteceria com o morto.

No Antigo Egito, a se julgar pela grande quantidade de tumbas encontradas que sobreviveram à agressão do tempo, pelo cuidado e riqueza com que estão ornamentadas e pelo número excessivo de textos funerários, não se pode duvidar de que os egípcios davam aos mortos uma profunda atenção. Nenhum povo, antes ou depois dos egípcios, demonstrou maior interesse pela morte.

As culturas da Mesopotâmia (sumérios, acádios, assírios e caldeus) também se interessavam pela morte. Na Babilônia, acreditava-se que, ao morrer, a alma humana iria para o Aralu, uma espécie de Mundo das Sombras (Umbral) onde governa a terrível Ereskigal, irmã de Ishtar, a deusa do amor. Lá, distantes do mundo dos vivos, as almas dos mortos sentem saudades da vida que possuíam quando encarnados. No ar, nas águas, nas montanhas pululam espíritos, principalmente malévolos que provocam os males físicos e morais no homem.

Os judeus, que às vezes são tidos como materialistas, em seus textos tradicionais, inclusive os cabalísticos, demonstram essa mesma preocupação. O Mundo dos Mortos, entre os judeus, se chamava Sheol e não se diferenciava muito das concepções de mundos espirituais das culturas antigas. Os judeus se recusavam a acreditar que a morte era o fim, e no Livro de Samuel (Samuel II, XX VIII) encontramos uma pitonisa que invoca, para atender o rei Saul, a alma de Samuel.

Os gregos possuíam uma fé bastante firme na idéia de que a vida continuaria em um outro lugar e chamavam a esse lugar de Hades. O Hades fica embaixo da terra, daí a necessidade de se enterrar os mortos segundo o ritual. Na Grécia antiga, segundo os textos que nos chegaram, o problema não era a morte, mas o morrer e não ser enterrado. O morto ao qual recusam sepultura, vive na forma de fantasma ou de espírito errante a perturbar as almas dos encarnados. Foi por esse motivo que os gregos criaram duas manifestações religiosas de profunda importância: o culto do fogo e o culto dos mortos. Esses dois cultos faziam parte da religião familiar ou doméstica e era a forma de religião que mais de perto tocava a emoção de um homem grego.

No Hades, o homem continua vivendo na forma de sombra, mas em um corpo especial (corpo fluídico) a que eles chamavam de eidolon e que possuía a mesma aparência do corpo físico. O morto, do outro lado, prossegue com as suas emoções

intatas pois a morte em nada afetou a sua maneira de ser quando encarnado. Assim é no Canto XI da *Odisséia* no qual o herói (Ulisses / Odisseu) vai consultar a alma do adivinho Tirésias para saber se voltará são e salvo à sua pátria, Itaca. Ali Homero coloca uma verdadeira procissão de mortos que vão se manifestando e demonstrando que, no plano espiritual, não mudaram nem o seu modo de pensar nem a direção de suas emoções.

Esse mesmo tipo de preocupação, sem muitas alterações, se encontra entre os romanos.

A morte na Grécia Antiga, assim como os problemas da alma não eram apenas afetos à mitologia ou à religião. A própria filosofia se ocupou dessa questão com muita firmeza e amplitude. Pitágoras pregou corajosamente a reencarnação e ele próprio era capaz de se lembrar de muitas de suas vidas passadas. Platão, caminhando pela estrada aberta pelo Pitagorismo, coloca na boca do Sócrates agônico uma defesa bonita e corajosa sobre a morte e o morrer de um ponto de vista espiritual. Epicuro, por seu turno, em sua filosofia (o Epicurismo) afirmava que a infelicidade humana se devia a três problemas: a crença nos deuses, no destino e a existência da morte.

Para resolver esse terceiro problema, ele dizia sofisticadamente: "Não deveis vos preocupar com a morte, pois enquanto sois ela não é, e quando ela for vós não mais sereis."

Como a nossa civilização tecnológica-industrial-pós-moderna, vê a morte? Sem muito medo de errar, posso dizer que a nossa postura, apesar de uma certa arrogância que nos foi dada pelo racionalismo da Modernidade, não é muito diferente da das antigas culturas. Continuamos apreensivos com respeito à morte e, muitas vezes, tentamos escapar do problema por meio do humorismo, como acontece com Woody Allen ao escrever:

"Não é que eu tenha medo da morte. Eu só não queria estar lá quando isso acontecesse."

Brincando ou falando sério a morte é o nosso calcanhar de Aquiles. Nós vamos morrer, isso é tão certo como o fato de Sol nascer amanhã bem cedo, e isso nos preocupa bastante. Algo estranho que se dá com o nosso comportamento em relação a morte e a nossa tentativa de descartá-la como alguma coisa que a gente deve esquecer. E, assim, as pessoas passam a maior parte de seu tempo preparando-se para a vida, que é algo de muito incerto, mas poucos se preparam para a morte, a única coisa certa em um mundo de incertezas.

Quando alguém morre, as pessoas tendem a chorar desesperadamente como se sofressem uma perda irreparável. Muitos passam mal, desmaiam e chegam mesmo a correr risco de vida quando a morte de um ente querido lhe é comunicada. Segundo a tradição, as pessoas amigas e os parentes vão para a capela funerária. Em tempos passados, e em cidades mais conservadoras, o velório era feito dentro de casa. No lugar onde encontra o morto, ouvem-se suspiros e gemidos abafados, que vão chegando, e que já conhecem todo o ritual, dirigem-se aos parentes do morto e lhe dão os pêsames. Os enlutados sentem com profunda dor esse gesto social que aprofunda mais ainda as suas chagas.

Alguns dos visitantes olham o morto e em palavras em voz baixa. Todos falam coisas boas sobre o morto. Falar bem do morto é um costume grego uma vez que, na Grécia Antiga, todo morto era hieros, isto é, sagrado. Algumas culturas, ainda hoje, costumam contratar carpideiras (choradoras profissionais) que se desmancham em lágrimas durante o velório.

Vai chegando a hora de levar o morto para o que chamam sua última morada. As vezes, esse momento demora um pouco porque está faltando chegar um parente retardatário ou um amigo íntimo do morto que não compareceu ao velório. Terminada a espera, forma-se um cortejo que marcha com gravidade até o local onde se encontra a

sepultura aberta pelos coveiros. Nos Estados Unidos, um religioso - pastor ou padre - encomenda a alma do morto, lendo trechos da Bíblia. Então, o caixão, amparado por correntes que evitam o baque do corpo na terra, desce e é depositado sobre a terra fofa recém-cavada. Os coveiros perguntam profissionalmente se os parentes desejam mais alguma coisa, se não desejam, cada um atira um pouco de cal ou de terra sobre o caixão e voltam para casa contristados. Passarão alguns dias, meses, e, em casos mais raros, anos, sofrendo por causa daquela perda.

A situação fica mais grave quando se trata de uma criança que perdeu alguém muito amado. Sobre essa questão escreve a tanatóloga Elisabeth Kubler-Ross: "O fato de permitirem que as crianças continuem na casa onde ocorreu uma desgraça e participem das conversas, das discussões e dos temores, faz com que não se sintam sozinhas na dor, dando-lhes o conforto de uma responsabilidade e luto compartilhados. É uma preparação gradual, um incentivo para que encarem a morte como parte da vida, uma experiência que pode ajudá-las a crescer e a amadurecer".

Isso contrasta muito com uma sociedade em que a morte é encarada como tabu, onde os debates sobre ela são considerados mórbidos e as crianças afastadas sobre o pretexto de que seria "demais" para elas. Costumam ser mandadas para a casa de parentes, levando muitas vezes consigo mentiras não convincentes de que "mamãe foi fazer uma longa viagem" ou outras histórias incríveis. A criança percebe algo de errado e a sua desconfiança nos adultos tende a crescer à medida que outros parentes acrescentam novas variantes ao fato, evitam suas perguntas suspeitas ou cobrem-na de presentes como um mero substituto para a perda. O que não pode atingir a criança. Mais cedo ou mais tarde, ela se aperceberá de que mudou a situação familiar e, dependendo de sua idade e personalidade, sentirá um pesar irreparável, retendo esse incidente como uma experiência pavorosa, misteriosa, muito traumática, com adultos que não merecem sua confiança e com quem não terá mais condição de se entender."(Ross. Sobre a Morte e o Morrer; p. 19)

Em seu livro, *Memórias, Sonhos e Reflexões* o psicólogo C. G. Jung conta que, quando era menino e as pessoas morriam, sua mãe lhe dizia que era Jesus quem levava aquelas pessoas para junto dele. O menino Jung, que havia visto alguns enterros e os achava deprimentes, associou Jesus com a morte e essa associação fez com que não conseguisse, durante muito tempo, ter uma boa relação com Jesus Cristo. O poeta Luiz Vieira possui uma canção sobre um menino que perdeu o pai e que sofre muito, chorando pelos cantos da casa. A mãe diz a ele que foi "Papai do Céu que levou o papai pra passear." Jesus Cristo sempre sabe o que faz. O menino ouve isto e se cala. Conformado? Não, recalado pois o que ele havia recebido como explicação, não o consolara, apenas impusera a ele o silêncio pela impotência, e mais nada.

Ante todo esse contexto de equívocos e incompreensões, a Doutrina Espírita se coloca como uma alternativa saudável. Se estudada com atenção e honestidade, a Doutrina Espírita elimina por completo o receio da morte. Isso não se dá apenas pela lógica doutrinária que, eliminando os conceitos teológicos de céu, inferno, purgatório, limbo e salvação pela fé ou pelo sangue de Jesus Cristo, afirma categoricamente que a vida continua. Assim, para a Doutrina Espírita o ciclo clássico da vida se altera consideravelmente: nascer, crescer, amadurecer, envelhecer, morrer e renascer. Eis o que nos diz o Espiritismo. A morte é apenas um momento no infinito de nossas existências. Estamos condenados à vida, esta é uma condenação das mais positivas. O que, porém, dá um golpe sério no conceito tradicional de morte é a mediunidade.

A mediunidade é, de fato, um canal aberto entre encarnados e desencarnados. É uma espécie de telefone (e já foi chamado assim por alguém) entre os dois lados da vida. Vamos, porém, a um exemplo:

O Casal Dionísio e Ignez Telles Labate tinham um filho muito querido chamado Douglas, nascido em São Paulo, em 1960. Com vinte e dois anos incompletos, no dia 25

de março de 1980, Douglas desencarnou em um acidente de moto. O pai, muito triste, viajou para Uberaba, em Minas Gerais, onde trabalhava o médium Francisco Cândido Xavier a quem o senhor Dionísio deu apenas o nome do filho desencarnado. Naquela memorável noite para os pais desconsolados, o Chico recebeu a seguinte mensagem:

“Querido Papai Dionísio, aqui estou eu a imaginar-me abraçado ao seu coração e ao colo da Mãezinha Inez para lhes comunicar que estou melhorando”.

Estaria numa boa se não fosse essa ferida de saudade que a gente carrega por aqui, onde as surpresas são muitas.

Não quero manifestar-lhes a minha sobrevivência com lamentações.

Especialmente, preciso dizer que sou advogado da moto, a minha condução preferida.

Penso que montar um cavalo puro sangue e ganhar assento no animal de aço, que me proporcionou tanta alegria, é a mesma coisa.

Não se preocupem com a idéia de que o acidente não viria, caso estivesse no chamado processo "de a pé". De qualquer modo, a bruxa descobriria. Quem passou por esse mundo, sem lhe perceber a presença?

Pois saibam que se ela faz chorar a muita gente, não sou o mesmo companheiro das boas velocidades e das aventuras que nos melhoram a capacidade de ser gente.

Estou com pessoal nosso, como acontecia aí no mundo: Vovó Maria Luíza e vovô Afonso. Vovô Ana e vovô Francisco e ainda o Tio Eugênio, são amigos do peito e se alegram com o meu modo de ser.

Guardo a certeza de que me obterão um novo monstro de corrida serena para que me movimente, no lado em que resido presentemente, porque asas não tenho e nem conheço, por enquanto, ninguém de nosso grupo que consiga planar no espaço.

Estou bem, mas transportando reconforto, com a saudade de quebra. Sei que minhas maneiras serão reeducadas.

Percebo isso nas sugestões de nossa gente, mas, por enquanto, Papai Dionísio, não há outro jeito de ser, senão este com que compareço diante de sua bondade para repetir o meu "muito obrigado."

Pai, rogo à mamãe Inez para que entenda, comigo, esta necessidade de conservar a nossa fortaleza na alegria com que a própria vida se manifesta.

Nunca vi árvores sustentando folhas mortas e nem águas paradas que possam ajudar a terra. Tudo é movimento e tudo é esperança.

Rogo ao seu coração amigo transmitir aos colegas o meu abraço, conquanto ainda me veja um pouco baratinado para assumir a posição de morto solene que não sou. Continuo a sentir muita falta da Mão, do Gordo, do Tunas, do Bolomba, da Patricinha, da Fabi e É engraçada a existência no mundo físico. Saí da Terra conhecida, amando a Rosana, e só aqui pude saber que a Ângela me queria tão bem.

Não me refiro a isso para renovar comunicados. Reporto-me à situação em que me reconheci, porque desejo ser autêntico.

Suponho que muitas pessoas liberadas do campo físico sentirão problemas afetivos semelhantes aos meus, entretanto, penso que não falam nisso, deixam o tempo moer as ocorrências, até que a memória apague as recordações que nos agitam por aqui.

Não me creio diferente dos muitos corações que conheço, embora não esteja envolvendo a todos no mesmo lado em que descolo minhas lembranças.

Saibam, acima de tudo isso, que eu digo que os amo muito e que os pais queridos me possuem a vida inteira. Se fui de alguém, sem a posse de Deus sobre nós todos, pertenci e continuo pertencendo a ambos.

Recebam, desse modo, muitos beijos do filho que acabará um dia tão perfeito como desejam, com moto ou sem moto.

Um abraço de muitas saudades, com os agradecimentos do filho que tudo lhes deve para desejar ser o filho útil e bom que ainda não sou, mas preciso ser.

(Douglas Labate (27.06.8 1)

Francisco Cândido Xavier. Adeus Solidão, p. 54.

A TEORIA DO CAROÇO DE MANGA.

Você, caro leitor, já deve ter visto um caroço de manga. Claro que já viu. Naquele caroço de manga, naquela simples forma ligeiramente lenticular, existe uma árvore, a mangueira com tronco, galhos, folhas, flor e frutos. A mangueira está no caroço, invisível, mas inteira, inteirinha. Para verificar a verdade dessa afirmação, basta que você coloque a semente, isto é, o caroço, em solo propício e logo verá nascer uma plantinha que estava presa dentro dele. Se tiver paciência, há de ver, com o tempo, surgir uma grande árvore que, na época exata, dará frutos que, por sua vez, farão nascer novas mangueiras, e assim continuará o ciclo natural, porém, comum detalhe importante, amigo leitor: se você plantou um caroço de manga-espada, nascerá uma bela mangueira que dará "mangas-espada" e não "rosa", "carlota" ou "coração-de-boi". Assim é a natureza. Cada caroço de uma espécie de manga dará aquela espécie e não outra.

Por que estamos falando desse assunto? Eu me explico. Do nosso ponto de vista há uma profunda analogia entre o crescimento de uma semente e a vida humana. Como a semente contém a árvore, a criança contém o adulto. Quando uma criança vem ao mundo já vem completa potencialmente e dependerá apenas das condições adequadas para desenvolver o material que trouxe consigo. Não se trata de predeterminação, mas de tendências. O espírito que acaba de entrar neste mundo, chorando e gritando, é um ser imerso na temporalidade, que não está vindo à Terra pela primeira vez. Ele é um viajante do tempo, cheio de experiências positivas ou negativas, que recebeu mais uma oportunidade de desenvolvimento. O espírito recém-chegado não é, como querem os empiristas, uma lousa vazia na qual nada se encontra escrito, mas uma espécie de texto rascunhado que precisa ser passado a limpo. Por esse motivo, o poder da educação é muito grande, mas muito limitado também. Educar, portanto, não seria escrever, segundo a nossa vontade, um texto nosso em um papel em branco, mas corrigir um texto já escrito, revisando as passagens mal escritas ou truncadas e acrescentando novos conceitos, porém com respeito pelo que já está escrito, não se pode e nem se conseguiria apagar todo um texto escrito por séculos e séculos.

Vamos, entretanto, prosseguir com a analogia entre a vida e a semente. Para a semente crescer sobre a terra e virar planta é preciso que hajam condições como: adequação da terra, condições climáticas, saúde da própria semente, atuação das pragas e insetos predadores, etc. Para que uma vida realize as suas potencialidades, deverá contar com a colaboração da família em que nasceu; aprender a determinar seus objetivos e persegui-los com perseverança; distinguir os chamados da vida que podem ser provenientes de suas próprias tendências ou da ação bondosa dos guias espirituais; discriminar entre os apelos positivos e os negativos, evitando os segundos que sempre levam a desvios lamentáveis; compreender a validade das experiências (mesmo as dolorosas) para tirar delas aquilo que elas podem oferecer de bom.

Gostaríamos de lembrar, a bem da verdade, que essa idéia não é nossa, mas de um psicólogo americano, de formação junguiana, chamado James Hillman, apresentada em seu livro *The Soul's Code In Search of Character and Calling*. Esse texto apareceu em língua portuguesa, pela editora Objetiva, sob o título de *O Código do Ser Humano Busca do Caráter e da Vocação Pessoal*. Inclusive, alguns exemplos que usaremos neste capítulo foram tirados desse livro interessantíssimo.

Apalavra vocação deriva do verbo latino *voco*, as, are, avi, atum que tem o sentido de chamar, convocar, apelar. Em geral, é um termo muito vago, usado pelos religiosos para indicar um apelo de Deus para uma vida reclusa ou de trabalhos dentro da igreja, mas pouco explicado pelos psicólogos quanto á sua origem; é a ele que Hillman dá o nome de "chamado". Em seu livro, ele conta a história de um chamado acontecido com o filósofo inglês R.G. Collingwood (1889-1943). Conta o filósofo em sua autobiografia que o seu pai possuía uma grande biblioteca. Certo dia, quando estava com oito anos, Collingwood, levado pela curiosidade, entrou na sala onde seu pai tinha os livros.

"Instintivamente", ele pegou um livrinho de capa preta em cuja lombada estava escrito: Teoria da Ética de Kant. Ali mesmo, meio às ocultas, entre a estante e a mesa, ele começou a ler o livro e foi dominado por fortes emoções. Primeiramente, ficou tomado por uma forte excitação. Ele sentia, de algum modo, que ali se estavam dizendo coisas de grande importância e sobre questões urgentes para a sua compreensão. Em segundo lugar, sentiu-se invadido por um misto de tristeza e indignação pois percebeu que não podia compreender aquele texto plenamente. Era duro para ele constatar que ali estava um texto em inglês, gramaticalmente correto, mas com um significado que ele não podia entender. Finalmente, veio-lhe um terceiro sentimento: percebeu que, embora não entendesse o conteúdo daquele livro, o que ali estava escrito, de alguma forma, lhe dizia respeito.

Esse relato é muito estranho. Kant é, sem dúvida alguma, um dos maiores pensadores do Ocidente, entretanto, é também dos mais áridos e dos mais difíceis. Como um menino de oito anos, idade onde normalmente uma criança inteligente se interessaria por contos de fada, ou livros sobre animais, astronomia para iniciantes e textos semelhantes, podia se interessar pela obra de Kant? E mais do que isso: emocionar-se por um tipo de texto inacessível para a maioria das pessoas adultas.

Realmente é muito estranho. A resposta a isso só pode ser a seguinte: no Collingwood de oito anos já estava o filósofo famoso, assim como no carço da manga já está a mangueira.

Vamos a uma outra história sobre um personagem muito conhecido chamado Jean-François de Champollion. Corria o ano de 1790 e Jacques Champollion, que trabalhava como livreiro na pequena aldeia de Figeac, mandou chamar, urgentemente o feiticeiro (médium) Jacqou. O chamado feito por Jacques Champollion era uma espécie de solução desesperada uma vez que a sua esposa, presa ao leito e parálitica, havia sido desenganada pelos médicos.

Jacqou chegou à casa de Champollion e mandou que se fizesse uma espécie de leito com ervas aquecidas e que a doente fosse deitada ali. Depois, que se mornasse um pouco de vinho, e deu a bebida à mulher. Por fim, para espanto geral, disse que ela não só ficaria boa como daria à luz um menino que conquistaria fama imorredoura.

As pessoas presentes ficaram espantadíssimas pois conheciam muito bem o estado em que estava a doente. Uma breve observação: em muitos casos, a semente precisa de alguém que cuide da terra onde ela vai nascer e Jacqou, nessa história, faz o papel do bom agricultor.

Confiante em que havia feito um bom trabalho, Jacqou partiu satisfeito. No terceiro dia, a doente, acamada há meses, levantou-se e no dia 23 de dezembro de 1790, mais ou menos às duas horas da madrugada, nasceu Jean-François Champollion que, tempos depois, assombraria o mundo com a decifração da escrita sagrada dos antigos egípcios: os hieróglifos.

Assim que nasceu o filho do livreiro, foram observados sinais estranhos no menino: ele tinha a córnea do olho amarela, uma fato biológico característico dos povos orientais, inteiramente estranha em um indivíduo nascido na Europa Central. Um outro fato não menos estranho era a cor de sua pele: Champollion tinha a tez morena, quase

escura, e todo o talhe de seu rosto era pronunciadamente oriental. Assim, vinte anos depois, as pessoas que o conheciam o apelidaram de o Egípcio.

Parece que, inicialmente, em Figeac, o menino Champollion apresentou problemas com a escola. Talvez por isso, em 1801, seu irmão, que havia se tornado um notável filólogo e interessadíssimo em Arqueologia, leva Champollion para Grenoble e se torna responsável por sua educação. O menino em Grenoble, então com 11 anos, demonstra uma grande aptidão para o aprendizado do grego e do latim. Mostra-se também muito interessado pelo hebraico e a essa língua se dedica com assombroso sucesso. A esta altura, Jacques Champollion, admirado com o sucesso intelectual de seu irmão e imaginando que ele será um notável filólogo no futuro, decide mudar seu nome para Champollion - Figeac, para não ser confundido com o irmão brilhante. Esse é um ato de humildade que lembra João Batista em relação a Jesus: "É necessário que eu diminua para que ele cresça". Uma outra observação, se me permitem: Jacqou trabalhou a terra que receberia a semente e Jacques-Joseph trabalhou para que ela se desenvolvesse saudável.

Naquele mesmo ano, o jovem Champollion se encontra com Fourier, físico e matemático, que fora secretário do Instituto Egípcio no Cairo e Secretário da França junto ao governo do Egito. Na ocasião desse encontro, Fourier se tornara prefeito do Departamento de Isère, tendo estabelecido residência em Grenoble onde, em torno dela, se formara um círculo de intelectuais. Fourier simpatiza-se de pronto com o meninoprodígio e o convida a ir à sua casa. Ali ele mostra ao rapaz uma coleção de objetos provenientes do Egito e ele vê, literalmente encantado, os primeiros fragmentos de papiros; fascinado, ele contempla as primeiras inscrições de hieróglifos em lajes.

Nesse momento, conta-se que se estabeleceu entre Fourier e o menino o seguinte diálogo: - Mestre, o que se encontra escrito aí?

- Não se sabe, meu filho. Ninguém pode ainda ler esta escrita.

- Eu os lerei quando for grande. Estou certo.

Enquanto isso, o irmão mais velho cuidava da educação do menino que demonstrava uma fome terrível de conhecimentos. Lia livros e mais livros e penetrava nos campos mais diferentes do saber humano. Com 12 anos escreve o seu primeiro livro: A História de Cães Famosos. Por essa época escreve uma cronologia que vai desde Adão até o momento em que vive. Com 13 anos começa a aprender idiomas muito complexos para um ocidental como o Árabe, o Siríaco, o Caldeu e, mais tarde, o Copta, língua popular no antigo Egito. É importante lembrar que Champollion possui uma espécie de obsessão pelo Egito pois tudo o que faz e estuda está orientado para a cultura daquele país. Estuda, por exemplo, o Chinês antigo, para provar o seu parentesco com a língua falada pelo povo do Nilo. Champollion, menino, é incansável. Estuda textos em língua Zend, Pálave e Parse, línguas muito antigas com as quais entra em contato graças à influência de Fourier. Aos 17 anos, ele desenha o primeiro mapa histórico do Egito.

Isso dito assim, não dá uma dimensão exata do trabalho de Champollion. Para que se possa avaliar o que esse rapaz realizou, é importante lembrar que o único material existente para que ele pudesse produzir esse trabalho eram passagens bíblicas superficiais e textos, latinos e árabes, bastante mutilados. Penso que nesse caso, temos que dar razão ao velho Platão quando afirmava: "Aprender é recordar." Um velho sábio egípcio estava escondido dentro do menino francês, de outro modo, não poderemos explicar um caso como esse.

Aos 17 anos, Champollion quer dar um passo mais largo: deseja ir a Paris. A Academia de Grenoble, que já sentia pelo rapaz algum respeito, pede a ele, antes de sua partida para a Cidade Luz, um trabalho definitivo para que pudesse receber o título de acadêmico. Eles lhe sugerem um discurso comum em uma peça retórica, mas Champollion, escreve um livro intitulado O Egito sob os Faraós. No dia de sua

apresentação (1 de setembro de 1807), ele se levanta empertigado, ereto, firme e confiante. Lê em voz alta a introdução de seu livro. O resultado é a sua eleição por unanimidade para a Academia de Grenoble.

Em Paris, naquele mesmo, Champollion é apresentado, por seu irmão, a De Sacy que será o seu futuro professor. De Sacy era pequeno e mirrado, mas a sua fama era gigantesca e já havia transposto as fronteiras de França. O menino de Figeac, porém, frente ao homem ilustre, não se mostra perturbado. Age como agira em Grenoble ante a figura grave de Fourier. De Sacy, entretanto, deixando-se levar pela arrogância e vaidade, olhou aquele menino à sua frente e viu apenas um juvenzinho que, no prefácio do livro *O Egito sob os Faraós*, havia esboçado um projeto demasiadamente audacioso que ele próprio não se acreditava capaz de levar a cabo.

Champollion, em Paris, recusa-se a se deixar tentar pelas seduções da grande cidade; ela era muito bela, rica e culta, mas não era isso que interessava ao jovem, e assim ele mergulha nas bibliotecas, passa horas nas livrarias, corre de instituto em instituto. Os professores de Grenoble o importunam por meio de cartas pedindo esclarecimentos sobre línguas antigas. Enquanto isso, para se distrair, escreve uma gramática da língua chinesa.

À medida que o tempo passa, Champollion vai cada vez mais mergulhando no Egito. Aprofundando os seus estudos de árabe chega a modificar a sua voz a tal ponto que, em uma reunião de árabes, um deles, tomando-o por um compatriota, faz-lhe salamaleques. O seu conhecimento sobre o Egito cresce cada vez mais. Um africanista da época, chamado Somini de Montecourt, depois de uma conversa com ele, diz admirado:

"Ele conhece a terra de que falamos tão bem quanto eu mesmo." Sua familiaridade como Copta chega a tal ponto que ele confessa: "falo em copta comigo mesmo." Para se exercitar, costuma fazer suas anotações pessoais nessa língua.

Essa relação, pode-se dizer obsessiva, com a cultura antiga faz com que Champollion se esqueça da vida material. Mora em uma mansarda mal iluminada e insalubre.

Seus sapatos estão furados, suas vestes rotas. Seu irmão diz que já não pode mais sustentá-lo a não ser que venda a própria biblioteca. Seu estado é de tão grande penúria que ele sente vergonha de se apresentar em público. O inverno rigoroso de Paris e a má alimentação o faz adoecer do mal que um dia haverá de matá-lo.

Um fato, entretanto, agrava-lhe a situação: Napoleão, o imperador dos franceses, precisa de soldados e faz uma grande convocação, chamando às armas todos os homens válidos de França. Champollion está neste caso. Horroriza-o, porém, a disciplina militar que ele considera estúpida e sem motivo. Desespera-se ante a perspectiva de ter de se alistar. Novamente recorre ao irmão que, graças às suas amizades, consegue afastar de Champollion a ameaça de uma convocação e um alistamento militar obrigatório.

Afastada essa preocupação, Champollion se vê envolvido em outra: a pedra de Roseta. Vamos abrir aqui um parêntese para explicar o que é a pedra de Roseta para quem não é iniciado em História Antiga. Trata-se de uma pedra que foi achada no Egito durante as campanhas de Napoleão. O fato se deu do seguinte modo: um oficial francês, por nome Bouchard, estava chefiando a reconstrução do forte Rachid, já então denominado Julien, que ficava a 7,5 quilômetros de uma localidade perto do rio Nilo chamada Roseta. Tem-se atribuído a muitos a descoberta dessa pedra, entretanto, do verdadeiro descobridor, não se sabe o nome.

A pedra desenterrada naquele lugar, daí o seu nome, era mais ou menos do tamanho de um tampo de mesa. Formada de basalto negro e com granulações muito duras, apresentava-se polida de um lado. Nela se podiam ver três inscrições: a primeira possuía 14 linhas e os caracteres eram hieroglíficos; a segunda, com 27 linhas, estava grafada em demótico, e a terceira, com 64 linhas, em língua grega. Era um grego legível

e portanto, perfeitamente traduzível. Imediatamente, um general de Napoleão, que tinha algumas fumaças helenísticas, traduziu o texto em grego afirmando que se tratava de um louvor que os sacerdotes de Mênfis dirigiam ao rei Ptolomeu V, no ano 196 a.C, provavelmente, por algum benefício recebido do monarca.

Depois da derrota de Napoleão, os ingleses se apossaram da pedra e a levaram para Londres, entretanto, antes disso, os franceses fizeram moldagens e cópias da pedra que foram levadas para a capital francesa. Essas cópias logo se tornaram objeto da atenção dos sábios que, de imediato, começaram a estabelecer comparações entre os três textos, mas sem grandes resultados práticos. Foi uma dessas pedras que Champollion deve ter visto em Paris.

Durante dias e dias Champollion se esquecia do mundo olhando a pedra de Roseta. Ali estava a chave de todo o mistério, e ele a descobriria custasse o que custasse, nem que fosse a última coisa que faria na vida. Ele tinha a impressão interior de que para isso viera ao mundo. Chega, então, uma nova cópia de Londres e ele se atira a ela com fome de lobo. Está certo de que não mais pode esperar. O que deve ser feito, tem de ser feito.

Está meio febril. As idéias acumulam-se em sua mente e ele sente que está a pique de fazer uma grande descoberta. Nesse momento, porém, acontece algo que o fere como um raio: a pedra de Roseta havia sido decifrada. Essa notícia terrível ele a recebeu de um amigo que falou com entusiasmo sobre a descoberta. Champollion fica pálido, vacila, apóia-se no amigo que conclui a informação dizendo que a honra coubera a Lenoir que, inclusive, havia publicado um opúsculo chamado *La Nouvelle Explication*. (A Nova Explicação). Champollion, à beira de um ataque de nervos, despede-se do amigo abruptamente e, como um raio, entra em uma livraria para comprar o texto de Lenoir. Compra o livrinho e o corre para casa. Deitado na cama, ansioso, começa a ler e, de repente, irrompe em uma gargalhada olímpica: nada havia ali que se pudesse levar a sério em termos de explicações sobre a leitura dos hieróglifos.

Champollion continua estudando a pedra de Roseta e se entrega a essa tarefa com o sacrifício da própria saúde e, por fim, consegue ler em hieróglifos o nome de Ptolomeu e o de Cleópatra: estava entregue ao mundo intelectual europeu a chave para a leitura da escrita sagrada dos antigos egípcios e para se penetrar definitivamente no mundo cultural do Vale do Nilo.

Peço desculpas aos leitores pela extensão desse caso, mas nós o consideramos muito útil para a idéia que desenvolvemos neste capítulo. Por certo Champollion encarnou com a missão de abrir as portas para a compreensão da cultura do Egito, ou seja, no menino nascido em Figeac já estava o poderoso espírito que faria a gigantesca tarefa que realizou. O que mais nos impressiona nesse espírito é a sua capacidade de não se desviar de seu objetivo. Ele persegue o que deseja, não como alguém que dissesse: "Vou tentar e se não der, paciência." Não, ele dizia:

"Vou decifrar os hieróglifos porque, para isso, eu vim aqui."

Champollion, um espírito missionário, sabia o que queria e com grande clareza. Por certo ele se comprometeu e se preparou no plano espiritual para realizar o seu trabalho. Champollion foi chamado e, lembrando-se de seu compromisso, não recuou. Um outro caso não muito diferente foi o de Golda Meir que, no cargo de primeira ministra, governou Israel em 1973. Com ela tudo se deu assim: estava cursando a quarta série de uma escola pública em Milwaukee quando veio uma ordem, ou uma lei, obrigando todas as famílias a comprarem livros para seus filhos. Golda ficou indignada, e resolveu organizar um movimento de resistência contra aquela decisão porque a considerava discriminatória e prejudicial para as famílias pobres que não poderiam comprar livros para suas crianças. Golda, que estava então com 11 anos, alugou um salão para fazer reuniões, arrecadou fundos, reuniu sua turma de meninas, preparou a sua irmã menor para declamar um poema social em Iídiche, língua falada pelos judeus

da Europa e, por fim, fez um discurso inflamado para um auditório repleto de muitas pessoas.

Novamente se faz a analogia com a semente que contém a árvore. Na menina Golda Meirjá estava a primeira ministra de Israel, pronta, apenas à espera do momento oportuno para se manifestar.

No caso de Golda, o que há de interessante é a capacidade que ela teve de ouvir o chamado. O caso da lei antipática disparou nela a primeira ministra, e ela entrou em ação. Isso me parece fundamental para uma vida de qualidade: estar atento a esses chamados quando eles acontecem e não perder a oportunidade de trabalho no momento em que ele aparece. Quando a menina Golda ouviu falar na lei, ficou indignada e disse consigo mesma: tenho que fazer alguma coisa. Nessas quatro palavras, segundo me parece, está toda a teoria da ação. Quando dizemos: temos que fazer alguma coisa, mobilizamos energias interiores insuspeitas que nos levam a realizar tarefas as quais, depois de realizadas nos levam a dizer: eu consegui isso!

Muitas vezes, porém podemos estar ouvindo um chamado que julgamos ser bom para nós e não era, felizmente, em alguns casos, isso pode ser corrigido. Vejamos o caso da excelente cantora americana Elza Fritgerald. Ela estava, muito antes de ser famosa, em um programa de calouros no Harlem Opera House. O animador, não muito entusiasmado com aquela jovem magra e desajeitada que subia ao palco cheia de timidez, disse:

"Agora, mais uma candidata. Vamos receber com nossos aplausos a jovem Ela Fritgerald que vai realizar um número de dança". A moça, porém, não dançou, e o comunicador preocupado perguntou-lhe o que acontecia e ela lhe disse. Ele, então, meio desconsertado, explicou: "A nossa concorrente decidiu que vai cantar e não dançar". Ela cantou, foi um sucesso, repetiu o número a pedidos por três vezes. Mas ela não estava inscrita como dançarina? Estava. E por que mudou de idéia repentinamente?

Ela própria não sabe responder a isso, mas de uma coisa estava certa, com aquela decisão os americanos perderam uma bailarina medíocre e ganharam uma de suas maiores e melhores cantoras. Teria ela intuído que viera a Terra para cantar e não para dançar? Teria sido advertida do engano por seu guia espiritual? Tudo isso é possível, mas o que ficou de concreto foi o acerto daquela decisão no programa de calouros do Harlem.

Até aqui, vimos vocações que deram certo, ou sementes que geraram belas árvores, mas há também casos de rotundos fracassos e esses casos não são poucos. Escolhemos, para exame, o de Judy Garland ou Francis Gumm. Judy nasceu no dia dez de junho de 1922. Sua vocação se manifestou muito cedo, mais ou menos quando estava com dois anos de idade. Sua família, que explorava o "show business", logo achou que havia nascido em seu seio uma nova estrela e isso era muito bom para eles. Judy se apresentou em público, pela primeira vez, ainda com o nome de Baby Gumm, na companhia de suas irmãs mais velhas. O sucesso foi tão grande que ela teve de cantar sozinha o *Jingie Bells* comum sucesso considerável. Choveram aplausos e o público exigiu que ela voltasse por três vezes. A menininha, por sua vez, parece ter ficado deslumbrada pois, para sair do palco, foi praticamente arrastada por seu pai. Certo dia, Judy teria visto três irmãs cantando com uma delas fazendo o solo. Ela teria dito então: "Papai, eu posso fazer isto também." Virgínia, uma de sua irmãs, costumava dizer que, com dois anos, Judyjá sabia o que queria.

Tudo isso mostra que, como nos casos anteriores, a cantora de sucesso já estava na menina que mal despertava para a vida.

Isso, talvez, não tenha sido bom para ela. Diz o livro do Eclesiastes "Há tempo para tudo debaixo do sol". É saber esperar, dar tempo ao tempo, para que as coisas aconteçam no momento propício. A sabedoria popular é rica em sugestões com respeito

ao açodamento: "Afobado, come cru." "Pressa é inimiga da perfeição." Saber esperar o momento exato para se agir, parece-me ser um traço de qualidade que se deve cultivar.

Com o passar do tempo, o talento de Judy Garland aflora por completo e ela ocupa o centro mesmo do "show business" americano. Seu sucesso é enorme e grandes nomes querem trabalhar com ela. Em seu "show" realizado no Carnegie Hall, em 1961, comparecem figuras exponenciais no mundo das artes como: Richard Burton, Leonard Bemstein, Carol Channing, Jason Rosarde, Julie Andrews, Spencer Tracy, Anthony Perkins, Mike Nichols, Mervim Gnffin entre outros.

No auge de sua fama, os colegas têm sobre ela as mais lisonjeiras opiniões: "Judy é a maior artista que já existiu e provavelmente existirá", disse Fred Astaire, Gene Kelly também é elogioso com Respeito a ela: "É a artista mais versátil que a América já teve." O grande Bing Crosby é enfático: "É a mulher mais talentosa que já conheci." Elia Kazan colocava Judy no mesmo nível de astros como: Enrico Caruso, Maria Callas e Greta Garbo.

O que se poderia imaginar de uma pessoa em uma situação como essa? Que fosse feliz e curtisse o seu sucesso e o prolongasse ao máximo. Por certo esta é uma resposta sensata, mas não foi o que se deu com Judy Garland. Ela viveu de um modo extremamente infeliz: meteu-se em bebedeiras, fez sexo promíscuo, tentou o suicídio, foi vítima de chantagens e cometeu um sem número de loucuras e atos de auto-agressão que, por fim, levaram-na à destruição e à morte.

O que aconteceu a Judy Garland? Teria ela sido destruída pela própria fama? Teria sido devorada pela máquina fantástica de Hollywood? Talvez a opinião mais interessante sobre ela tenha sido a de sua filha Liza Minelli que, nos funerais da mãe, teria dito que ela havia sido uma pessoa que caminhou pelos extremos. Por certo Liza teve razão. Um dos espíritos que cumpriu na Terra a sua missão de um modo exemplar foi Allan Kardec que recebeu o epíteto de "O Bom Senso Encarnado". Aqui está a palavra fundamental para uma vida de qualidade. Certamente faltou a Judy Garland, e a tantos outros, esta coisa aparentemente banal chamada bom senso. Muitas pessoas, quando chegam ao sucesso, rompem o pacto com a realidade, passam a viver em um mundo de fantasia e acabam se confundindo com os próprios personagens. Narcisistas em extremo julgam-se acima de todas as coisas (inclusive acima de Deus) e sofrem de um mal que os gregos chamavam de hybris, ou seja, um sentimento-desafio resultante da falsa avaliação de si mesmos. De repente sofrem uma queda brutal do alto da própria vaidade e, nesse momento, não sabem o que fazer. Buscam, então, auxílio, e, como são muito frágeis, procuram ajuda onde ela não está, ou seja, nas drogas ou em outras formas de vício que reduzem o seu tempo de vida.

Um outro detalhe interessante é ouvir o guia espiritual encarnado ou desencarnado. Vamos lembrar Champoilion, obediente a seu irmão querido; Allan Kardec, que teve em seus pais uma sustentação segura e, mais tarde, em Yverdun, quando foi protegido por Alexandre Boniface, seu professor naquela instituição. Durante as lides espíritas curvou-se à orientação do Espírito Verdade e de outros guias, para levar a bom termo a sua tarefa. Curvar-se ante os verdadeiros guias para poder crescer, eis um outro sintoma de qualidade. A arrogância jamais foi boa conselheira. Basta lembrar o exemplo de Francisco Cândido Xavier e Emmanuel. O Chico, quanto mais obedece mais cresce e mais se torna uma pessoa de qualidade. Isso, porém, envolve disciplina, uma outra virtude qualitativa e muito difícil de ser conseguida, mas, pela qual, vale a pena lutar.

Todas as vezes em que não se ouvem as vozes dos bons espíritos, que nos chegam dos mais diferentes modos, principalmente através dos livros, ficamos mais ou menos órfãos e aí os problemas começam a acontecer. Há pouco tempo as campanhas antidrogas criaram uma frase interessante: "Adote seu filho antes que um traficante o faça."

Podemos, neste caso, fazer uma frase semelhante: "Adote o bom senso como norma de vida, estude a doutrina religiosa que você abraçou, abra os ouvidos e o coração para os conselhos dos guias antes que a obsessão adote você". Talvez tenha faltado a pessoas como Judy Garland, Elvis Presley, Jimmi Hendrix e tantos outros a orientação dos guias, não porque esses guias fossem inoperantes, mas porque tais pessoas preferiram ouvir outras vozes que, muito provavelmente, lhes estimularam a cobiça ou o narcisismo que os conduziu aos extravios de que foram vítimas.

No começo deste capítulo chamamos a atenção do leitor para as condições necessárias ao crescimento saudável da planta que estava na semente e insistimos nisso porque, sem cuidados, uma semente rica e promissora pode degenerar e se perder apesar de toda a sua potencialidade.

CARISMA E SUCESSO

Foi mais ou menos pelos anos sessenta que passamos a ouvir falar, com muita frequência, a respeito de pessoas carismáticas. Líderes políticos como Winston Churchill, Mahatma Gandhi, J. E Kennedy e Fidel Castro foram considerados pessoas carismáticas e o seu sucesso devido a alguma coisa que se chamava de carisma. O termo também foi aplicado com relação a desportistas, artistas, empresários, líderes religiosos; em verdade, a palavra carismático era sinônimo de bem sucedido. O que, porém, se deve entender pelas palavras carisma e carismático?

A palavra carisma deriva do grego *charisma* e tem o sentido de dom sobrenatural ou de força divina conferida a uma pessoa pela própria divindade em virtude das necessidades de uma determinada comunidade religiosa. No espaço não religioso, carisma é o mesmo que charme, encantamento, e carismático é sinônimo de charmoso ou encantador. Assim, carisma seria uma espécie de energia que algumas pessoas têm, capaz de levar outras pessoas a admirar ou mesmo a seguir aqueles que a possuem, isto é, as pessoas carismáticas.

Voltemos, entretanto, aos gregos antigos. Entre os helenos, a palavra carisma possuía o sentido de predestinação. Para eles, a pessoa carismática seria alguém escolhido pelos deuses, amado pela deusa *Cáris* que o favorecia e o distinguiu sobremodo. Por isso, pessoas carismáticas da época como Sócrates, Platão, Péricles, viviam sempre cercados de amigos que acreditavam poder receber algo de bom dessas pessoas pelo simples fato de viverem junto delas. Esta crença ainda continua no imaginário popular no adágio: "Junta-te aos bons e serás um deles." Por outro lado, os infelizes, os fracassados não possuíam esse dom essencialíssimo e, por isso, eram desgraçados, ou seja, privados de carisma ou da graça dos deuses.

Naturalmente, não concordamos com os gregos antigos, uma vez que o nosso conceito de justiça divina exclui qualquer forma de privilégio. Para nós, a pessoa carismática não é alguém "virado para a lua", como diz o povo, mas aquele que decidiu desenvolver suas faculdades interiores (espirituais), colocando-as a trabalhar em favor de si mesmo. Nós somos o maior milagre do mundo, porém, não acreditamos nisso e ficamos o tempo todo à espera de eventos mágicos que mudem nossas vidas e que nos tragam felicidade. A pessoa carismática é aquela que acredita com o Evangelho de Jesus, o Cristo, que o Reino dos Céus está em nós e compete a cada pessoa tomar esse reino uma realidade concreta e palpável em suas vidas. A pessoa carismática é aquela que acredita nas palavras de Jesus: *Vós sois deuses*.

O carisma, entretanto, no sentido em que estamos usando essa palavra, nem sempre é positivo pois deriva de uma energia espiritual que é neutra e o seu uso, positivo ou negativo, dependerá do uso que dela fizermos. Homens como Adolf Hitler, Benito Mussolini, Joseph Stalin, Douglas McArthur, Charles Manson, Jim Jones entre

outros foram pessoas carismáticas, mas que usaram as suas energias para a realização de projetos altamente negativos. Esse tipo de liderança carismática difere do líder carismático positivo pelo modo como encara a origem de seu poder.

O carismático demagógico acredita-se alguém muito especial, uma espécie de enviado dos deuses ou mesmo a manifestação da divindade na Terra. Conta-se que Alexandre, o Magno, filho de Filipe da Macedônia, acreditava que era filho de Zeus, o maior dos deuses da mitologia grega que, na forma de uma serpente, havia possuído a mãe dele, Olímpia. Ferido, certa vez, teria ficado espantado, a ponto de desmaiar, ao notar que o sangue que escorria de seu ferimento era perfeitamente igual ao de seus soldados. Não é, pois, de se estranhar que, no auge de seu delírio, exigisse que seus companheiros realizassem ante ele uma cerimônia chamada prokinesis que consistia na obrigação de se ajoelharem em sua presença. Adolf Hitler se acreditava portador da missão divina de levar o povo alemão ao trono do mundo, e o senador McArthur imaginava sinceramente que, com a sua cruzada anticomunista, prestava um grande serviço ao povo americano.

O carismático positivo não se crê uma pessoa predestinada. Ele tem consciência de suas faculdades, valoriza-as, mas não as tem como algo divino. Tudo o que realiza é por prazer ou pelo desejo de auxiliar o próximo. Não se acredita, portanto, um missionário ou algo parecido. Gandhi, por exemplo, lutou pela Índia por estar indignado e penalizado com a situação de seu povo e não por se imaginar um salvador de seus compatriotas, detentor de poderes especiais ou sobrenaturais para realizar na Terra o seu trabalho messiânico.

Vamos, a seguir, responder a seguinte pergunta: O que é uma pessoa carismática do ponto de vista espírita? A primeira marca do espírita carismático - diz-nos Emmanuel - é a resistência espiritual. Emmanuel nos lembra uma passagem dos Atos dos Apóstolos (At. XVI: 25) na qual Paulo e Silas cantavam hinos a Deus enquanto os outros presos escutavam. Comenta Emmanuel essa passagem: "Reveste-se de profundo simbolismo aquela atitude de Paulo e Silas nas trevas da prisão. Quando numerosos encarcerados ali permaneciam sem esperanças, eis que os herdeiros de Jesus, embora dilacerados de açoites, começam a orar, entoando hinos de confiança." (Segue-me, pag.4 1 .Casa Editora O Clarim, SP, 8ª edição).

É muito fácil orarmos quando está tudo bem, depois de uma reunião feliz em que acreditamos que as bênçãos de Deus pairaram sobre nós trazidas pelos bons espíritos, entretanto, orar no fundo de um cárcere, como estavam Paulo e Silas, entre pessoas desesperançadas e incrédulas, é muito difícil. Devemos observar que os dois apóstolos não oram para pedir a Deus a liberdade e o fim do sofrimento, mas objetivam, em sua prece cantada, a confiança que devemos ter em Deus e, como nos ensina o salmista: "ainda que eu ande pelo vale da morte e das sombras". Uma prece nesse estado de coisas é exemplo de resistência espiritual.

Prossegue Emmanuel: "O mundo atual, na esteira de transições angustiosas e amargas, não parece mergulhado nas sombras que precedem a meia-noite? Conhecimentos generosos permanecem eclipsados. Noções de justiça e direito, programas de paz e tratados de assistência mútua são relegados a planos de esquecimento. Animais furiosos aproveitam a treva para se evadirem dos recônditos escaninhos da alma humana, onde permaneciam guardados pela cobertura da civilização, e tentam dominar as criaturas, empregando o terror, a perseguição, a violência." (Op. cit., pag. 39)

É fantástica a atualidade desse texto. Vivemos, hoje mergulhados na violência. Os jornais publicam notícias desanimadoras: seqüestros, desabamentos, assaltos, grupos de extermínio; políticos desorientados, e equivocados quanto à sua verdadeira função, cometem desmandos, crianças de olhos tristes estendem a mão à caridade pública ou com a face endurecida exibem a arma intimidadora. Tudo isso nos machuca, nos magoa

e nos faz temer e tremer, porém, é nesse momento que temos de mostrar qualidade através da resistência espiritual por meio da prece.

Voltemos com Emmanuel: "Quantos jovens jazem no cárcere das desilusões, da amargura, do remorso, do crime? Através de caminhos desolados ao longo de campos que as bombas devastaram, dentro de sombras frias, há mães que choram, velhos desalentados, crianças perdidas".

Quem poderá contar as angústias da noite dolorosa? Os aprendizes do Evangelho, igualmente, sofrem perseguições e calúnias e, em quase toda a parte, são conduzidos a testemunhos ásperos. Muitos se envolveram nas nuvens pesadas, outros esconderam-se fugindo à hora de sofrimentos; mas os discípulos fiéis, esses suportam ainda açoites e pedradas e, não obstante as trevas insondáveis da meia-noite da civilização, oram no santuário do espírito eterno e cantam cânticos de esperança, alentando os companheiros. "(Op. cit., p.40)

Nós os espíritas, mais do que ninguém, temos de dar testemunhos claros do efeito da Doutrina Espírita em nossas vidas. Acreditamos no Espiritismo não por imposição de terceiros, mas porque nos rendemos à lógica da Doutrina e aprendemos a admirar-lhe a moral. Assim, precisamos resistir espiritualmente aos ataques da negatividade exterior ou interior e, nesse caso, concordamos com Emmanuel: a prece é o melhor instrumento. Se você gosta de cantar, aprenda as canções-prece, feitas por compositores espíritas encarnados e desencarnados e, nas suas horas de aflição ou mesmo de ócio, cantarole uma delas e você vai ver como a sua resistência aumentara.

Um segundo aspecto da pessoa de qualidade é a automedicação. Por favor, não entenda essa palavra no sentido médico de se ir a uma farmácia para comprar remédio por nossa própria recreação para nos curarmos de uma doença física; estamos tratando aqui de automedicação espiritual. Novamente vamos recorrer a Emmanuel para que nos ajude também nesse aspecto: "Cura a catarata e a conjuntivite, mas corrige a visão espiritual de teus olhos". Disse certa vez, o padre Antônio Vieira:

"Quando os teus olhos são puros, todo teu corpo é luz." Parece-me que é sobre isso que Emmanuel está falando. O que é que estamos vendo? Se vemos apenas o lado mau das pessoas e das coisas, embora estejamos com os olhos do corpo em bom estado, a nossa visão espiritual se encontra doente. Se não podemos apreciar um pôr de sol, uma noite estrelada, o nascer de uma flor, o sorriso de uma criança, um vale florido; se tudo isso nos parece frioleiras românticas sem sentido prático, a nossa visão espiritual não vai muito bem. Se só olhamos para fora e não conseguimos olhar para dentro de nós mesmos, se avistamos com facilidade os defeitos do próximo e somos cegos para os nossos, a nossa cegueira é verdadeiramente grande e é preciso cuidar dela com urgência.

"Medica a arritmia e a dispnéia; contudo, não entregues o coração à impulsividade arrasadora". Por falar nisso, como vão as suas emoções? Se você for do tipo "não levo desaforo para casa", "bateu levou", "deixei de ser branco para ser franco", "tenho pavio curto", "dou um boi para não entrar em uma briga e uma boiada para não sair", você está doente, meu amigo, muito doente. Você está confundindo coragem com violência, franqueza com má educação. Permita-me o paciente leitor que lhe conte uma história de Gandhi que tem uma profunda relação como que nos está falando Emmanuel. Bem. Vamos a ela.

Ghandhi estava de volta à África do Sul e assim que o navio ancorou, o capitão do barco foi avisado de que na cidade havia um movimento contrário a Gandhi. De acordo com as informações recebidas, era possível que o movimento crescesse a tal ponto que a vida do futuro libertador da Índia poderia correr perigo. Preocupado, o capitão sugeriu a Gandhi que desembarcasse com sua família durante a noite para evitar problemas. O superintendente do porto, senhor Tatum, escoltaria Gandhi e os seus até sua casa. O Mahatma concordou com essas condições. Passou-se cerca de meia hora e chegou ao navio uma autoridade local, o senhor Laughton, e disse ao capitão que

gostaria de desembarcar Gandhi e sua família naquela mesma hora e não à noite. Explicou ao indiano que, por motivos de segurança, a sua família poderia ir em um coche conseguido pela prefeitura, quanto a ele e Gandhi iriam a pé, pois não ficava bem que o Mahatma entrasse na cidade, à noite, como um ladrão; além disso, os brancos bademeixos já haviam sido dispersos e não havia maiores motivos para preocupações. Gandhi achou razoável e permitiu que sua família fosse no coche, e ele iria a pé junto com o capitão do barco e o senhor Laughton. Iam para a casado senhor Rustonji que ficava a cerca de três quilômetros do porto.

Assim que saltaram do navio, alguns jovens, vendo Gandhi, começaram a gritar Gandhi! Gandhi! Pouco a pouco, vieram mais pessoas que fizeram coro com os rapazes.

O senhor Laughton, temendo que a manifestação crescesse, fez parar um riksha. Aquilo desagradou a Gandhi porque aquele tipo de veículo de transporte é puxado por um ser humano e ele não ficaria à vontade sendo conduzido por um homem que se comportava como um animal. O inglês insistiu para que ele subisse, Gandhi, porém, vacilou e foi o bastante para que o grupo de protesto se aproximasse e fizesse o condutor do riksha sair correndo. A situação ficou insustentável porque o grupo, agora uma pequena multidão, passou a agredir Gandhi com pedras, socos, chutes e ovos podres. Gandhi caiu a ponto de desmaiar, mas as agressões aumentaram e ele, por certo, seria morto, se não passasse por ali a esposa do superintendente de polícia que, enfrentando a multidão, fez com sua sombrinha um abrigo para Gandhi. Por medo de ferir a mulher, a multidão se dispersou, dando-se, aparentemente, por satisfeita.

Toda aquela balbúrdia chegou aos ouvidos do superintendente que enviou seus homens e, em pouco tempo, a situação estava sob controle. Quando Gandhi passou pela central de polícia, o superintendente pediu-lhe que pernoitasse ali, mas ele se recusou dizendo: "Acho que tudo acabou. Eles não tentarão de novo quando perceberem o quanto estavam errados. Confio no senso de justiça deles." Escortado pela polícia, Gandhi chegou ao seu destino são e salvo. As provocações contra ele continuaram, mas Gandhi prosseguiu sereno. Ao lhe perguntarem se não gostaria de registrar queixa contra aqueles que o martirizaram, Gandhi respondeu que não, pois eles não eram culpados, porquanto alguns jornais haviam irritado aquelas pessoas com mentiras e falsidades. Por certo, quando descobrissem o quanto haviam sido injustos para com ele, ficariam envergonhados.

Esse é um bom exemplo de comportamento de qualidade. Nele o indivíduo tenta compreender a atitude do outro e demonstra uma convicção enorme na positividade da pessoa humana. Para ele, o valente é o que fica na briga, mas não briga. Muitos atos impulsivos e violentos, não raro considerados como atos de coragem ou mesmo de bravura, foram tomados sob o império do medo. A verdadeira coragem não agride, pois não é violenta com os violentos. Coragem mesmo é dar a face direita a quem nos esbofeteia a esquerda, entretanto, para se chegar a essa forma de coragem a caminhada é longa. Assim, e perfeitamente possível operar o coração, fazer transplantes, safená-lo, etc., entretanto, cuidar das emoções para aprendermos a controlar os impulsos, é tarefa muito mais urgente.

Continua Emmanuel: "Combate a neurastenia e o esgotamento; no entanto cuida de reajustar as emoções e as tendências."

"Persegue a gastralgia, mas educa teus apetites à mesa." Cuidar da alimentação, lembra Emmanuel, é outra necessidade para o nosso progresso. Alguém já disse: "Cavamos a nossa sepultura com os nossos próprios dentes." Há pessoas que vivem para comer ao invés de comerem para viver, e o resultado disso é a obesidade, as doenças cardíacas e a morte prematura. Poucas pessoas pensam que, assim como há espíritos que estimulam o consumo de bebidas alcoólicas, porque em vida foram alcoólatras e precisam continuar mantendo o seu vício, é muito provável que espíritos de pessoas desregradas, pantagruélicas, possam estar incentivando você a comer demais e, neste

caso, você pode estar comendo inclusive para satisfazer uma vontade estranha à sua. O tipo de alimentação que temos, assim como a insistência em certos vícios, atrai para o sangue determinadas toxinas que nos causam males dolorosos. Daí escrever Emmanuel: "Melhora as condições do sangue; todavia, não o sobrecarregues com os resíduos de prazeres inferiores." (Op. cit., p. 51)

Como se pode ver, pelos conselhos dados por Emmanuel, uma pessoa carismática, ou seja, de qualidade, é aquela que trabalha psicossomaticamente, isto é, trabalha, a um só tempo, o corpo e o espírito, porque sabe da influência, positiva ou negativa, do segundo sobre o primeiro. Manter a mente saudável pode ser, como nos lembra o velho poeta romano, garantir a saúde do corpo material.

Uma outra marca do espírita carismático (e da pessoa carismática em geral) é a sabedoria em usar as palavras. As palavras não são simples barulhos resultantes da transformação de uma corrente de ar, a palavra, como já vimos em outro lugar, é força. Assim, quem aspira ao sucesso espiritual deve ter cuidado com o que diz. Fazer silêncio onde a sua palavra não construa é o primeiro conselho sábio. Muitas vezes falamos pelos cotovelos, falamos para ouvir a nossa própria voz e, com isso, perdemos o nosso tempo e o de quem está junto de nós. Outras vezes gostamos de levar à frente notícias ruins, esquecidos de que (como dizia um amigo, hoje no Plano Espiritual) o mal não merece comentário. Todas as vezes que falamos com ironia, com raiva, a nossa fala perde em qualidade. Foi com a palavra falada que Jesus mudou o mundo e construiu um Evangelho de Luz e de Verdade que tem durado até hoje e continuará entre nós ainda por muito tempo. Devemos aprender a valorizar a palavra como um dos maiores recursos que Deus colocou à nossa disposição neste mundo de provas e expiações.

Certa ocasião, em uma reunião pública em Uberaba (18/4/1960), Emmanuel nos mandou uma mensagem que tem por título A Palavra. Disse-nos ele, então:

"Quando te detinhas na apreciação da mediunidade falante, pensa na maravilha do verbo, recordando que todos somos médiuns de palavras." Nesse pequeno parágrafo, Emmanuel nos convida a apreciar com mais cuidado o dom da palavra. É estranho como temos a tendência de não perceber, com maior clareza, as coisas do dia-a-dia. Falamos tanto, por tudo e por nada, que não percebemos a importância dessa coisa tão simples que é a palavra. Como um peixe que, vivendo imerso na água, talvez não saiba explicar o que é a água, nós que vivemos em meio às palavras também desconhecemos o seu valor.

Que frase interessante esta de Emmanuel: todos somos médiuns de palavras, isto é, todos somos meios para que a palavra se faça. E será que estamos utilizando corretamente as palavras que produzimos? "A glote vocal pode ser comparada a harpa viva em cujas cordas a alma exprime todos os cambiantes do pensamento. E, sendo o pensamento onda criadora a integrar-se com outras ondas de pensamento com as quais se harmoniza, a fala, de modo invariável, reflete o grupo moral a que pertencemos." Corretíssima, inclusive do ponto de vista lingüístico, essa observação final de Emmanuel.

Os lingüistas costumam afirmar que a linguagem é uma conquista humana e de natureza social. Não há uma sociedade que não possua uma forma qualquer de linguagem e nem linguagem fora da sociedade. Por isso, a linguagem expressa e revela o meio social em que o seu usuário foi criado. Um homem de elite não fala como um homem rude, ou seja, cada homem fala de acordo com a sua condição sócio-cultural. A isso, os estudiosos modernos chamam de registro. Assim, o modo de se expressar revela a origem social do emissor, por isso é que se diz que o homem é metade a sua expressão. Comparemos como que diz Emmanuel:

"(...) a fala, de modo invariável, reflete o grupo moral a que pertencemos." É esse fenômeno que nos possibilita, em uma mensagem escrita ou falada, avaliar que tipo de espírito está se comunicando. Os espíritos elevados têm uma linguagem elevada e os

espíritos mais ignorantes se expressam de um modo mais rude, agressivo ou mesmo licencioso. Assim, tiramos dessas observações uma conclusão: podemos começar a mudança para melhor em nossa vida cuidando da nossa linguagem.

"Veículo magnético, a palavra, dessa maneira, é sempre fator indutivo na origem de toda realização. Com ela propagamos as boas obras, acendemos a esperança, fortalecemos a fé, sustentamos a paz, alimentamos o vício ou nutrimos a delinquência. E isso aconteceu porque, em verdade, nunca falamos sozinhos, mas sempre retratamos as influências da sombra ou da luz que nos circulam no ambiente mental." É notável a insistência dos espíritos no sentido de deixar bem claro para nós que as palavras expressam o pensamento, que pensamento é força e que força é algo neutro, e que vai depender de nós o bom ou mau uso dessas energias. Cada vez que conversamos entre amigos, no seio da família, no interior das conduções, não importa onde, estamos emitindo ondas que, soltas no espaço, entram em sintonia com espíritos encarnados e desencarnados que com elas se harmonizam. Melhoremos, pois, a nossa linguagem para que também possamos melhorar as nossas companhias espirituais.

Caro leitor, eu não me esqueci de que estava falando de carisma do ponto de vista espírita e por isso a esse assunto vamos voltar em seguida. Uma outra dificuldade, quando buscamos desenvolver as nossas faculdades interiores, é a hostilidade, um inimigo interno que, embora muito conhecido, nem sempre damos a ele a devida atenção.

Há dois tipos de hostilidade: uma concreta, clara, precisa, com um objeto definido, e que se sustenta em um mínimo de lógica, como a hostilidade que sentimos contra um inimigo real que ameaça a nossa segurança; e o outro um tipo de hostilidade difuso, sem um objeto claro ou uma razão lógica. A primeira forma de hostilidade, naturalmente dentro de certos limites, é aceitável, porém, a segunda é inteiramente inaceitável pois se torna uma força insidiosa, destruidora. Agindo no interior de cada um de nós, pouco a pouco vai nos devorando como um verme faminto.

Em razão de sua natureza inconsciente, as pessoas não se dão conta de seu comportamento hostil e tendem, muitas vezes, a se tornarem preconceituosas. Assim, há quem mantenha forte hostilidade contra minorias como: negros, ciganos, judeus, pobres em geral e procuram racionalizar essas condutas hostis para torná-las mais aceitáveis a si mesmos e aos outros. Desse modo, intelectuais preconceituosos chegam a escrever livros para explicar que os negros (ou as mulheres) são biologicamente inferiores, que os chineses, os russos ou os judeus tramam nas sombras a destruição da Cristandade. Criam esses mitos e os divulgam para justificarem suas próprias convicções preconceituosas e para reforçar, em seus leitores, atos e atitudes contra essas minorias.

O pior desse modo de agir é que ele nos impede de nos tornarmos pessoas carismáticas, uma vez que não podemos despertar a admiração de grupos e pessoas a quem somos hostis. A hostilidade cria barreiras entre nós e os outros, nos deixa sempre com um pé atrás em relação a certas pessoas e as dispõe negativamente contra nós. As pessoas preconceituosas são mentes demasiadamente estreitas ou fechadas, incapazes de ver virtudes em outras pessoas e acabam por dividir o mundo maniqueisticamente em pessoas boas e más, incluindo-se, naturalmente na primeira categoria.

Gostaria de lembrar que é impossível para um espírita convicto ser preconceituoso. A reencarnação inviabiliza inteiramente essa possibilidade. Um espírita não poderia ter preconceitos de natureza machista, sabendo que o espírito não tem sexo e que encarnar como homem ou como mulher depende de seu planejamento pré-encarnatório.

Ser judeu, negro, cigano ou africano são acidentes e dependem muito dos objetivos que o espírito temem cada reencarnação. A pobreza é também acidental.

Na Revista Espírita, conta-se o caso do Tio Mas, um mendigo que desencarnou em indigência e, comunicando-se depois por meio da mediunidade onírica, relatou que

em sua vida anterior havia sido um nobre local muito rico e poderoso e que na última encarnação viera aprender a humildade. Como ser preconceituosos se sabemos de coisas como essas?

Mais um traço que deve ser próprio da pessoa carismática é a generosidade. Essa palavra possui um sentido muito amplo, entretanto, neste trabalho, vamos entendê-la como o ato de dar.

O povo costuma dizer que é melhor dar que receber, contudo, temos que ter muito cuidado com esse ato. Vejamos as palavras do Apóstolo dos gentios:

1. Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como um címbalo que tine.

2. Ainda que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé de maneira tal que transportasse montanhas, se não tivesse amor, eu nada seria.

3. Ainda que eu distribuísse toda a minha fortuna para o sustento dos pobres e entregasse meu corpo para ser queimado, se não tivesse amor, isso nada me valeria."(Paulo. Primeira Epístola aos Coríntios, cap. XIII: 1-3)

Como se nota claramente nas palavras do apóstolo, não basta dar pura e simplesmente, é preciso amor no ato de dar, desprendimento e até mesmo renúncia. Há pessoas que dão as coisas por simples obrigação social. No caso de um presente, nem mesmo se preocupam em saber se o presente que estão dando será verdadeiramente útil ao presenteado. Dão o presente, satisfazem a regra social e isso é o bastante, pensam elas. Outros dão o que não mais lhes serve e que, por certo, iria para o lixo.

Dão para se livrarem do estorvo e passem por bonzinhos. É muito comum, em campanhas sociais para os pobres, receber-se esse tipo de doação. Não cuidam de lavar as roupas velhas ou passá-las, não cosem suas partes rasgadas, enfim, se desfazem do que lhes estava incomodando e mais nada.

Há ainda os que dão por arrogância, visando humilhar a pessoa que recebe. Esquecidos da lição evangélica, gostam de dar com alarde, tocando trombetas para que todos saibam o que estão fazendo. Um dia desses vi um homem que dava uma esmola a um mendigo perto do Metrô. Ele dizia em voz alta:

"Veja lá! Estou dando a você um real. Dá para comprar um pão. Não vá beber." Tive uma vizinha que, na época do "Leite para o Progresso", quando os americanos doavam leite para as pessoas carentes do Terceiro Mundo, inclusive o Brasil, levantava bem cedo e ia pegar o leite para ela e para uma sua vizinha. Depois que dava a outra a cota de leite, ela falava aos quatro ventos:

"Se eu não pegar o leite para esta mulher, ela morre de fome com os filhos. Diabo de mulher preguiçosa! Felizmente, nesse mundo há pessoas caridosas como eu."

Essa mulher usava o ato de dar não como expressão de sua generosidade, mas como um ato arrogante que visava a humilhar a sua vizinha. Em verdade, com o ato de dar, ela objetivava receber o reconhecimento pessoal. Queria que todos notassem como era uma pessoa bondosa e como era capaz de se sacrificar pela outra. É muito fácil perceber que, em gestos como esse, há muito mais egoísmo do que pessimismo.

Um outro elemento muito comum ao indivíduo carismático é a sua disposição de reconhecer o trabalho ou as virtudes das outras pessoas, por isso é capaz de elogiar sem temer passar por bajulador. Ele elogia, não só porque sabe que todo elogio funciona como reforçador em relação ao elogiado, mas também porque sente-se na obrigação moral de ressaltar os pontos positivos de outra pessoa. No final de O Banquete, diálogo de Platão, encontramos Sócrates sendo elogiado por Alcebíades, o Belo, um de seus discípulos. Alcebíades não deseja adular seu mestre.

Pelo contrário. Parece emocionado ante a figura notável de Sócrates e fala dele com o coração cheio de reconhecimento. Ele é grato a Sócrates e a gratidão é um dos

mais belos sentimentos humanos. Esse tipo de elogio é uma coisa com que, infelizmente, estamos perdendo o contato, mas que é preciso resgatar.

Por fim, cultive o bom humor. Nada é pior do que uma pessoa mal-humorada, com o rosto fechado e um semblante triste. Jamais conta uma piada ou ri dos chistes que lhe são contados. Tais pessoas causam às outras uma sensação de agressividade, que provoca afastamento, e mesmo de medo, principalmente se o mal-humorado exerce um cargo de chefia. Muitas vezes, essas pessoas não são o que aparentam, porém, é preciso conviver com elas por um certo tempo para desfazer a impressão ruim que causam.

Há aqui, entretanto, uma observação bastante pertinente: não se deve confundir bom humor com apelação e grosseria. Há pessoas que, em nome do bom humor, se tornam inconvenientes, contam anedotas picantes, preconceituosas ou mesmo pornográficas, sem levar em conta o tipo de platéia, inventam apelidos de mau gosto que servem apenas para criar constrangimentos. Esse tipo de pessoa "engraçadinha", apesar do esforço que faz para parecer simpática, toma-se, em verdade, inconveniente e antipática.

A esta altura, podemos perguntar: O que é que torna as pessoas mal-humoradas? Vejamos se é possível traçar algumas considerações a esse respeito. Teremos, primeiramente, de separar o que é estrutural do que é circunstancial. Existe um mau humor estrutural, ou seja, pertencente à estrutura do espírito, que, por isso, é difícil (mas não impossível) de reverter. O mau humor circunstancial, mais simples de ser tratado, é acidental e resulta de situações fortuitas que "tiram a pessoa do sério."

Se, por exemplo, bato com o carro, sou assaltado, perco o emprego, abro o meu casamento, levo um fora da pessoa que amo, sou humilhado pelo meu patrão, e assim por diante, é natural que eu fique zangado e de mau humor. Nessa hipótese, estamos com os problemas típicos do segundo caso, ou seja, algo ruim aconteceu comigo.

Como lidar com as questões acima? O modo mais prático é não aumentar o tamanho do problema e procurar descobrir o que pode haver de positivo nele. Um problema tem exatamente o tamanho que eu dera ele. Vamos a um exemplo:

Cristina e Renata, ambas perderam as mães em um mesmo acidente: um ônibus deromeiros que ia para Aparecida bateu em uma carreta. Cristina reage do seguinte modo:

"Perdi minha mãezinha querida que era tudo para mim, meu apoio, meu arrimo. O que será de mim? O que vou fazer sem ela? Melhor seria que eu tivesse morrido também."

Renata, por seu turno, reuniu os irmãos e lhes disse: "Mamãe se foi e estamos muito magoados com isso, mas a vida continua. Precisamos, agora, ficar mais juntos, mais unidos. Quero que vocês todos me ajudem a manter a casa limpa como a mamãe gostava. Vou distribuir tarefas para cada um de nós e tenho certeza de que a mamãe, de onde estiver, deverá ficar satisfeita se nos comportarmos assim."

Como se pode ver no exemplo citado, as duas moças perderam as mães, entretanto, reagiram diferentemente. Para a primeira a vida perdeu o sentido sem a mãe e, muito provavelmente, mergulhará em profunda depressão, causando dificuldades para os parentes que se preocuparão com ela por causa de sua reação ante a morte da mãe. A segunda, muito provavelmente, também sentiu, e não pouco, a morte de sua mãe, mas fez daquela perda um ganho. Ela sabe que a vida continua. Isso é um lugar comum, porém, os lugares comuns em geral encerram verdades óbvias. Ela procura perante a morte de sua mãe inculcar responsabilidades nos irmãos, mostrar a eles que as coisas mudaram e, frente às mudanças inexoráveis, não adianta chorar, mas tomar atitudes.

Para fecharmos este capítulo, gostaríamos de reproduzir alguns conselhos de um texto de André Luiz que, do nosso modo de ver, expressa sugestões sobre uma vida de qualidade. O texto se intitula Hábitos Infelizes e foi psicografado por Francisco Cândido Xavier. Assim, seriam hábitos que devem ser evitados:

- Usar pornografia ou palavrões, ainda que estejam supostamente na moda.
- Pespegar tapinhas ou cotucões a quem se dirija a palavra.
- Comentar desfavoravelmente a situação de qualquer pessoa Estender boatos e entretecer conversações negativas.
- Falar aos gritos e rir descontroladamente.
- Aplicar franqueza impiedosa a pretexto de honorificar a verdade.
- Escavar o passado alheio, prejudicando ou ferindo os outros.
- Comparar comunidades e pessoas, espalhando pessimismo e desprestígio.
- Fugir da limpeza.
- Queixar-se, por sistema, a propósito de tudo e de todos.
- Ignorar conveniência e direitos alheios.
- Fixar intencionalmente os defeitos e cicatrizes do próximo.
- Irritar-se por bagatelas e viver sem método.
- Indagar de situações e ligações cujo sentido não podemos penetrar.
- Desrespeitar as pessoas com perguntas desnecessárias.
- Contar piadas suscetíveis de machucar os sentimentos de alguém.
- Zombar dos circunstantes ou chicotear os ausentes.
- Analisar os problemas sexuais seja de quem for.
- Desprestigiar compromissos e horários.
- Discutir sem raciocinar, dramatizar doenças e dissabores.
- Pedir apoio sem dar cooperação.
- Aceitar deveres e largá-los sem consideração nos ombros alheios.
- Não saber suportar injúrias ou críticas.
- Condenar os que não pensam como nós.

REENCARNAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA

Ao longo deste trabalho, já falamos em reencarnação e não poderia ser diferente uma vez que se trata de uma obra vinculada à Doutrina Espírita. Neste capítulo, porém, faremos uma reflexão específica e mais detalhada sobre o modo como a teoria das vidas sucessivas pode influenciar a nossa vida para melhor.

Ao longo de minha existência, tenho encontrado dois tipos de pessoas no que diz respeito à vida: as biófilas e as biófobas. As primeiras são voltadas para o viver, valorizam a existência e gostariam de prolongá-la o máximo que lhes for possível. As segundas são pessimistas, desgostosas, amargas, a vida lhes parece um fardo difícil de ser suportado. Essas pessoas costumam dizer frases como: "A vida é uma luta brutal." "Não suporto mais esta vida." "Por que Deus não me chama para o seu lado?" São esses indivíduos que, normalmente, encontram no materialismo um porto seguro para o seu negativismo. Certa vez, uma dessas pessoas me falou: "Eu não acredito em outra vida, isso é pura tolice, ou melhor, é um mecanismo de defesa para o medo da morte." Perguntei a ele: "Quer dizer que você acha que pessoas como eu têm medo da morte e por isso criaram a fantasia da imortalidade? É isso mesmo?" E ele respondeu "Sim". Mas eu continuei: "Muito bem, permita-me que faça um raciocínio sem semelhante: se você acredita que nós, os espiritualistas, vivemos a ilusão da imortalidade por ter medo da morte, eu penso que vocês vivem a ilusão do nada, porque têm medo da vida". Ele sorriu e nada me respondeu.

Assim, podemos dizer que a idéia da reencarnação é, para os biófilos, a melhor forma para se compreender a imortalidade. Com a reencarnação, não se está falando em sobreviver nas obras que se fez, nos livros que se escreveu, nos filhos que se teve ou em

lugares teológicos como o céu, o inferno o purgatório ou o limbo; mas de vida concreta, real, experiências novas em novos corpos e com novas personalidades. Esta, pode-se dizer, é uma idéia de qualidade, altamente positiva e capaz de dar à nossa vida um sentido, muito difícil de ser conseguido de um outro modo.

Vamos examinar essa questão com cuidado. Em um outro capítulo deste livro, falamos do Livro de Jó, lembrando que sua temática fundamental era a questão do justo que sofre. Quando o sofrimento atinge uma pessoa boa, que não possui razões diretas e reais para o sofrimento, ficamos meio desconfiados da Justiça Divina. Esta opinião resulta de duas idéias falsas: a primeira é a de que é Deus quem nos manda o sofrimento e a segunda é a de que o sofrimento não tem outra finalidade a não ser o castigo. Vamos procurar discutir por meio de exemplos, alguns reais e outros ficcionais, (o que não invalida o seu valor didático) a relação entre a Justiça de Deus e a reencarnação.

Há muitos anos, ouvi a seguinte história: Em uma cidade do interior, um padre estava na parte superior de sua igreja examinando o campanário. O dia morria, e o sol, como um pássaro de fogo, aninhava-se entre as nuvens da tarde. Naquela hora, o padre observou lá embaixo, na pracinha deserta, dois homens que discutiam. De repente, um deles sacou uma faca e, rápido, cravou-a no peito do outro e saiu correndo. O padre já ia descer para ver se podia prestar uma ajuda ao homem ferido quando viu chegar um outro homem. O recém-chegado se aproximou e, provavelmente, pensando que estivesse auxiliando, tirou a faca do ferimento quando, infelizmente para ele, chegaram algumas pessoas e o encontraram naquela situação suspeita. O homem, embora proclamasse inocência, foi preso e levado para a delegacia.

O padre achou que, por um dever de justiça, deveria ir à delegacia e dizer o que havia avisto. Desceu os degraus da igreja e foi até o lugar onde o homem estava preso.

Ali chegando, disse ao delegado:

- Senhor, eu vim aqui interceder pelo homem que acaba de ser preso.

- Sim. Como pretende fazer isso?

- Eu vi o assassino e não eram homem que se encontra preso.

- E quem era então?

- Não sei. Não o conheço. Além disso, já estava escurecendo e o homem estava de costas para mim.

- Padre, não sei o que se passa. Tenho um homem apanhado em flagrante delito, com a arma do crime na mão, e o senhor quer que eu o solte, apenas porque o senhor diz que ele não matou. A polícia precisa de mais coisas além de sua palavra, vigário. Por enquanto, ele é o acusado e não vamos soltá-lo.

O padre saiu da delegacia bastante aborrecido. Na igreja, veio-lhe à mente um pensamento e falou consigo mesmo: "Apenas eu e Deus sabemos a verdade sobre aquele homem.

Se ele for condenado, haverá clara injustiça; eu não posso fazer nada, mas Deus pode." Assim pensando, o padre esperou o desfecho dos acontecimentos, acreditando que, em algum momento, Deus faria a verdade vir à tona, contudo, nada aconteceu. O homem foi julgado e condenado. O padre entrou em forte crise de fé e decidiu deixar a batina porque não poderia servir a um Deus injusto ou mesmo a uma fantasia criada pela imaginação humana.

No dia seguinte, disposto a deixar a igreja, ao sair para o seu passeio matinal, bem na porta da igreja, encontrou um rapaz desconhecido que lhe falou com autoridade:

"Vigário, vá lá nos fundos da igreja, pegue uma enxada e venha comigo." O padre achou tudo aquilo muito esquisito e o mais estranho é que não podia deixar de obedecer ao rapaz. Foi ao local onde guardava as ferramentas, pegou a enxada e acompanhou o desconhecido. Cerca de uns quinhentos metros, em um terreno vazio, ele disse ao padre: "Vigário, cave aqui." O padre cavou e desenterrou alguns ossos muito velhos. O rapaz insistiu: "Cave aqui também."

E assim, o padre foi cavando e desenterrando ossos. Por fim, o rapaz falou:

- Está vendo esses ossos?

-Sim, estou.

- Pois bem. Lembra-se do homem que foi preso e condenado por um crime que não praticou.

-Claro que me lembro.

- Muito bem. Ele não praticou aquele crime, mas praticou estes. Na época em que os fez, por ser um homem muito poderoso, escapou aos rigores da lei e agora está acertando contas. - Padre, volte para a sua igreja e continue servindo a Deus, pois Deus é justo. O que vemos na Terra, e que nos parece injustiça, resulta de nossa ignorância da vida espiritual."

Essa história revela, com clareza, a lei de causa e efeito.

Nada do que fazemos neste mundo, e que perturba a nossa evolução, pode ser deixado para lá. Julgo que é disso que Jesus está falando ao dizer:

"Não saireis daqui sem terdes pago o último ceitel." O leitor deve estar lembrado da insistência de Jesus em falar nas suas parábolas da necessidade de, ao sermos convidados para um banquete, comparecer com a túnica imaculada ante o grande Senhor que nos convidou. A cada vez que violamos um preceito da Lei de Deus, metaforicamente, sujamos a nossa túnica e não podemos comparecer no grande banquete com a túnica em mau estado. A reencarnação é o modo que o espírito dispõe para lavar a sua túnica e torná-la digna do Grande Dia.

Muitas vezes, a gente vê uma situação em que alguém está sofrendo e fica penalizado com o estado daquele companheiro em dor, mas não duvide, há uma razão para aquilo.

Um professor do Estado contou-me uma história muito interessante que passo a vocês do modo como a ouvi. Disse-me ele que seu pai era um homem muito sensível e caridoso.

Gostava de ajudar, sem nada receber em troca. Havia, no bairro onde ele morava, um rapaz que mendigava pelas ruas, dormindo sob as marquises e se alimentando dos restos que as pessoas davam a ele. O pai do meu amigo ficou com tanta pena do rapaz que resolveu dar-lhe uma ajuda.

Certa manhã, chamou o mendigo e lhe ofereceu uma oportunidade de trabalho: ele tinha uma casa de praia que havia sido praticamente abandonada porque seus filhos, crescendo, não mais se interessaram por ela. Ele a ofereceu ao mendigo para que fosse morar lá, tomar conta da casa, cuidar da limpeza do lugar e fazer pequenos serviços de conservação. Para auxiliá-lo ainda mais, deu-lhe um salário que era um pouco mais do que o mínimo.

O homem ficou feliz em ter dado aquela oportunidade ao antigo mendigo que ele próprio transportou em seu carro até a casa de praia. Alguns meses depois, para a sua tristeza, soube que a sua casa havia se transformado em um centro de venda de drogas em que o antigo mendigo estava trabalhando como gerente. E o pior é que ele tomou conhecimento disso por meio da polícia que havia estourado o lugar. Para se defender, o ex-mendigo declarou à polícia que o pai do meu amigo sabia daquela atividade na casa.

Aquele mendigo era um espírito muito frágil e a sua situação social era boa para ele, uma vez que não tinha ainda condições morais para viver de outro modo. O estado de mendicância era, muito provavelmente, um freio para que ele não desenvolvesse as suas más inclinações. Permitam-me uma comparação. Há algum tempo, fui professor de um colégio estadual em Marechal Hermes. O meu horário era bastante imprensado e eu era obrigado a almoçar em um restaurante perto da escola. Um dia, eu estava almoçando em uma parte do restaurante que dava para a calçada, quando se aproximou um mendigo e me pediu restos da minha comida. Fiquei tocado e pedi a ele que

entrasse e sentasse comigo à mesa. Ele ficou meio confuso, mas, como eu insistisse, entrou e se acomodou. Disse a ele que escolhesse no menu o que desejava, novamente ficou perturbado, então, pedi ao garçom que servisse a ele o mesmo que eu estava comendo. O homem começou a comer com vontade, mas, de repente, pegou o garfo e separou metade da comida, colocando a de lado. Perguntei a ele:

- O que foi? Não gostou?
- Gostei sim senhor.
- Não vai comer essa parte?
- Não senhor, vou botar neste saquinho de plástico e leva para a minha mulher.

Aquela fala mexeu comigo. Pedi ao garçom uma outra refeição em uma quentinha para ele levar à sua esposa.

Nunca me esqueci daquele mendigo que demonstrou tanta solidariedade para com a esposa. Outra coisa me impressionou bastante: ele não pediu comida para a sua mulher, simplesmente renunciou parte de sua comida em favor dela. Nesse caso, a prova desse homem estava sendo útil a ele como crescimento.

Um companheiro de Doutrina Espírita contou-me uma história muito interessante que se encaixa aqui perfeitamente. Disse ele que, de uma certa feita, com outros companheiros, viajava em uma kombi pelo interior do Estado de São Paulo.

Ao passarem por um descampado, tiveram sede, e pararam o veículo ao avistarem uma casa humilde na beira do caminho. O grupo saltou do carro e foi até a pequena casa. Ali foram atendidos por uma senhora que, pedindo muitas desculpas, disse a eles que entrassem para beber água. No interior da casa havia um cômodo no qual estava uma pessoa deitada. Um dos membros do grupo perguntou a mulher quem era o doente. A mulher explicou que era um seu sobrinho, que havia sido abandonado por sua irmã porque nascera sem braços nem pernas e inteiramente mudo.

Um outro companheiro perguntou à mulher se ela se importava que se fizesse uma prece por ele. A mulher concordou. O grupo entrou no quarto e começou a prece. Entre eles, havia um que era médium de incorporação. Em uma certa passagem da prece, esse médium foi tomado por um espírito que disse com profunda tristeza: "Foi a única maneira que tivemos para que o meu filho pudesse ouvir o Evangelho." O espírito só disse isso e mais nada. A tia, ainda emocionada falou: "É engraçado, costuma vir aqui uma pessoa da igreja rezar para ele e ler a Bíblia. Ele até que gosta, não é, Toninho? Você não gosta?" O rapaz nada respondeu, apenas olhou para todos os presentes e no olhar dele havia muita dor, mas não revolta.

Ensinam os espíritos que a nossas existências em corpos físicos não se dão apenas na Terra, mas também em outros mundos habitados. As encarnações que temos na Terra não serão as primeiras nem serão as últimas, trata-se, entretanto, das mais inferiores e distantes da perfeição. As esferas habitadas que giram no espaço infinito assemelham-se a escolas por que passam os espíritos na sua caminhada evolutiva. Desse modo de ver, somos cidadãos do Cosmo, viajantes do Universo, e a nossa importância cresce consideravelmente. Assim, os espíritos que tenham dificuldade em avançar podem permanecer em um determinado mundo até que tenham superado as condições de progresso daquele globo e possam encarnar em outro com melhor nível de adiantamento. Foi por esse motivo, muito provavelmente, que Jesus disse um dia: "Na casa de meu Pai, há muitas moradas." Sendo assim, podemos, reencarnar na Terra muitas vezes, passando por aqui uma grande quantidade de tempo, caso não consigamos arregar forças para avançarmos mais.

Os espíritos, a rigor, não pertencem a um mundo específico. Um espírito vindo de outro planeta pode encarnar na Terra, assim como um de nós poderá encarnar em outro mundo, naturalmente compatível com a nossa evolução. Tudo isso, entretanto, se dá dentro de uma ordem rígida e segundo leis estabelecidas por Deus. Viver na Terra, contudo, não é uma necessidade essencial dos espíritos. O que eles têm é que passar

pelas condições morais e intelectuais da Terra, e existem outros planetas que se encontram mais ou menos nas mesmas condições que o nosso. Desse modo, não há vantagem ou privilégios em se encarnar na Terra. Em geral, pode-se dizer que se progride na Terra como se pode progredir em outro planeta qualquer.

A pergunta 176 de O Livro dos Espíritos aborda um tema interessante. Ali se lê:

"Depois de haverem encarnado em outros planetas, podem os espíritos encarnar neste, sem que jamais aí tenham estado?"

R. Sim, do mesmo modo que vós em outros. Todos os mundos são solidários: o que não se faz em um, faz-se em outro."

Essa pergunta se encontra exemplificada em um livro de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier, intitulado A Caminho da Luz. Naquela obra, o capítulo III trata das Raças Adâmicas e dos Capelinos, espíritos que, no começo da evolução do nosso planeta, teriam encarnado aqui para se ajudarem nas conquistas morais e também auxiliarem o desenvolvimento do nosso progresso. Sobre esses espíritos escreveu Emmanuel:

"Aqueles seres angustiados e aflitos, que deixavam atrás de si todo um mundo de afetos, não obstante os seus corações empedernidos na prática do mal, seriam degredados na face obscura do planeta terrestre; andariam desprezados na noite dos milênios da saudade e da amargura; reencarnariam no seio das raças primitivas e ignorantes, a lembrarem o paraíso perdido nos firmamentos distantes. Por muitos séculos, não veriam a suave luz da Capela, mas trabalhariam na Terra acariciados por Jesus e confortados na sua imensa misericórdia." (A Caminho da Luz, Ed. FEB, 9ª edição, p. 35)

Assim, a Doutrina Espírita perfilha amplamente a vida fora da Terra e a pluralidade dos mundos habitados, locais necessários aos espíritos para que possam evoluir adequadamente. Na mesma questão, Kardec pergunta se é possível reconhecer um espírito que encarne na Terra pela primeira vez. A resposta obtida pelo Codificador, embora curta é muito interessante: "Nenhuma utilidade teríeis nisso." Devemos, portanto, meditar nas perguntas que fazemos aos espíritos ou mesmo aos médiuns e oradores em quem confiamos. Deveríamos, antes de lhes fazer uma pergunta, indagar a nós próprios: Que utilidade teria para mim saber isso, além da vã curiosidade?

As pessoas que levam a sério a Doutrina Espírita (os espíritas de qualidade) não perdem tempo perguntando, principalmente aos espíritos, coisas de pouco valor ou de seu interesse pessoal porque sabem que essa não é a finalidade do Espiritismo. Segundo Kardec, conhecemos um espírito por "sua transformação moral e pelos esforços que faz para domar as suas inclinações más". (Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. 17, item 4.)

Uma outra questão que já vimos de passagem, quando tratamos da "teoria do caroço de manga", mas que vamos voltar a ela, é a das crianças prodígios. Essa é uma questão muito antiga, bastante freqüente e que tem desafiado psicólogos, filósofos e teólogos que buscam explicá-la. Esses casos são indiscutíveis e bem documentados. Conta-se, por exemplo, que o grande músico Haendel, no século XVII, com apenas dez anos de idade, compunha pequenos motes que eram cantados na igreja de Halle. Mozart foi também um menino prodígio. Com quatro anos de idade foi capaz de executar uma sonata. Com onze anos escreveu duas operetas. Paganini, com nove anos, dava concertos. No campo da pintura há também casos notáveis. Giotto, ainda bem menino, era capaz de desenhar tão bem que espantou leu Cimabue, outro grande gênio da pintura italiana que o tomou sob seus cuidados. Certo dia, o grande mestre Ghirlandajo encontrou um menino com oito anos que fazia pintura com uma técnica tão depurada que ele disse: "Eu nada teria para ensinar a este menino." O nome do menino era Miguel Ângelo Buonarroti.

O primeiro quadro do pintor Marcel Lavallard foi feito quando ele estava com 12 anos. Um dos casos mais fantásticos de genialidade é o de Blaise Pascal, uma das maiores inteligências do século XVII. Sua área de interesse abrangia a Geometria Física e a Filosofia. Além disso possuía um talento incrível para a Literatura que poderia colocá-lo entre os grandes escritores de sua época. Pascoal, ainda menino, demonstra um gosto especial pela Matemática e, notadamente, pela Geometria. Com apenas 13 anos descobre as 32 proposições da Geometria Euclidiana e publica um tratado sobre as seções cônicas, o que, de fato, é uma tarefa gigantesca para um menino. Mais tarde, dedicar-se-á a estudos sobre o peso do ar e fará uma invenção aparentemente banal pela vulgaridade do objeto, o carrinho de mão.

Pierre Lamoignon, entre os doze e treze anos, era capaz de compor versos latinos e gregos segundo a métrica antiga, façanha nada simples em se tratando da versificação antiga. Ainda muito jovem tornou-se um estudioso notável de Direito e Literatura. O famoso matemático Gauss demonstrou habilidade incrível para os números com três anos de idade. O engenheiro sueco Ericson, apresentava tamanho pendor para as artes mecânicas que, aos 12 anos, foi nomeado, pelo governo de seu país, inspetor geral do grande canal marítimo da Suécia.

Um dos ramos mais interessantes onde crianças prodígios manifestam suas habilidades é, por certo, o lingüístico. Qualquer pessoa iniciada nos estudos das línguas sabe o grau de complexidade que elas apresentam, principalmente as línguas mortas ou as línguas orientais, em relação a um ocidental. Assim, nos surpreendem casos como o de William Hamilton que estudou hebraico com três anos. Com 13 anos conhecia doze línguas (o que significa a fantástica capacidade de aprender mais de uma língua por ano). Apreciava também Matemática e seu pai costumava dizer que sempre se lembrava de seu menino, largando temporariamente um brinquedo para responder uma árdua questão de matemática e depois sair aos pulos com seu carrinho.

O escocês Jaques Criston, com 15 anos, discutia em Latim, Grego, Hebraico e Árabe qualquer assunto. O sábio renascentista neoplatônico, Pico della Mirandola, ainda muito jovem conhecia Latim, Grego e Hebraico. Aos dez anos foi considerado um dos maiores espíritos da Itália renascentista. Baratier (1721-1740), aos sete anos, era capaz de falar o Alemão, o Francês, o Latim e o hebraico. Aos nove anos compôs um dicionário de palavras raras. Aos treze anos verteu, do Hebraico para o Francês, uma obra de Benjamim Tudele intitulada O Itinerário. Com 14 anos foi nomeado professor da Universidade de Hale. Por essa ocasião, publica diversas dissertações eruditas para a Biblioteca Germânica. Baratier morreu prematuramente, talvez esgotado pelo grande esforço intelectual, com apenas 19 anos. Mais fantástico ainda é o caso de Henri Hannecke que começou a falar quase depois de seu nascimento. Com dois anos, sabia três línguas. Aprendeu a escrever com incrível velocidade e, com dois anos e meio, prestou exame de Geografia e História Moderna. Vivia apenas do leite de sua ama. A família, que se preocupava com aquele único tipo de alimentação da criança, desmamou o menino, mas ele definhou e desencarnou em 17 de junho de 1725 com cerca de 5 anos. O mais fantástico é que, ao desencarnar, ele fala de suas esperanças na outra vida. Penso que esses exemplos são suficientes para nos causar assombro e nos obrigarem a refletir sobre por que essas crianças eram assim. Do ponto de vista metafísico, a explicação é inteiramente impossível. Deus não poderia dar filhos comuns a uns e crianças geniais a outros. Não seria explicação justa. A da Ciência também é ineficaz: nem a variedade nem o meio, por si mesmo, bastam para criar o gênio. Sabe-se que a hereditariedade explica os caracteres somáticos como altura, cor da pele, dos olhos, forma do nariz ou da boca, tipo de cabelo, etc., mas a inteligência e a sensibilidade não podem ser herdadas geneticamente uma vez que são um patrimônio do espírito. Em muitas vidas, nascendo e renascendo, o espírito vai acumulando as

informações intelectuais e burilando a sua sensibilidade. O que é do espírito é do espírito e o que é do corpo é do corpo, não se pode confundir uma coisa com outra.

Gostaríamos de terminar este capítulo com uma pergunta: haverá alguma invariante ou padrão que o espírito mantém ao longo de suas muitas encarnações? Não darei uma resposta porque não a tenho, mas limito-me a contar um caso que se encontra no livro *The Way of Kartna*, publicado pela Editora Pensamento sob o título *Iniciação através do Karina: Leituras de Vidas Passadas obtidas através da Clarividência*, obra escrita por Charles Breaux, especialista (médium clarividente) em leituras desse tipo.

A personagem é uma jovem oriental chamada Hiroko que, na época em que foi feita a leitura, estava com um pouco mais de vinte anos. O autor a descreve como uma pessoa prática, objetiva e dotada de uma forte aura de confiança. Havia, então, acabado de se formar em uma Escola de Acupuntura e trabalhava para um comerciante importador de ervas orientais, enquanto se preparava para entrar no mercado de trabalho como acupunturista.

Na primeira vida que foi revelada para Iroko, ela era uma mulher casada, com um filho, morando no sul da China. Ela se ocupa dos trabalhos domésticos, mas no vive bem com o marido, brigam muito e parece que existe entre os dois um forte antagonismo.

Na vida seguinte, ela nasceu nas Filipinas e, crescendo, tomou-se uma espécie de curandeira que praticava antigos rituais mágicos nos quais se sacrificavam galinhas.

Provavelmente esses sacrifícios estariam relacionados com algum tipo de mancia, ou seja, arte adivinhatória que lembra bastante velhas práticas de mancias romanas feitas pelo exame das entranhas de determinados animais. A comunidade em que vive é primitiva, provavelmente uma tribo, e nela a curandeira é muito respeitada. Seu sucesso social, entretanto, não está em paralelo com sua vida emocional e privada. Ela é uma pessoa muito autoritária e, quando falha no controle de seus familiares, fica irada e se afasta deles. Ao desencarnar, está extremamente frustrada porque o seu comportamento fez com que ela se afastasse de pessoas a quem amava. No plano espiritual, depois dessa vida, ela está mais humilde, o que favorece a aproximação de seus guias que a ajudam, dando-lhe conselhos úteis ao seu progresso espiritual.

Na terceira experiência material, ela ocupa um corpo masculino e nasce na Austrália. Novamente vive em uma tribo aborígine e funciona como uma espécie de pajé ou feiticeiro que lida com pedras e com as artes da profecia. Ao que parece as pedras têm a finalidade de entrar, de algum modo, em contato com os espíritos dos ancestrais. Nessa vida, ela é uma pessoa gentil e menos autoritária do que em suas vidas passadas. Tem-se a impressão de que ela aprendeu a controlar a sua agressividade. Ainda nessa vida, acontece com ela um fato traumático: ela perde um filho, apesar dos esforços que fez para salvá-lo. Desconfia, então, de seus poderes xamanísticos, sente-se amargurada e triste e perde a fé nos seus poderes de cura. De volta ao Plano Espiritual, ela está abatida. Conversa com seus guias e eles lhe dizem que a sua última vida não havia sido uma experiência tão negativa como imaginava. Ela, entretanto, sente-se muito magoada consigo por ter perdido a confiança nos seus poderes mediúnicos. Acredita que, quanto a esse aspecto, fracassou, e essa situação perturbadora fará com que fique longo tempo sem reencarnar. Voltando à vida na Terra, encarna na Tailândia e novamente como mulher. O médium diz que a vê colhendo ervas e plantas para fazer medicamentos. A avó dela é a feiticeira da comunidade e passa para a neta as suas habilidades terapêuticas.

Continua, entretanto, com dificuldades emocionais e nessa experiência foge dos homens para não casar, não quer abrir seu coração pois deseja se proteger contra o sofrimento. Os homens insistem, mas ela se recusa.

Durante essa vida, ela readquire a sua fé na mediunidade, mas paga um grande preço por isso porque, para se dedicar inteiramente às coisas do espírito, novamente se

afasta das pessoas. Os seus guias a orientam no sentido de voltar-se mais para as outras pessoas e abrir seu coração.

Decidiu-se que o filho perdido na encarnação passada na Austrália, como xamã, deveria ser reaproximado dela para melhorar as suas emoções.

Voltará também a nascer, e se casará com ela, o espírito que fora seu marido na encarnação no sul da China. O grupo renasce no Oriente, provavelmente no Japão. Ela tem um casal de filhos, mas possui mais afinidade com o menino.

Nessa encarnação, o marido dela, que era pescador, morreu no mar e o menino sucedeu-lhe na profissão. Alcançando um grande sucesso, tomou-se um líder em sua comunidade, O filho se casa e ela envelhece cercada de netos e do respeito das pessoas. Nessa existência, ela se abre um pouco mais à sua dimensão emotiva. Desencarna feliz e tranqüila.

Mais uma vez, ela volta à Terra. Desta vez nasce na Alemanha como homem. É o terceiro filho de um impressor e trabalha com o pai. Sente-se mal, como um peixe fora d'água. Prefere, então, mergulhar na solidão, e o seu trabalho como gráfico o ajuda a não manter contato com o mundo exterior. Sente-se como um estrangeiro em sua própria terra por isso evita amizades e mesmo a aproximação com as pessoas. Ao envelhecer, dirigindo a gráfica do pai, aproxima-se de um empregado que tem um filho com o qual ele simpatiza. Ao desencarnar, deixa a gráfica para o rapaz.

Depois dessa experiência na Alemanha, os seus guias espirituais sugerem a ela que volte a viver no mundo ocidental, mas ela se recusa terminantemente. Reencarna, então, na Mongólia ou no Tibete, levando uma vida nômade. Trabalha como guia de caravanas e mesmo como carregador de tendas e suprimentos para aqueles que se aventuram por aquela região. Essa experiência foi muito difícil e dura para esse espírito e, de volta ao plano espiritual, encontra-se perturbado.

Uma outra vez, ela volta a nascer na China ocidental e como mulher. Nessa vida, ela resgata as suas relações com as ervas. Vive em uma pequena aldeia onde trabalha como herborista. Não se casa e novamente vive uma vida bastante introvertida. Provavelmente esta "recaída" deveu-se às dificuldades por que passou na via anterior.

Na velhice, ela se torna a vovozinha da aldeia, reunindo as crianças em torno de si e isso acalenta-lhe o coração, ameniza-lhe a alma e depura-lhe as emoções.

Tempos depois, ei-la de novo na Terra e, mais uma vez, na China. Trabalha, então como médico no palácio de um nobre. É especialista em acupuntura e usa terapia com ervas. (o grifo é nosso).

Como médico possui o respeito da comunidade. Suas qualidades poéticas e a sua sensibilidade intuitiva. Valoriza muito o seu trabalho e encara a Medicina como um sacerdócio. Depois dessa vida, nasce na China mais uma vez e reencarna como Iroco. Essa história é muito interessante. O texto, por certo, oferece alguns probleminhas característicos de certos textos não espíritas que tratam da reencarnação do ponto de vista cármico.

Nele, entretanto, notam-se fatos importantes como: a presença de guias espirituais orientando as encarnações; respeito ao livre- arbítrio na escolha das provas; manutenção de determinados padrões que marcam o espírito e que ficam como que parte dele; nascimentos alternados como homem e mulher; lentidão no aprendizado de vida para vida e encontros de espíritos em vidas diferentes. Tudo isso é interessante porque também se encontra nos livros espíritas, o que aponta para um fato fundamental para nós: a universalidade da Doutrina dos Espíritos.

O GRANDE VENCEDOR

O que se poderia imaginar de uma pessoa que tenha nascido em uma aldeia miserável, cujos países foram extremamente pobres, que teve contra si as elites de seu povo, povo este dominado pela maior potência militar e política da época; que não teve formação escolar; que foi o portador de uma mensagem, mas sem nenhum tipo de mídia com que divulga-la sendo o seu círculo de amigos formado por pessoas tão pobres quanto ele que não possuía meio de transporte e, por isso, fazia longas caminhadas a pé e também não tinha casa própria ou alugada e nem trabalho regular. Esse homem, certamente, teria tudo para fracassar, mas venceu. Seu nome? JESUS, O CRISTO.

Neste capítulo, estaremos estudando a fórmula do sucesso de Jesus, ou seja, o que fez com que ele, apesar de todos os obstáculos que enfrentou, mudasse a face do mundo e se transformasse em um marco na existência da humanidade. Vamos, porém, por partes, examinando a sua prática e o seu método. A essa altura você pode estar dizendo de si para consigo: Ora! mas ele era Deus. Não vamos discutir teologia agora, porém, lembrar que ele também nos disse: "Vós sóis Deuses." E mais:

"Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis àquela montanha que ela se afaste e ela se afastará." Penso que já podemos ver quais as etapas que Jesus deseja que queimemos para chegarmos junto dele na casa do Pai.

1. Ele sabia o que queria.

Jesus tinha claro em sua mente um projeto de vida do qual não se afastava em hipótese alguma. Não era um projeto circunstancial e oportunista, mas algo que acalentava desde a infância. No conhecido episódio em que ele, ainda menino, escapa da atenção de seus pais e desaparece, quando é reencontrado entre os doutores da Lei, suas palavras são muito claras: "Por que me procuráveis? Não sabíeis que me convém tratar das coisas de meu Pai?" (Lucas II: 49). Jesus sempre conheceu os objetivos de sua missão e sabe que veio à Terra para realizá-la. De uma outra feita, Pedro, um apóstolo que lhe era muito caro, tentou se colocar contra o seu projeto e a sua reação foi bastante dura embora se tratasse de um amigo. Essa atitude de Jesus é condição fundamental para o sucesso. Fixar objetivos com clareza, e persegui-los com firmeza, é fundamental para alcançar as metas a que nos determinamos. Jesus sabe o que veio fazer neste mundo e, cumprir seus objetivos é, para ele, o mais importante. Precisamos levar muito a sério essa oportunidade que recebemos de aqui voltar para progredir. E claro que não somos detentores de grandes missões que modificarão o mundo ou mesmo a sociedade em nosso redor, mas temos um trabalho a fazer aqui, a tarefa de renovação interior. Esse é um objetivo geral que temos de perseguir, mas que contém dentro dele objetivos menores porém não menos importantes. Em uma palavra: temos que aprender a reconhecer as nossas metas para que não vivamos como folhas de árvores arrancadas e arrastadas pelos ventos das tempestades. Não temos que viver como navios sem porto navegando sobre as ondas sem rumo. Quem não sabe onde quer chegar, chegará, por certo a lugar nenhum.

2. Cumprir Etapas.

Há uma antiga discussão sobre o que aconteceu com Jesus entre os doze e os trinta anos. Pelo espaço deixado pelos evangelhos canônicos sobre esse assunto, penetram historiadores das mais diversas tendências, principalmente os místicos e os esotéricos que procuram preencher esse vazio, formulando as mais diversas hipóteses nem sempre muito dignas de crédito. Há, por exemplo, os que afirmam que Jesus viveu essa parte obscura de sua vida entre os monges do Tibete; outros garantem que ele foi para o Egito sentar-se aos pés dos sábios de Karnac, Abu-Simbel ou Heliópolis; há ainda os que preferem a versão, segundo a qual, Jesus passou toda a sua infância e mocidade com as comunidades essênicas do Mar Morto. Do nosso ponto de vista, todas essas coisas são meras especulações e Jesus, em verdade, permaneceu em Nazaré na

companhia de seu pai e de sua mãe à espera de que a sua hora chegasse. Deve ter trabalhado com seu pai, aprendendo a profissão dele e tido uma vida normal entre as pessoas comuns de sua aldeia. Chegado o momento de dar início à sua vida pública, ele deixa a casa de seu pai e se submete ao batismo de João que funciona como uma espécie de ritual de passagem. Depois do batismo, ele começa a sua tarefa e vai queimando etapas até o sacrifício final do qual ele tem plena consciência.

Cumprir etapas, eis uma prática observada pelas pessoas bem sucedidas. Não há porque se apressar nem colocar o carro na frente dos bois. Observar a hierarquia das ações e ver qual delas é pré-requisito para outra, é uma atitude inteligente. Estabelecer prioridades é distinguir o que é essencial do que é acidental, é uma prática dos vencedores.

Sei de muitas pessoas que, ao se descobrirem médiuns ficam entusiasmadas e, procurando um centro espírita, recebem, infelizmente, a seguinte informação:

"Você tem que trabalhar." Em seguida são convidadas para tomar parte das sessões práticas. Essas pessoas chegam à prática sem teoria, deixando de lado uma etapa essencial para o exercício da mediunidade de qualidade. "Há tempo para tudo embaixo do sol", diz O Eclesiastes, e é verdade. Muitas vezes não obedecer a essa regra cria um grande número de dificuldades para o afoito.

3. Resistir às Tentações.

Há uma passagem dos evangelhos que, do meu ponto de vista, é uma bela alegoria e que tomou o nome de "a tentação de Jesus." Note-se que ela se dá antes que ele vá para o mundo a fim de cumprir a sua missão. Nos textos clássicos, esse tipo de relato costuma se chamar de prova qualificatória pois ela qualifica o personagem (herói) a realizar o que deve ser feito. Se o personagem é reprovado, por certo não estará qualificado para a sua missão. Jesus está ali como um modelo para todos nós e Satanás, como o espírito do mundo, das coisas materiais que escravizam os espíritos em duras cadeias douradas. Temos que estar muito atentos aos apelos inferiores porque, embora possam vir de fora (espíritos obsessores) eles estão, na maioria dos casos, dentro de nós mesmos. Uma vez, alguém me disse: "Se queres conhecer um homem, dá-lhe uma soma de poder." Essa frase merece de nossa parte uma profunda reflexão. Não se está falando, nesse caso, apenas, do grande poder, das pessoas que chegaram ao lugar das grandes decisões, mas também da vertigem da pequena altura, ou seja, das pequenas autoridades: do funcionário que tem o poder de deixar você falar com o chefe ou de encontrar o documento de que você precisa; do professor autoritário que usa as avaliações para controle e punição de seus alunos; dos chefetes que humilham os subordinados; do policial de rua que age com arbitrariedade e violência; do comunicador que torce a verdade e atira lama em inocentes apenas para "ter IBOPE" e assim conseqüentemente. Como se pode ver, nós - espíritos comuns - estamos em tentação o tempo todo, e é necessário trabalharmos-nos com energia e perseverança no sentido de afastarmos essas tentações.

Jesus nos mostra como devemos resistir aos impulsos primários que chegam a nós; acatá-los ou não, depende apenas de cada um de nós. A proposta que nos é dita, geralmente parece vantajosa e prazerosa, entretanto, é necessário examiná-la com mais cuidado e reprimi-la com energia. Jesus mostrou que ele era maior do que as tentações e nós podemos fazer o mesmo, basta estabelecer com clareza as nossas metas espirituais. Jesus sabia o que queria e não queria aquilo que o demônio lhe ofereceu, e nós? Será que sabemos de fato o que queremos? Ou vivemos como borboletas, pousando de flor em flor, indo e voltando sem nos fixarmos em coisa alguma? Sem dúvida as nossas quedas no caminho da evolução, geralmente, derivam das nossas fraquezas, portanto, fortalecemo-nos cada vez mais a meta mais desejável. Esse episódio metafórico entre Jesus e demônio nos parece um sinal de alerta, não com respeito ao espírito do mal, ao

demônio criado pela teologia, mas contra os demônios da vaidade, do orgulho, da prepotência, do comodismo, da falta de sensibilidade ante a dor do próximo e muitos e muitos outros que vivem escondidos dentro de nós, esperando uma oportunidade para se mostrarem e provocarem suas colheitas nefastas.

4. Formar Equipes

Antes de começar efetivamente a sua tarefa, Jesus procura formar a sua equipe que deverá acompanhá-lo e auxiliá-lo durante sua missão e, mais do que isso, após a sua morte, prosseguirá com o trabalho de propagação do Evangelho, não só pelo espaço estrito do judaísmo como também pelo mundo dos gentios. Ele, então, escolhe doze pessoas, ou doze espíritos, que, muito provavelmente, como dissemos em outra parte deste livro, já estavam comprometidos com os trabalhos do Evangelho antes de retornarem ao corpo físico. Esses espíritos possuem em comum (talvez com a exceção de Judas Iscariotes) uma forte envergadura moral e uma disposição de se entregarem à tarefa por completo, deixando tudo pelo Reino de Deus e confiando inteiramente em seu líder.

Jesus, na relação com sua equipe, demonstra por eles, um amor enorme e uma grande compreensão com respeito às fraquezas que ainda lhe são próprias. Jesus sabe que seus discípulos não possuem ainda a fé que abala montanhas, nem por isso os critica ou os condena. Ele procura compreendê-los e ajudá-los a superar suas dificuldades. Sempre imagino que as relações entre Jesus e os seus discípulos pudessem servir, pelo menos em parte, de modelo para as nossas relações com os nossos subordinados. Sem ostentação e vanglórias, Jesus deixa claro para eles o princípio da autoridade e a necessidade da hierarquia. Jesus é o mestre deles e é assim que devem vê-lo. Devem respeitá-lo e obedecê-lo; entretanto, esse mestre se converte em servo humilde e vai lavar os pés de seus apóstolos. Jesus é paciente e, nas reuniões fechadas do grupo, ele explica aos seus amigos as parábolas que contara nos sermões públicos. Durante todo o seu ministério Jesus esteve junto (no melhor sentido desta palavra) de seus apóstolos. Segundo os evangelhos, Jesus teria uma certa predileção por João que seria chamado de "discípulo amado". Se houve de fato essa atitude de Jesus para com o jovem João, não se trata de um defeito, mas de uma qualidade. Por que esconder as emoções mais puras? Se Jesus, por motivos que desconhecemos, se agradava de João em especial, por que deveria esconder isso. Se João o procurava mais que os outros e se Jesus gostava dessa proximidade, não haveria o menor motivo para que isso ficasse escondido ou desprezado. Note-se que é João o único discípulo que está aos pés da cruz no momento extremo e é a ele que Jesus vai confiar sua mãe. Jesus dá muita importância às expressões emocionais sinceras. Um caso que ficou célebre foi o de Marta, a irmã de Lázaro. Jesus está na casa de seu amigo e, enquanto Maria se afana nos trabalhos domésticos, Marta prefere ouvir Jesus.

Maria chama a atenção de sua irmã, entretanto, Jesus a corrige dizendo que ela escolhera a melhor porção. Ele não está incentivando a preguiça nem a vida contemplativa ante a vida de trabalho, o que ele garante é a liberdade de escolha de Marta. Como João, Marta deveria amar muito a Jesus e não quer perder o tempo de estar com ele, e Jesus, reconhecendo esse amor, não o desprezava.

Entre nós, entretanto, as predileções, muitas vezes resvalam para os favorecimentos e os privilégios indevidos. O amigo do chefe é aquela pessoa especial e intocável, faça o que fizer. No caso de Jesus com os apóstolos era diferente. Jesus jamais privilegiou qualquer um deles e, de uma certa feita, chegou a apresentar como exemplo de fé saudável e forte um gentio e não um de seu grupo. Sempre que necessário ele usou a sua autoridade de líder espiritual para mostrar a eles que agiam em discordância com os princípios do Evangelho. Jesus cuidava por lhes respeitar o livre-

arbítrio. Ele sabia, por exemplo, da trama urdida por Judas junto aos fariseus, mas deixou que as coisas corressesem sem interrupção. Ele respeitou a decisão de Judas, embora esta decisão resultasse na sua prisão e morte.

O que nos serve de lição maior neste caso, é o fato de Jesus, um grande espírito e governador espiritual do planeta, não desprezar o trabalho em equipe. Ele reconhece que nada neste mundo pode ser feito sem a cooperação dos outros. Jesus precisou de Maria para nascer, de José para protegê-lo na primeira infância, de espíritos atentos (anjos) para cuidarem de avisar a José, por sonhos, dos perigos que ameaçavam a criança, de João, o Batista, para preparar-lhe os caminhos, dos apóstolos para auxiliá-lo nas necessidades do dia-a-dia e para continuar a tarefa quando ele partisse e assim por diante. Trabalhar em equipe, essa é a grande lição que devemos aprender com Jesus Cristo.

5. Humildade

Uma das maiores expressões de qualidade é a humildade. No episódio do Moço Rico, um jovem chega a Jesus e começa a falar assim: "Bom mestre, que devo fazer para alcançar o Reino dos Céus?" Jesus, entretanto, o repreende falando:

"Bom, por que me chamas bom? Bom é o nosso Pai que está no Céu." O rapaz usou o adjetivo bom de um modo leviano (como nós também costumamos usar) e Jesus o tomou em um sentido muito especial, do qual ele próprio não se considerava digno já que, segundo o texto evangélico, ser bom era um predicado que deveria ser aplicado apenas a Deus. Ora, mas o que é que tem isso? Aparentemente nada, entretanto, se Jesus aceita para ele um atributo que não lhe pertencia, estaria agindo como uma pessoa vaidosa, que adora que lhe adjetivem do modo mais exagerado possível. Talvez ele também quisesse mostrar ao rapaz que o cuidado com o uso das palavras é algo de fundamental importância.

A humildade é mais uma virtude dos que aprenderam a vencer. Não se deve, entretanto, confundir humildade com hipocrisia (falsa humildade) e nem com a baixa estima ou visão degradada de si mesmo. Lembremos aqui as palavras oportunas do moralista francês La Rochefoucauld (1613-1680):

"A humildade muitas vezes não passa de uma submissão fingida, da qual nós nos servimos para submeter os outros. É um artifício do orgulho que se abaixa para se elevar, e, embora se transforme de mil maneiras, nunca está melhor disfarçado nem mais capaz de enganar do que quando se esconde sob a aparência de humildade". (Reflexões).

Assim, a verdadeira humildade não se expressa no modo de trajar, de falar com suavidade, de olhar com os olhos baixos, de andar devagar (ou de cabeça baixa) como se estivesse "pisando em ovos" ou procurando algo no chão. A verdadeira humildade é sóbria e discreta. Muitas vezes, a pessoa verdadeiramente humilde nem mesmo sabe o que é humildade. O hipócrita, não raro, parece ter a vaidade de ser humilde, ou melhor, de apresentar sinais externos de humildade. Os antigos contam que, certa vez, Sócrates viu passar o filósofo Cleanto, que gostava de aparentar humildade. E lá ia ele, de cabeça baixa e com o manto sujo, todo esburacado. Sócrates o teria ironizado dizendo: "Ó Cleanto, eu vejo a tua vaidade me espreitando por entre os buracos de teu manto."

A humildade é uma tarefa difícil de ser adquirida porque ela exige o autoconhecimento. Humildade, do nosso ponto de vista, é a mais correta possível avaliação de si mesmo. Não significa nem se supervalorizar nem se diminuir, mas ser o mais exato que puder na própria avaliação. Jesus, que não aceitou ser chamado de bom, declara-se como sendo "o caminho, a verdade e a vida". Jesus sabia que era, para nós, exatamente isso, e por que não dizer? Assim, ele não está sendo vaidoso, mas dizendo a verdade. Isso mesmo: dizendo a verdade. Talvez no dizer a verdade sobre si mesmo é

que se encontra a verdadeira humildade. O problema está em se saber se conhecemos a verdade sobre nós mesmos, daí a necessidade do autoconhecimento.

6. Capacidade de tomar decisões e de assumir responsabilidades

Jesus, em toda a sua existência terrestre, jamais se negou a assumir responsabilidades e tomar decisões. No momento extremo de sua vida, quando Judas o trai, e o entrega aos esbirros do templo, Jesus assume toda a responsabilidade do que fez e falou, e pergunta penalizado: "Por que viestes para me prender armado de varapaus? Todos os dias me assentava junto de voz, ensinando no templo, e não me prendestes". Jesus está como que admirado. Será que aqueles homens não o viram nem o ouviram pregando nas praças, nos mercados, nas ruas, enfim, em lugares públicos? As suas pregações eram pacifistas e amorosas, para que então o aparato militar para prendê-lo? Nesse momento extremo, ele não nega o que fez, nem o que disse. Não acusa pessoa alguma e assume inteiramente as palavras que pronunciou.

Uma das formas de se conhecer o perdedor é a sua incapacidade de assumir responsabilidades. Ele jamais admite a responsabilidade daquilo que fez. É a eterna história da irresponsabilidade humana que o povo ironiza na frase: "Filho feio não tem pai." Se você, leitor, deseja imprimir qualidade à sua vida, aprenda com Jesus a assumir responsabilidades. Esse é o aspecto central da personalidade dos vencedores. Toda pessoa bem sucedida e toda liderança verdadeira costumam tomar decisões e assumir, sejam quais forem, os resultados, dessas decisões. Só os fracassados, têm por hábito fugir às responsabilidades, mentir, enganar, dissimular com medo de punições.

Lembremos de J.E.Kennedy que, depois da fracassada invasão da Baía dos Porcos, foi para a televisão e assumiu, sozinho, todo o mau resultado de sua decisão. E a sua popularidade não sofreu o menor abalo. Há muito pouco tempo, ainda nos Estados Unidos, o presidente Bill Clinton, também pela televisão, assumiu a sua parcela de culpa no rumoroso escândalo Mônica Lewinsky e o resultado foi o aumento de sua popularidade.

Todos nós cantamos em prosa e verso a liberdade e o livre-arbítrio. Achamos que o direito à escolha é o mais belo presente que Deus nos fez, entretanto, ele nos deu apenas o direito à escolha, porquanto o ato de escolher é de nossa inteira responsabilidade; contudo as pessoas parecem esquecer isto. Certa vez, encontrei uma aluna que estava noiva há algum tempo e lhe perguntei:

- Como é, já casou?
- Não. Desmanchamos.
- Desmancharam! O que é que houve?
- Professor, não ia dar certo.
- Porquê?
- Ele é de peixe eu sou de touro. Peixe e touro não combinam.

Era estranho como aquela moça era incapaz de examinar racionalmente o que havia acontecido com ela e o noivo. Ela não era culpada (nem ele), mas sim a diferença de signos zodiacais. Da mesma forma, há pessoas que responsabilizam por seus fracassos o sistema, os pais, os vinte anos de ditadura por que passamos, os falsos amigos, e em nenhum momento olham para dentro de si mesmos buscando respostas mais racionais. O maior problema do ato de não assumir é não progredir, já que, quanto mais eu desloco de mim os motivos dos maus resultados que colho na vida, menos chances eu tenho de descobrir e de eliminar os obstáculos e resistências que estão dentro de mim mesmo e, assim, quanto mais busco fora as causas dos meus fracassos, mais crescem dentro de mim as minhas imperfeições.

7. Manter a Coerência

Esta é uma das grandes virtudes de Jesus e de qualquer pessoa que deseje o sucesso na vida. Defino por coerência uma relação estreita entre o que se fala e o que se faz. Jesus é extremamente coerente. A sua vida foi uma prática permanente das palavras que dizia. Jesus sempre pregou o desapego, não o desprezo, pelos bens terrenos e afirmava que a necessidade maior de cada espírito era buscar o Reino de Deus em seu íntimo, que, tendo feito isso, tudo mais viria naturalmente. Pedia que observássemos as aves do céu e os lírios do campo, para vermos como se faz a bondade de Deus e o cuidado que Ele tem com a sua criação. Coerente com esse ensinamento, Jesus nada de material acumulou sobre a terra. Não possuía casa, animais, guarda-vestidos, dinheiro e nem mesmo o túmulo para onde foi o seu corpo material a ele pertencia. Almoçava na casa de amigos que o convidavam e, em viagem, deveria se alimentar com os poucos recursos da bolsa do grupo. Não se deve entender isso como uma condenação ao conforto ou mesmo às riquezas, como pregam algumas religiões, do nosso modo de ver, deve-se entender o seu comportamento como a pregação pelo exemplo, que é a forma da aplicação da coerência na vida religiosa. Pouco adiantaria Jesus pregar contra a atitude egoísta que os ricos desavisados têm para com os bens que possuem se ele, na prática, agisse de um modo semelhante. Jesus pregou em seu Evangelho, e com grande ênfase, a necessidade do perdão. "Perdoar sete não, mas setenta vezes sete vezes." Jesus reconhece que a falta do perdão endurece o espírito e produz uma espécie de secura interior que não deixa o amor penetrar, e o amor é como o alimento da alma, uma alma sem amor é um campo estéril que nada pode produzir. Por isso Jesus perdoou sempre, sem se importar com a natureza do delito, apenas recomendava ao perdoado para não reincidir. Assim, ele perdoou a mulher adúltera prestes a ser apedrejada; perdoou Pedro antes que ele o negasse; perdoou Zaqueu, um homem de má vida, indo almoçar em sua casa; perdoou Minam de Magdala pelo muito que havia amado; perdoou Judas Iscariotes com o silêncio e com a calma com que recebeu o beijo terrível; perdoou um servidor do templo, mandando que o apóstolo indignado, que lhe havia cortado uma das orelhas com um golpe de espada, recolocasse a espada na bainha, admoestando com a frase famosa: quem pela espada vive, pela espada morre; perdoou a Dimas, o bom ladrão, por seu arrependimento sincero, mas não renegou Gestas, o mau ladrão, por ter continuado impenitente; por fim, do alto da cruz, em seus últimos momentos pediu ao Pai que perdoasse a todos os que lhe fizeram mal porque não sabiam o que estavam fazendo.

8. Coragem

Jesus, era, inegavelmente, uma pessoa extremamente corajosa. É, porém, necessário, aqui e agora, fazer uma distinção entre coragem e valentia. Essas duas palavras, às vezes, se confundem e são tomadas em uma mesma acepção, eu, porém, gostaria de distinguir uma da outra. Para mim a valentia é uma palavra mais material e designa o impulso agressivo contra alguma coisa que nos ameaça. A palavra valente, com sua variante mais depreciativa, "valentão", diz respeito, portanto, a uma atitude que tanto pode servir para nos defender como para ameaçar outrem.

Apalavra coragem, em nossa língua, origina-se no francês *courage* que deve ter a sua origem em *coeur*, (coração). Assim, a palavra coragem, que se diz em grego *areté*, (honra, virtude) significaria algo que vem de dentro, do nosso interior, uma conquista do espírito. Se a nossa interpretação for correta, haverá valentia em responder uma ofensa com outra ofensa, um golpe com outro golpe, mas não coragem. A coragem está em oferecer a outra face, e resistir ao mal, mas jamais revidá-lo; muito provavelmente, a doutrina moderna que chegou mais perto da coragem, neste sentido, foi a Não-Violência, proclamada por Gandhi. Jesus, o tempo todo, foi uma pessoa de coragem, jamais fugiu aos debates públicos com os fariseus, e, por várias vezes, sempre que julgou de acordo com a nova ordem que veio implantar, violou a lei deles pata

mostrar que aquele tipo de lei havia sido superado pela nova lei que ele trazia. É preciso ter muita coragem para pregar a doutrina do sim, sim, não, não, onde não há lugar para as pessoas dúbias, medrosas, incapazes do salto qualitativo que o Evangelho exige. Ele teve muita coragem e, sozinho, desarmado, manietado e ferido manter-se digno e altivo ante a maior autoridade do Império romano. Vamos recordar aqui este belo diálogo:

- Tu és o rei dos judeus?
- Tu dizes isso de ti mesmo ou disseram-te outros de mim?
- Por ventura, sou judeu? A tua nação e o principal dos sacerdotes entregaram-te a mim; que fizeste?
- Meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos para que não me entregassem aos judeus, mas o meu reino não é daqui.
- Logo tu és rei?
- Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo a fim de dar testemunho da verdade, e todo aquele que é da verdade, ouve a minha voz.

Como se pode ver nesse diálogo breve, Jesus não se curva diante de Poncius Pilatos, enfrenta-o com destemor. Ele tem a verdade, e a verdade é aquilo que dá autoridade moral ao homem. Jesus revela a Pilatos a sua missão. Revela-a diretamente, sem meias palavras embora saiba que tais palavras podem ser motivo de sua perda.. E dessa passagem que o homem de sucesso participa, desse laço indestrutível com a verdade, com o respeito por si mesmo e pelo próximo.

9. Habilidade com a Palavra

A primeira questão que nos impressiona sobremodo quando se trata de Jesus é a sua habilidade no trato com a palavra. Isso explica, em parte, como esse homem, apenas com a palavra falada, conseguiu transformar a história deste planeta.

Lendo-se, porem, com atenção os Evangelhos, chega-se a algumas conclusões com respeito à linguagem de Jesus. Como seria essa linguagem? Se os textos evangélicos refletem, pelo menos em parte, o modo como ele se expressava, podemos dizer que a sua linguagem tem a virtude de trabalhar os dois pólos da alma humana: a emoção e a razão.

Do ponto de vista emotivo, pode-se dizer que a linguagem de Jesus era fundamentalmente poética, o que equivale a dizer, metafórica, figurada ou denotativa. Suas metáforas são exemplares: "Vós sois o sal da terra e se o sal se tornar insípido com que se há de salgar." (Mateus, V. 13.)

"Aquele que ouve estas palavras e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato que edificou sua casa sobre a areia; e desceu a chuva e correram os rios e sopraram os ventos e combateram aquela casa, ela caiu e grande foi a sua ruína". (Mateus, VIII: 24 a 27.)

"Vós sois a luz do mundo; uma cidade posta sobre um monte não pode se esconder. Não se acende uma luz e se põe debaixo de um alqueire, mas sobre um candeeiro de modo que alumie todos os que estão em casa. Assim alumie a vossa luz ante os homens, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está no Céu." (Mateus, V: 14 a 16.)

Assim, uma a uma vão aparecendo as metáforas, os símiles e as outras figuras com que ele tece o seu discurso. Esse tipo de linguagem é altamente retórico e possui incrível poder de persuasão. Comparar os apóstolos com o sal ou com a luz, e o homem que não segue as suas palavras com o construtor incauto, é de enorme felicidade pela oportunidade dessas imagens. Elas como que fazem cócegas na imaginação, ataçam a sensibilidade e favorecem a intuição, aliás os poetas sabem muito bem disso. A linguagem de Jesus é sempre muito plástica, por consequência, visual. Ele diz: "Olhai as

aves do céu e os lírios do campo, eles não tecem nem fiam, mas eu vos garanto que nem Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles." (Mateus, VI: 25 a 34.)

"Mas qualquer um que escandalizar um desses pequeninos que crêem em mim, melhor seria que lhe pendurassem no pescoço uma mó de azenha e o submergissem nas profundezas do mar." (Mateus. XVIII: 6)

Os exemplos da plasticidade na linguagem de Jesus são em grande número e muitas delas, como as relativas aos pastores e às ovelhas, já foram tomadas muitas vezes por pintores famosos. Jesus usava a linguagem visual e concreta em razão do público a que se dirigia. Muitos de seus ouvintes eram pessoas humildes, analfabetas, camponeses, pastores, prostitutas, vendedores ambulantes (como os que fervilhavam no átrio do templo nos dias santificados, procurando arrancar ainda que fosse uma pequena moeda das pessoas mais bem aquinhoadas) agitadores políticos, gente que exigia um tipo de discurso mais adequado às suas sensibilidades mais embotadas. Essas pessoas eram incapazes de entender as sutilezas retóricas dos filósofos ou mesmo as discussões de rabinos e doutores da lei sobre uma passagem dos textos sagrados onde houvesse obscuridade. Para eles ter-se-ia que dar um alimento à base de leite e não de carne, muito pesada para eles, como explicou o apóstolo Paulo em um contexto semelhante.

Não era, porém, Jesus apenas um poeta, alguém que soubesse usar as palavras explorando a sua beleza. Ele era também um excelente polemista, uma pessoa com incrível habilidade para discutir, convencer e persuadir. Certa vez, um fariseu aproximou-se dele com a intenção de fazê-lo cair em uma armadilha. Apresentou-lhe, então, a seguinte questão:

- Mestre, é lícito ou não pagar o tributo a César?

A pergunta é bastante clara e o fariseu espera uma resposta objetiva do tipo é ou não é. Trata-se, porém, de um novo dilema; se ele diz: "Não se deve pagar o tributo a César", o fariseu iria correndo para denunciá-lo à primeira autoridade romana que encontrasse, e se ele dissesse: "Deve-se pagar o tributo a César", o fariseu o teria forçado a, publicamente, admitir que era um colaboracionista do Império romano e um traidor de seu povo. Jesus, então, faz uma pausa retórica e pergunta ao fariseu:

- Tendes uma moeda convosco?

Aquela pergunta era inteiramente inesperada e o fariseu fica um tanto perturbado, mas localizando a moeda pedida a entrega ao Mestre:

- Aqui está a moeda.

- De quem é a efígie cunhada na moeda? pergunta Jesus.

- De César. Responde o fariseu.

- Muito bem. Então, dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

O fariseu não sabe o que fazer. Ele saberia se Jesus houvesse ficado prisioneiro do dilema, negando ou afirmando algo sobre o que lhe havia sido perguntado, mas, evitando dar uma resposta deste tipo, Jesus deixa o fariseu meio perdido e ele se afasta para tramar, certamente, uma nova armadilha.

João Evangelista nos faz um relato muito semelhante ao que acabamos de ver. Nele Jesus havia descido do Monte das Oliveiras e, como havia muita gente desejosa de ouvi-lo, sentou-se e começou a ensinar. Nisso aproximam-se dele alguns fariseus cujo líder conduz uma mulher, arrastada pelos cabelos, pois havia sido acusada de adultério. O fariseu chega perto de Jesus e lhe pergunta:

- Mestre, esta mulher foi apanhada em adultério, segundo a Lei de Moisés, devemos apedrejá-la. E tu, o que nos aconselhas?

Novamente o fariseu coloca Jesus em um dilema; se ele disser: "Obedeçam a lei e matem a mulher a pedradas", estaria de acordo com a Lei Mosaica, mas colidindo com o seu Evangelho onde o amor e o perdão ocupam o mesmo lugar. Se, por outro lado, ele respondesse: "Não deveis apedrejar esta mulher" estaria de acordo consigo mesmo, mas seria réu perante ao Sinédrio. O fariseu espera a resposta certo de que, com aquela

questão, havia colocado Jesus em um beco sem saída. Jesus, entretanto, não responde, mas faz uma frase: "Aquele que for livre de qualquer pecado, atire a primeira pedra." Novamente o fariseu se vê frustrado pois a questão proposta fora devolvida a ele, porém com uma condição nova: estar ou não estar livre de pecado. Conta o evangelista que as mãos que seguravam as pedras, deixaram que elas caíssem e, pouco a pouco, a multidão se dissolveu. Com aquela frase conclusiva, Jesus levanta naquelas almas um questionamento sobre a participação daqueles homens no erro daquela mulher e a pergunta implícita é a seguinte: quem está livre de pecados para julgar comodamente a conduta de seu próximo? Esse é o caso de uma frase certa, no momento certo, para pessoas certas. Criar esse tipo de frase é característico da retórica de Jesus.

Em outra ocasião, Jesus acabava de expulsar um espírito ignorante que se comportava como se mudo fosse. Logo depois, porém, que ele libertou o médium, que era um menino e ficara sem voz pela ação do espírito obsessivo, ele voltou a falar normalmente. No meio deles havia alguns fariseus que comentaram, vendo o fato: "Ele expulsa demônios por Belzebu, príncipe do inferno." O argumento dos fariseus era o seguinte: "este homem expulsa demônios em nome de Belzebu, logo ele tem algum tipo de aliança com o príncipe das trevas." Ouvindo essa crítica, Jesus cria o seguinte silogismo: Todo reino dividido contra si mesmo, será assolado, e a casa dividida contra si mesma cairá.

Ora, se eu expulso demônios com a ajuda de um demônio, satanás está dividido contra si mesmo e se está dividido contra si mesmo, a sua casa cairá.

Entretanto, a parte em que a linguagem de Jesus se torna mais viva e interessante é a das parábolas. Parábola é uma narrativa curta, de caráter conotativo, que trabalha principalmente com metáforas e símiles. Muitas vezes, quando bem desenvolvidas, toma a forma de alegorias. Por exemplo, explica G. Riciotti (*A Vida de Cristo*, p.139), quando se compara a profissão de professor com a de jardineiro, temos uma parábola. Se, porém, descermos a minúcias e nas pequenas plantas se fizerem ver os alunos, nas flores e nos frutos, a aprovação e os prêmios, nas tesouras de poda, as punições aos vícios dos alunos, a comparação tornou-se simbólica, ou seja, transformou-se em uma parábola alegórica. A antiga literatura hebraica havia cultivado as parábolas sob o nome de *mashl*, termo mais amplo porque compreendia outras formas literárias além das parábolas. Jesus retoma as parábolas e, com técnica invejável, as transforma em um recurso didático excelente. A parábola contada por Jesus é despida de muitos artifícios literários, mas, mesmo assim, possui uma profunda eficácia. Não atemoriza, mas persuade, não vence apenas, convence.

As parábolas de Jesus visam, em sua grande maioria, a apresentar o Reino de Deus. Em verdade, em o Sermão da Montanha, ele havia falado desse reino e das qualidades morais exigidas para alcançá-lo. Jesus, entretanto, entende que é preciso esclarecer mais o conceito de Reino de Deus, trocá-lo em miúdos, tomá-lo palpável e, para isso, se vale do recurso das parábolas.

O grande valor dessas narrativas está no fato de a linguagem delas ser extremamente simples e voltada para o dia-a-dia de seus ouvintes. Em verdade, ao ouvir uma parábola contada por Jesus, cada pessoa era levada a rever as cenas do seu cotidiano, cenas com que estavam acostumadas e faziam parte de seus valores mais caros. Tomemos, para exemplo, a Parábola do Semeador. Na Galiléia, muito cheia de colinas e muito acidentadas, usavam-se para a sementeira, pequenos lotes de terrenos espalhados, aqui e ali, nos vales e ao longo dos ribeiros. Após as primeiras chuvas, mais ou menos em novembro, depois de uma rápida preparação do terreno, o camponês ia percorrendo os lotes e espalhando as sementes do trigo e da cevada. Jesus toma, então esse contexto e constrói sua parábola:

"Um semeador saiu a semear e, enquanto semeava, caíram algumas sementes na beira do caminho, e foram pisadas pelos homens e as aves do céu as comeram.

Outra parte caiu sobre as pedras; brotou, mas secou por falta de umidade.

Outra parte caiu no meio dos espinhos, crescendo junto aos espinhos que a sufocaram.

Outra parte ainda, caiu em boa terra; brotou e produziu frutos ao cêntuplo."

Quantos ali presentes já não haviam saído de suas casas, bem cedinho, levando a tiracolo os sacos cheios de sementes e, chegando a uma leira preparada, puseram-se a semear. Os semeadores presentes haviam experimentado a frustração das sementes perdidas e o júbilo das sementes que deram frutos. Jesus está falando com eles sobre as experiências de cada um. Assim, através do recurso das parábolas vão desfilando cenas da vida social em Israel como: homens ricos que não têm onde guardar o excedente de sua colheita (Luc.XII: 16-21); empregados à espera de que o senhor volte das bodas e mantêm acesas suas lâmpadas (Luc XII: 35-38); o homem que, vendo uma figueira estéril, manda cortá-la (Luc. XIII: 6-9); um homem que planta em seu terreno um grão de mostarda (Luc. XIII: 18-20); um senhor poderoso que dá grande banquete (Luc. XIV: 15-24); o pastor que perde a sua ovelha, mas a reencontra (Luc. XV: 3-6); a mulher que perde a sua pequena moeda e a procura até encontrá-la (Luc. XV 8-10); o menino que entediado da vida na fazenda junto com o pai, deixa-a e parte para o mundo (Luc. XV: 11-32) e assim por diante. Cada uma dessas historietas breves tem um sentido para os ouvintes porque eram experiências pelas quais eles próprios passavam na vida cotidiana.

Por certo não conseguimos esgotar (e ficamos muito longe disso) todos os aspectos técnicos que contribuíram para o retumbante sucesso obtido por Jesus em tão pouco tempo. Infelizmente, a deificação de Jesus pela teologia oficial nos afastou de sua expressão humana e a inclusão dele na série das divindades, envolve-o na dimensão do mito e nos coloca em uma posição diametralmente oposta a ele. Repito a fórmula já citada anteriormente: "ora, ele é Deus". Vamos tentar reverter isso: Jesus não é Deus, mas um espírito elevadíssimo, um filho de Deus como qualquer um de nós, um irmão maior, é verdade, mas um irmão; sendo assim, tudo o que ele fez é factível pelo espírito humano em geral, desde que progrida como ele progrediu.

As práticas que aparecem no Evangelho não são exclusivas de Jesus, estão aí no mundo em que vivemos, nós é que não as utilizamos ou o fazemos de modo acanhado ou equivocado, penso, entretanto, que é hora de ousar melhorar, de avançar e de apostarem nossas forças interiores para iniciar um processo de aperfeiçoamento espiritual autêntico.

UM POUCO DE RETÓRICA É SEMPRE ÚTIL

Acabamos de ver, com as nossas observações sobre Jesus, como o poder da palavra é algo inquestionável. A palavra aparece, bordando no tecido da história os mais belos quadros como: o Sermão da Montanha, proferido por Jesus Cristo para uma grande multidão; as pregações do apóstolo Paulo, semeando a luz do Evangelho além dos limites estreitos do judaísmo; a bela fala de Abraão Lincoln, em Gettysbury; as palestras radiofônicas de Franklin Delano Roosevelt; a fala mansa de Gandhi pregando a não-violência; Churchill, discursando com veemência para imprimir entusiasmo à Inglaterra atacada pelos nazistas e muitos outros exemplos bem conhecidos de pessoas que, por meio da palavra, influenciaram decisivamente no destino do mundo ou no destino de suas próprias comunidades.

Não há necessidade de explicar aqui os motivos que me levaram a incluir neste livro um capítulo sobre a arte de falar em público, entretanto, mesmo assim, penso que vale a pena falar um pouco sobre esta escolha. Começamos citando Harry Simrnons

que, em seu livro *Falar em Público*, comenta a necessidade que o homem moderno tem de usar a palavra com elegância e, principalmente, com eficiência. Segundo ele:

1. A prática da oratória cria um vocabulário mais extenso e uma formulação mais lúcida das próprias opiniões.

2. A palavra é um bom meio de comunicação; gera respeito e produz conhecimento.

3. Os atuais homens de negócio precisam treinar oratória para participarem com maior segurança das entrevistas de rádio e de televisão. (Incluo aqui também as lideranças espíritas, muitas vezes convocadas para ser entrevistadas na mídia e que, para representarem a nossa Doutrina condignamente, deveriam estar bem preparadas.)

4. É fundamental ao homem de negócios saber persuadir por meio de palavras.

5. Empresário bem falante aumenta seu prestígio e o da sua empresa e, por conseqüência, vende mais e melhor o seu negócio.

6. A capacidade de oratória desenvolve no grupo melhores condições de comunicação e de trabalho.

7. A fala de qualidade inspira ouvintes e provoca uma cadeia de pensamentos positivos.

8. A arte da Retórica produz a satisfação pessoal de se poder expressar com eloqüência.

9. Homem que fala bem é mais eficiente.

Nós - os espíritas - temos que ter um compromisso considerável com a habilidade verbal. Nas outras religiões as pessoas responsáveis pela doutrina religiosa da comunidade são pessoas que para isso foram preparadas. Padres e pastores, em geral, recebem uma formação (uma boa formação) para desempenharem, do melhor modo possível, a tarefa a que se propuseram. Nas comunidades espíritas, porém, as coisas não são feitas assim, e qualquer pessoa - mesmo inteiramente despreparada ou até contra a própria vontade - é instada a falar em público e o resultado desse tipo de experiência e quase sempre desastroso. Mesmo os oradores nem sempre demonstram preparação real e as suas palestras podem até agradar mais às pessoas pouco críticas que não saberiam distinguir com clareza a diferença entre uma fala de qualidade e uma fala mais pobre. Por este motivo penso que todo espírita, em grau maior do que qualquer religioso, tem o dever ético de cuidar da própria linguagem ou resistir aos convites para expor a Doutrina publicamente. Vistas estas brevíssimas considerações, vamos a algumas dicas de oratória que, acreditamos, podem ajudar a quem fala em público.

1. As qualidades de um bom orador

Todo ser humano possui, em potência, a possibilidade de ser um bom orador, desde que seja capaz de desenvolver certas regras de comportamento e prestar atenção a determinados detalhes que seriam específicos para a formação de um orador de qualidade. Em geral, podemos dizer que um candidato a oratória, seja ele quem for, poderá obter sucesso, e se tornar um orador eficaz, se tiver qualidades básicas como capacidade para selecionar e organizar mentalmente os materiais com que lida do ponto de vista intelectual. Em segundo lugar, deverá ter espírito de pesquisa para conseguir profundidade nos temas que aborda. Em terceiro lugar, deverá ser uma pessoa suficientemente crítica para aprender a avaliar o material disponível e o seu próprio desempenho. É fundamental também que o candidato a orador tenha uma grande dose de autodisciplina, sem a qual não realizará, a contento, a sua tarefa. Além disso, pode-se acrescentar uma boa voz, ou seja, uma voz trabalhada e protegida contra maus hábitos como bebidas congeladas e o fumo em excesso, um amor fiel e constante pelo estudo e um espírito de humildade que o fará sempre considerar os exatos limites de suas possibilidades, evitando que vá além daquilo que pode e acabe por cair no ridículo. Se

uma pessoa tiver essas qualidades (ou procurar obtê-las) estará no caminho do sucesso na arte de bem falar.

2. Perguntas iniciais.

Uma pessoa que pretenda falarem público deverá, antes de qualquer coisa, responder algumas perguntas importantíssimas para que consiga um bom desempenho. São elas:

a) Sobre o que vou falar?

Esta pergunta diz respeito à matéria que o orador vai desenvolver e, nesse caso, é muito importante fazer-se uma diferença entre assunto e tema. Os assuntos são a matéria tomada em grande extensão e os temas, as unidades do assunto. Por uma questão lógica nenhum orador pode falar de um assunto. Um assunto, em geral, seria objeto para um curso e não para uma exposição mais restrita. Assim, caso um orador receba um assunto, pode e deve transformá-lo em tema. Exemplifiquemos:

Assunto: A Doutrina Espírita.

Tema: O Tríplice Aspecto da Doutrina Espírita.

Suponhamos, porém, que o orador ainda ache que o tema é muito extenso para o tempo que dispõe, neste caso, poderá criar, unidades temáticas, ou subtemas. Vamos a um exemplo:

Tema: A Mediunidade de Cura.

Subtema: As operações mediúnicas.

Como se pode perceber é possível criar diversos temas e subtemas e, quanto mais subdividirmos o assunto, mais fácil será a sua abordagem em virtude da restrição do campo de estudo e pesquisa.

Quanto aos temas, devemos observar que eles podem ser divididos, em se tratando de oratória espírita, do seguinte modo: temas livres e temas propostos, temas abertos e temas fechados. O tema é livre quando se deixa para o orador a decisão de escolhê-lo e proposto quando a instituição é quem escolhe. O tema livre é, de um certo modo, mais vantajoso para o orador, mas pode não ser muito interessante para a instituição. É bom para o orador porque ele já o conhece, deve dominá-lo e gostar dele. Pode não ser bom para a instituição porque o gosto pessoal do orador pode ser diferente das necessidades daquele grupo.

Imaginemos que o orador seja uma pessoa interessada em Ufologia e traga para a conferência espírita um tema ufológico. Será que as pessoas do centro espírita que foram à palestra gostariam de ouvir falar sobre UFOS? Pode ser ainda que o orador tenha muito poucos temas preparados e, aceitando o convite, fale da mesma coisa que falou na última vez em que lá esteve. Imaginemos, por fim, que o orador seja uma pessoa dita "liberada" que gosta de abordar temas sexuais e que o auditório conservador reaja negativamente. O tema proposto, desde que resulte de uma espécie de consenso entre freqüentadores, tem duas vantagens: em primeiro lugar, o orador falará daquilo que interessa ao seu auditório e não a si próprio e, em segundo lugar, a proposta do tema levará o orador a pesquisar o assunto, enriquecendo, assim, o seu cabedal de conhecimentos.

Os temas são chamados fechados quando se integram perfeitamente dentro da Doutrina Espírita, podendo ser concluídos normalmente, sem causar qualquer tipo de polêmica uma vez que as dúvidas existentes podem ser resolvidas pelo orador como auxílio da própria Doutrina.

São os melhores temas para oradores principiantes e para aqueles que desejam ensinar Doutrina Espírita e não polemizar com pessoas com base em suas próprias idéias, pensamentos e conclusões. O tema aberto é aquele que, como o próprio nome indica, não possui uma conclusão conseqüente e natural nem dentro da Doutrina

Espírita nem fora. Estão nesse caso temas como A virgindade de Maria, o Corpo Fluídico de Jesus, a Origem dos Discos Voadores e outros semelhantes. Ninguém proíbe ninguém que fale de tais temas, o que se discute é a inutilidade deles em palestras públicas. É perfeitamente cabível que em estudo fechado, formado por estudiosos seletos, não movidos por vã curiosidade, esses e outros temas possam ser tratados, entretanto, em reuniões públicas, parece-nos grande perda de tempo.

Resolvida essa primeira parte, deve o orador fazer uma outra pergunta, esta a si mesmo: Que sei eu sobre este tema?

Nesse caso, três respostas são possíveis:

1. Sei muito.
2. Sei Pouco.
3. Sei muito pouco.

Em qualquer dos três casos, o orador não poderá abrir mão de pesquisar. Não é honesto que se fale sobre o que não se conhece. Assim, se o orador souber muito, deve fazer pesquisas para se atualizar, pois o conhecimento, não importa em que campo, está submetido a um processo extremamente dinâmico e hoje, mais do que nunca, esse dinamismo é verdadeiro. Se o orador sabe pouco, vai utilizar as pesquisas para se reciclar, adquirir novos conhecimentos; por fim, se sabe muito pouco, deverá pesquisar para aprender, mesmo, começando lá de baixo, com humildade e perseverança. O que ele não pode é deitar falação sobre temas de responsabilidade estando desinformado ou mal informado.

Se a pesquisa foi feita com esforço e honestidade o seu resultado (material) pode ser bastante extenso e, como o orador tem sempre um tempo determinado para falar (entre 50 e 60 minutos), será necessário que ele selecione o material que vai usar, considerando o tempo de que dispõe. Nesse contexto surgem três possibilidades:

1. Material < Tempo.
2. Material > Tempo.
3. Material = Tempo.

Vamos discutir essas possibilidades: se o material é maior do que o tempo, o orador terá sido desrespeitoso para com o seu auditório, uma vez que ocupará um tempo maior do que aquele que lhe foi proposto. As pessoas presentes separam, para ouvi-lo, uma fatia de seu tempo e, terminada aquela atividade, terão outras coisas para fazer; se o orador ultrapassa o tempo estabelecido, cria dificuldade e constrangimento para seus ouvintes. Se o material for menor do que o tempo, também haverá dificuldades pois a palestra terminará antes do tempo previsto. Nesse caso, o orador deve recitar a "mea culpa" para o auditório e confessar a ele que nada mais tem a dizer, apesar de não ter terminado o tempo. Um recurso desrespeitoso em extremo, o chamado "encher lingüiça," que às vezes é empregado em tais situações, deve ser evitado em nome da boa ética e do respeito que devemos ter uns para com os outros. Por fim, podemos concluir com o ideal: o material = tempo. Como conseguir esse bom resultado? Para essa questão, temos duas respostas: a prática não separada da teoria e os ensaios. Ensaiar é fundamental, digam-no os artistas de teatro. Sem ensaio, não há representação bem feita. O ensaio é o espaço onde se pode errar, para não se errar perante o público. O orador pode, portanto, ensaiar em sua casa a fala que vai fazer, adequando o material ao tempo, gravando a fala em uma fita magnética, pedindo a alguém para cronometrar o tempo da exposição ou da apresentação de um certo tipo de material, e assim por diante.

b) Para quem se vai falar?

Um orador não pode ignorar o seu auditório, muito pelo contrário, terá de agradá-lo se deseja dele respeito e atenção. Sim, é sempre útil que saibamos qual a natureza de nosso auditório: classe social, faixa etária, nível intelectual, valores que cultivam (conservadores ou progressistas), grau de expectativa que possam ter com

respeito ao tema ou à própria pessoa do orador. Se tivermos esse tipo de conhecimento, será bem mais fácil atingir nossos objetivos com a palestra. Vamos nos lembrar de Jesus falando por parábolas para o seu auditório e emitindo um sofisticadíssimo conceito metafísico, como o da reencarnação à época, em particular para Nicodemos.

c) Para que vou falar?

O que é que eu pretendo com a minha oratória: desejo ensinar? Divertir? Educar? Consolar? Dar uma exibição de cultura? Essa resposta do ponto de vista espírita, é fundamental. O que me leva a falar? Por que aceito convites penosos para lugares distantes onde vou viajar dez ou doze horas para falar apenas quarenta minutos?

Como me vejo nesta posição? Eu acredito que a minha atividade é realmente útil às pessoas e a mim? Essas questões ninguém pode responder, exceto quem as faz, porque demandam uma análise de consciência das mais rigorosas e sérias, entretanto, são questões muito importantes para a oratória espírita.

INICIANDO O PROCESSO

Imaginemos que você já respondeu a contento todas essas perguntas e está pronto para fazer a sua conferência. Como deve agir? Em primeiro lugar, embora seja um tanto acaciano o que vamos dizer, tome cuidado com a sua aparência. Qualquer auditório - espírita ou não - observa a aparência do orador e não gosta quando ele se mostra mal vestido, sujo barbado, com roupas pouco discretas, sapatos sujos, cabelo grande, unhas por cortar e assim por diante. A boa aparência ajuda no sentido de que o primeiro contato com o auditório possa ser positivo. Seja discreto e espere que o dirigente chame você para a mesa. Na mesa ocupe um lugar específico. Não fique andando de um lado para o outro e, se houver um púlpito, atenha-se a ele. Espere que haja completo silêncio no auditório, não fale se houver o menor barulho. Inicie devagar, mas não em um ritmo demasiadamente lento. Pronuncie as palavras sem pressa e de modo claro.

O leitor, certamente, ao longo de sua experiência escolar, deve ter tido contato com as aulas de redação e nelas o professor, ou professora, deve ter ensinado que toda redação deveria ter início, meio e fim, ou: introdução, desenvolvimento e conclusão. Vamos tratar um pouco dessas três seções.

1. DA INTRODUÇÃO.

Apalavra portuguesa introdução deriva do latim *introductio*, que, por sua vez, deriva do verbo *introduco-is-ere-duxi, ductum* cujo sentido é de introduzir, fazer entrar, pôr alguma coisa dentro de outra. Para o nosso trabalho, vamos considerar introdução como um pequeno discurso, escrito ou falado, que tem por finalidade colocar o leitor ou o ouvinte por dentro do que será exposto, ou seja, uma apresentação para dar ao emissor uma visão de conjunto da mensagem com a qual vai entrarem contato. Em termos de oratória, uma boa introdução deve ter:

a) Uma boa *Captatio Benevolentiae*

Essa velha expressão da retórica clássica deve ser traduzida como captação da benevolência ou da simpatia. Tem por finalidade, portanto, atrair para o orador as boas graças do auditório. Uma boa captação deve ter:

1. Saudação do orador às pessoas presentes. Em reuniões mais formais e cerimoniais esses cumprimentos devem ser dados respeitando a hierarquia das pessoas presentes.

2. Agradecimentos a pessoas ou instituições que concorreram para a presença do orador naquele lugar. No caso da oratória espírita, é costume se fazer uma invocação religiosa no sentido de pedir a proteção dos bons espíritos para aquela atividade.

3. Orador fala com humildade sobre as suas pretensões, ressaltando a importância do tema. Tema >orador.

a) Fazer uma ligeira referência ao tema, explicando a finalidade ou a oportunidade da escolha temática.

b) Explicar de um modo breve, mas objetivo, como será o método de trabalho.

c) Coloca-se o objetivo que se pretende alcançar e procura-se envolver o auditório nesses objetivos.

d) Colocam-se as regras para a participação do auditório.

e) Explicam-se alguns termos novos que serão usados ou termos antigos tomados em outra acepção.

2. DO DESENVOLVIMENTO

Esta é, com certeza, a parte mais importante da exposição por isso há que se tomar muito cuidado com ela. Um dos maiores problemas dos oradores é a sua incapacidade de perseguir um tema sem dele se afastar. Muitas pessoas que falam nas tribunas espíritas costumam fazer um pout-pourri de idéias sem se deter em nenhuma delas.

Essa ausência de disciplina é muito ruim, uma vez que o orador acaba falando de tudo sem de nada falar. Um dos modos de resolver esse problema seria, por exemplo, organizar um sumário e segui-lo atentamente. O sumário, inclusive pode ser levado para o local da palestra a fim de servir de guia a quem fala. Com o intuito de dar exemplo, vamos fazer aqui um sumário.

A REENCARNAÇÃO

1. Conceito de Reencarnação.
2. Considerações Históricas.
3. Reencarnação no Antigo Egito.
4. Entre os Judeus: a Bíblia e a Cabala.
5. Na Índia: Hinduísmo e Budismo.
6. Na Igreja Primitiva.
7. A Igreja Condena a Reencarnação.
8. As Heresias relacionadas com a Reencarnação.
9. As Provas da Reencarnação.
10. Reencarnação e os problemas humanos.
11. Lembranças de outras vidas.
12. Conclusão.

A criação de um bom sumário é muito útil ainda para que se controle o tempo, bastando para isso que o orador espalhe, pelas seções propostas no sumário, o material que vai usar e veja quanto tempo será necessário para desenvolver cada uma delas.

3. A TEORIA DA AMPLIAÇÃO

Outro problema muito comum entre as pessoas que falam em público é a dificuldade de ampliar as idéias. Aqui daremos apenas algumas sugestões de como é possível ampliar as idéias e ganhar tempo na exposição sem "encher lingüiça". Caso o

leitor deseje um maior número de informações sobre esta questão sugiro a leitura de meu livro *A Arte de Falar em Público*. Vamos, porém, às "dicas":

1. As definições poderão ser desenvolvidas ou ampliadas, concordando-se com elas ou discordando-se delas.
2. Por exemplificação. Coloca-se a idéia e se amplia através de exemplos.
3. Por meio de histórias. A literatura espírita é pródiga em historietas exemplares, mediúnicas ou não, que podem ser utilizadas com muito bom resultado.
4. Por meio de Ilustrações.
5. Através da repetição de idéias, mas com palavras diferentes.
6. Provérbios, adágios ou anexins ajudam bastante.
7. Estatísticas.
8. Citações.
9. Imagens.
10. Poesias.

4. COMO FAZER UMA CONCLUSÃO

Essa é a parte final de uma exposição. Deve ser, como a introdução, bastante breve e concisa. A conclusão deve se adequar à natureza do tema e, por isso, seria mais lógico falar se em conclusões e não apenas em conclusão. Aqui apresento alguns tipos de conclusão e a sugestão contextual para elas:

1. Apelativa. Própria para fechar trabalhos que tenham por finalidade modificar comportamentos.
2. Resumitiva: conferências de caráter didático, aulas, etc.
3. Recapitulativa: reuniões empresariais, aulas, palestras descritivas..
4. Conclusão por pergunta retórica: trata-se de uma forma da apelativa, embora mais direta e veemente.
5. Por citação: conferências polêmicas, palestras sobre moral e bons costumes, etc.
6. Conclusão de humildade: cabível nos mais diversos contextos.
7. Conclusão aberta: temas polêmicos ou muito complexos.

ORATÓRIA E MEDIUNIDADE

Muitas pessoas parecem acreditar que não seria necessária a preparação para determinadas tarefas doutrinárias, inclusive as exposições chamadas palestras, estudos ou conferências porque os espíritos ajudam. Esse ponto parece ser reforçado pela seguinte passagem evangélica: "Não fiquéis ansiosos quanto a como ou o que haveis de falar; porque, naquela hora vos será dado o que haveis de dizer; pois quem fala não sois apenas vós, mas é o Espírito de vosso Pai que fala por meio de vós."(Mat. X: 19-20) Há nesse trecho uma belíssima afirmação que nos confirma a mediunidade falante, entretanto, é necessário saber em que contexto essas palavras foram ditas.

Jesus as falou para seus discípulos, prevendo as dificuldades porque passariam depois de sua volta ao plano espiritual. Iriam ser perseguidos e interrogados por autoridades judaicas e romanas, sendo assim, o que deveriam dizer. Por certo, os apóstolos sentiam-se temerosos e por isso Jesus lhes disse essas palavras para lhes dar bom animo garantindo- lhes a assistência dos bons espíritos nos momentos em que tivessem de dar testemunho de sua fé. Creio, entretanto, ser muito pouco provável que Jesus esteja falando de um modo geral. Em verdade, é perfeitamente possível que alguns oradores-médiuns falem mediunizados, entretanto, isso não é uma regra geral. Por isso, não abro mão da convicção de que a preparação para a tribuna é fundamental e

vou mais além, mesmo para aqueles que falam (ou acreditam falar) sob a ação de espíritos.

Muitas vezes somos levados em nosso trabalho, ou mesmo no centro espírita, a emitir uma opinião sobre a nossa Doutrina.

Não podemos acreditar que estamos vinte e quatro horas por dia mediunizados e que, naquele momento, um espírito porá em nossa boca as palavras que devem ser ditas. Por isso, o estudo da Doutrina Espírita é fundamental para que nesse momento possamos falar com segurança. Além disso, o conhecimento do Espiritismo facilitará ao espírito comunicante (caso esteja presente) a comunicação de sua mensagem. Vamos aproveitar este espaço para falarmos um pouco sobre o improviso. Muitas pessoas acreditam que falar de improviso significa falar sem preparação, a fala que é feita em um determinado momento ou mesmo de forma inesperada. Essa opinião, entretanto, não é correta. Não há improviso absoluto. Na prática espírita, por exemplo, há pessoas que são meros freqüentadores e que, por certo, jamais falarão em público enquanto permanecerem na condição de simpatizantes sem função. Por outro lado, há diretores de associações espíritas, assistentes sociais de centros, líderes de "juventude" entre outras pessoas que, em razão das funções ou cargos que ocupam, deverão ser convidadas a falar e, para isso devem estar sempre preparadas e informadas. Assim, se você vai a uma reunião representar a sua instituição, procure saber dos objetivos dessa reunião e que tipo de perguntas poderão ser feitas a você. Enquanto os outros falarem, preste toda atenção e vá organizando as próprias idéias para que, quando chegar a sua vez, você fale pelo menos com bom senso. Caso você não seja convidado, não faz mal, você fez a sua parte, preparou-se para aquela possibilidade, se ela não se deu, houve alguma razão.

Muitas pessoas, desejando fazer boa figura ou por medo de fracasso, costumam decorar seus "improvisos". Não faça isso. Jamais decore uma exposição. A nossa memória, por melhor que nos pareça ser, é passível de "brancos". Outro problema é a quebra da vivacidade e do ritmo em uma conferência decorada. Conheci, há muitos anos, um orador espírita que, dono de uma memória potentíssima, fazia palestras decoradas. Era capaz de dizer palavra por palavra, vírgula por vírgula, um texto do Chico ou de uma obra da codificação, entretanto, o resultado de suas palestras não era bom por causa da monotonia.

Ele dizia o que estava no livro sem nenhuma contribuição de sua emoção ou de sua inteligência. A memória é um precioso auxiliar do orador, mas não pode ser o centro mesmo de sua palestra. Terminando, gostaria de lembrar que a mediunidade existe e os bons espíritos tudo fazem conosco (com a nossa colaboração), mas nada por nós, ou seja, em nosso lugar. "Trabalha que o céu te ajudará."

O USO DO MICROFONE

O Espiritismo, de modo algum, anda na contra mão do progresso, muito pelo contrário, ele costuma se valer de todos os recursos que a ciência e a tecnologia colocam à nossa disposição. Um desses recursos é o microfone e é muito provável que o leitor já tenha vivido uma experiência em que teve de usar um microfone em sua fala.

O microfone é utilizado principalmente em salas muito grandes e tem a função de descansar o próprio orador e, ampliando a sua voz, permitir melhor compreensão de sua mensagem. Assim, um não precisa se "esgoelar" para ser ouvido nem o outro forçar a audição para tentar compreender. Vamos, portanto, tratar deste assunto mais objetivamente.

A primeira e mais óbvia pergunta que se pode fazer nesse caso é a seguinte: a que distância deve ficar o microfone da boca de quem fala? A distância ideal está entre dez e quinze centímetros.

O problema maior de quem fala com um microfone é, de fato, a distância, por isso atente bem para esse detalhe. Dirija a sua voz para dentro do microfone e, portanto, não fale para os lados, principalmente, fora do alcance dele. Não se deve tossir, escarrar ou cuspir perto do microfone.

Quando você estiver falando com microfone, procure prestar atenção no modo como a sua voz está saindo no alto falante ou na caixa de som, se fizer isso poderá corrigir defeitos resultantes da distância imprópria ou controlar o volume de sua voz. Não é necessário gritar quando se fala com microfone, pois ele está sendo usado exatamente para ampliar a sua voz. Se quiser, em razão de um recurso retórico, falar baixinho, pode inclusive sussurrar porque os bons microfones levarão a seus ouvintes até esses sons muito baixos.

Tome cuidado com os sons explosivos como o P ou o B ou os sibilantes como S ou Z. Esses fonemas podem soar desagradável mente, nesse caso, verifique se você não está falando muito perto do microfone. Em geral, essas regras, embora bem simples, podem ajudar aqueles que precisam se valer dos microfones. O resto é prática.

O CONTATO COM O AUDITÓRIO

Gostaria de encerrar este capítulo, cujo único objetivo foi chamar a atenção dos espíritas para a importância da oratória em nosso meio, com algumas considerações sobre as relações entre o orador e o seu auditório.

Dignidade no contato com o auditório:

Em virtude de sua própria natureza, e dos fins a que se propõe, a oratória espírita, tem na postura digna do orador um traço de considerável importância. Assim, o orador espírita deve ser discreto ao vestir-se, sóbrio ao tratar do tema, não excessivo na gesticulação e educado ao se dirigir a seus ouvintes. Ao caminhar para tomar seu lugar à mesa, deve fazê-lo devagar, com passos nobres, rosto grave, mas não fechado, ombros um pouco descaídos, mas a postura ereta. No sermão, não é grosseiro nem afetado, não confunde severidade com má educação, não possui o ar beatífico dos santarrões nem a expressão mundana do homem comum. É digno porque possui plena consciência da importância de sua tarefa e respeita o grau de que se encontra investido. Só a dignidade desse tipo cativa realmente o auditório religioso.

A sua linguagem deve ser simples sem ser simplista. O orador espírita se dirige, normalmente, a um auditório intelectualmente bastante heterogêneo. Na sua frente, sentados em cadeiras ou bancos, está o seu auditório formado da mídia de sua comunidade. Ali se encontram médicos, militares, psicólogos, professores, operários, motoristas-de-praça, donas de casa, jovens estudantes, etc. O orador não pode privilegiar um desses grupos em detrimento de outros.

Por isso, a sua linguagem deve ser simples sem fazer concessão à banalidade. Esse tipo de linguagem deve possuir três aspectos fundamentais: Logicidade, Qualidades Estéticas e Correção Gramatical. Com a logicidade, ordenam-se as idéias, formulam-se raciocínios e sustentam-se argumentos; pela estética se exprime a beleza e a emoção do texto, falando ao coração do ouvinte; através da correção gramatical assegura-se a qualidade dos aspectos anteriores, uma vez que uma fala gramaticalmente estropiada perde em logicidade e beleza.

O orador espírita é alguém que possui um tipo de mensagem em que acredita (ou deve acreditar) de todo o coração e com todo o entendimento. Esta crença deve imprimir à fala do orador um tom vigoroso, mas não agressivo. O orador que não possui a energia necessária não consegue convencer os seus ouvintes nem mesmo prender-lhe a atenção. O vigor, entretanto, não está apenas na intensidade com que ataca as sílabas ou na entoação de cada palavra e frase, mas também nas imagens que é capaz de criar.

Muitas vezes, para alcançar seus objetivos, o orador cria imagens fortes, agudas e tocantes, em outras palavras: precisa da linguagem figurada para tocar a emoção de seus ouvintes.

A energia do orador estabelece fortes laços entre ele e o auditório. Se o orador é vigoroso, consegue empolgar o auditório e conduzi-lo conforme os seus objetivos; em caso contrário, torna-se monótono, cansativo e as pessoas passam a ouvi-lo mais por obrigação do que por prazer.

COMO VAI A SUA MEMÓRIA?

Vamos, agora, dedicar um capítulo deste livro a um assunto muito importante para a qualidade de vida: a memória. Pessoas de sucesso como políticos, empresários, professores, advogados, líderes religiosos, conferencistas e atores precisam de uma boa memória para executarem a contento o seu trabalho. Mesmo as pessoas que não exercem atividades como essas, precisam de um tipo de memória cultivada e relativamente bem treinada. O aluno que vai fazer um exame, a dona de casa que prepara um prato mais sofisticado, o garçom que pretende atender bem os seus fregueses, a mulher que decide dar uma festa e quer ser bem sucedida, o policial na sua luta contra o crime, o espírita que deve apresentar um estudo no centro em que trabalha; todas essas pessoas, em suas vidas cotidianas, carecem de uma memória, pelo menos, razoável.

O que é memória? Para os antigos gregos, a memória era uma deusa chamada Mnemósine que, se unindo a Zeus, o maior de todos os deuses da Mitologia Grega, deu à luz as nove musas, divindades que protegem as artes e que inspiravam o poeta no contexto religioso do mundo clássico. Da palavra mnemósine derivam: amnésia (perda da memória), mnemônico (relativo à memória), paramnésia (desvio da memória) e hipermnésia (super memória) e outras com o mesmo radical.

Ingenuamente, pode-se pensar que a memória seja a capacidade ou a faculdade de se evocar o passado, porém, o passado, em si mesmo, não pode voltar, por outro lado, dizer-se que a memória é a faculdade de evocar conhecimentos anteriores adquiridos é restringir-lhe arbitrariamente as suas possibilidades pois, além do conhecimento, ela pode nos trazer: sentimentos dolorosos ou alegres, a imagem de que sentimos saudades, o som da música de que gostamos muito e até mesmo aromas e percepções tácteis. Aos leitores interessados em conhecer mais sobre a memória, do ponto de vista espírita, aconselho o excelente livro de Hermínio de Miranda, *A Memória e o Tempo*, cujo rico conteúdo, infelizmente, não pode ser trazido aqui em virtude da natureza de nosso trabalho.

Outro aspecto que não deve ficar desconhecido em se tratando de memória, é o fato de que ela é o objeto próprio e direto da recordação. Nunca é algo exterior a quem recorda, mas apenas a percepção de algo ou de uma emoção que nos tenha afetado. Em verdade, não nos lembramos da última vez que estivemos em Gramado, Canelas ou Buenos Aires, mas da impressão que essas cidades nos causaram. A nossa memória apresenta objetos através de um intermediário: nós mesmos. Talvez estejamos lembrando sempre de nós mesmos quando estamos nos recordando de algo.

Dessas ligeiras considerações que fizemos sobre a natureza da memória, já podemos extrair uma definição que, embora precária, servirá aos nossos interesses neste capítulo: Memória é a faculdade de conservar e recordar estados de consciência anteriormente experimentados.

Em nosso dia-a-dia, encontramos pessoas que falam em memória fraca (memória de pinto) e memória forte (memória de elefante); nós, entretanto, não acreditamos nesses clichês e preferimos falar em memória não treinada e memória

treinada. A seguir faremos algumas considerações sobre a possibilidade de aprendermos algumas técnicas para melhorar a qualidade de nossa memória.

1. A Capacidade de observação.

Muitas pessoas passam toda a sua vida sem se preocuparem com coisa alguma. Olham para todos os lados, mas nada conseguem ver. Não conseguem se fixar por muito tempo em coisa alguma. São seres saltitantes que parecem viver a vida descuidada dos passarinhos pulando de galho em galho. Tais pessoas terão, certamente, dificuldades se desejarem treinar as suas memórias. Observação e memória são dois fatos psíquicos que se completam. É necessário, à pessoa que deseje se transformarem um bom memorizador, tomar-se primeiro um bom observador. O que é, porém, uma pessoa observadora? Para nós, um bom observador é uma pessoa que participa da vida com energia e intensidade e que usa os sentidos com eficiência para se relacionar com a realidade, ou seja, alguém que não despreze detalhes, que se prenda à minúcias e procure sempre estabelecer diferenças entre coisas que parecem iguais.

Talvez um bom exercício para começar seja o jogo dos sete erros que aparece em algumas revistas de variedades. Nele se apresentam dois desenhos semelhantes sendo que um deles, a cópia, possui sete diferenças em relação ao original. A pessoa deverá descobrir quais são essas diferenças.

Certa vez fiz um teste de observação com um amigo meu. Nesse teste, pedia a ele que lesse o que eu havia escrito em um cartaz. Ali estava escrito o seguinte: "A Cidada de São Sebastião do Rio de janeiro". Ele leu naturalmente. Pedi a ele que lesse de novo. Ele leu sem problemas. Pedi, então, que lesse palavra por palavra com atenção máxima, só nesse momento ele percebeu que estava escrito "cidada" e "janeiro". Esse meu amigo não é uma pessoa observadora. Dificilmente, por exemplo, seria um bom revisor de textos ou produtor de modas.

Se você possui esse tipo de problema e tem dificuldade para observar detalhes, não se preocupe, isso não é o fim do mundo, qualquer pessoa pode, perfeitamente, aprender observar. Comece com um exercício simples: olhe demoradamente para a sua própria mão. Primeiro para o dorso dela. Olhe com toda atenção possível. Demore o olhar sobre ela demoradamente como se a estivesse vendo pela primeira vez. Note os pelos dela, as veias que aparecem sob a capa da pele como se fossem raízes de árvores, a articulação do pulso, o nó dos dedos, as unhas: cor, formato, tamanho, modo como estão cortadas. Vire, agora a mão e observe a palma; as linhas e os desenhos que elas formam, observe a parte interna dos dedos, a divisão em três partes. Passe sobre ela a palma ou o dorso da outra mão e veja o que sente. É quente? Áspera? Seca?

Oleosa? Veja se está calosa ou se há nela algum machucadinho que você não havia notado. Faça movimentos com ela e observe como se comporta. Faça este mesmo exercício com outras partes do corpo como seu rosto, suas pernas, braços e assim por diante. Garanto que você descobrirá coisas muito interessante a respeito de seu corpo.

Um outro bom exercício de observação podemos fazer em nosso próprio quarto. Um famoso escritor francês escreveu um livro muito interessante chamado Viagem em redor do meu quarto. Veja se você pode fazer o mesmo.

Deixe seus olhos passearem por seu quarto. Olhe com cuidado, e demoradamente, cada objeto que faz parte daquele espaço e que lhe é tão pessoal. Deite-se de barriga para cima e comece a olhar o teto, os cantos onde a parede se encontra com ele, veja se está limpo ou sujo, se há alguma marquilha que não havia antes. Depois o lustre, a luminária ou simplesmente a lâmpada, em seguida desça um pouco os olhos pela parede e olhe os quadros, os "posters" (se houver), as cortinas, os objetos sobre a cômoda, a cama. Veja se consegue se lembrar onde comprou ou quem lhe deu o bibelô ou o ursinho de pelúcia. Observe cada uma dessas coisas e verifique se é possível

estabelecer com ela um vínculo emocional qualquer. Depois faça isso com toda a casa. Acredite, é uma experiência muito interessante.

Proponho a você um exercício para treinar sua sensibilidade e imaginação. Você já viu um fim de tarde? Aquele momento mágico em que o dia vai se esvaindo para dar lugar à noite que chega silenciosa e calma.

Sugiro a você que, se for possível, em uma tarde dessas, vá para o quintal de sua casa ou mesmo para a janela de seu apartamento e atenta, atentamente, comece a observar o fim da tarde. Repare cada coisa (se for possível escreva a sua experiência). Veja a tonalidade do céu que muda de cor, note a diferença de cores que tingem as nuvens no poente. Olhe as montanhas que trocaram suas vestes verdes por mantos escuros. Sinta como o calor do Sol diminuiu bastante e já sopra uma brisa mansa e suave.

Ouçã os pássaros cantando e observe como voam apressados para buscar abrigo na copa das grandes árvores. Uma cigarra canta forte escondida no tronco nodoso de uma árvore secular. Abandone-se, deixe-se ser tomado por essa atmosfera mágica. Olhe a transformação quase completa: já não há mais a face poderosa do Sol ele desapareceu por completo atrás da montanha. Já não há mais dia e, em lugar do Sol, está o disco da Lua, brilhando, brilhando em um pedaço do firmamento.

Não basta, entretanto, que você observe as coisas em seu redor, é necessário também aprender a captá-las através da imaginação. Vamos ver.

Pegue uma revista comum que possua uma imagem qualquer, uma casa, um lago, uma árvore. Olhe a imagem por algum tempo. Agora, feche a revista e veja do que você pode se lembrar, melhor ainda, ver pela imaginação, ou seja, com a sua visão interior. No começo, sem dúvida, haverá dificuldades, mas não desanime, continue. Faça várias vezes esse mesmo exercício simples e você estará estimulando faculdades como sensibilidade, memória e imaginação.

Vamos fazer uma outra coisa. Veja se você tem um livro de poesia ou de prosa que possua descrições coloridas, concretas e vívidas. Enquanto lê, procure ver com os olhos do espírito as cenas e objetos descritos. Se for um campo, deixe-se contaminar pelas palavras do autor, veja-se andando pelo campo, colhendo as flores de que o texto fala. Se for o interior de uma casa, entre nela e observe a sala, os móveis o quadro que ele diz estar na parede perto da porta, a estatueta de jade, o gato que dorme, lânguido, sobre o sofá de couro marrom. Se você conseguir, ainda que um pequeno sucesso nesses exercícios, acredite que está no caminho certo para aquecer a sua memória e, se prosseguir, os resultados serão surpreendentes.

Há uma frase atribuída ao educador católico João Bosco. Dizia ele: "Se você quiser aprender um pouco, estude sozinho, se quiser aprender muito, estude em conjunto, mas se deseja aprender muitíssimo, ensine." Em verdade, ensinar é repetir uma lição que se aprendeu. Quando ainda muito jovem soube dessa lição, resolvi colocá-la em prática. Desde então, decidi fazer o seguinte: quando leio um livro cujo conteúdo gostaria de conservar comigo, pelo menos em parte, ainda com a leitura bem fresca em minha mente, vou trabalhar e ao primeiro colega com que me encontro, pergunto: você já leu tal livro? Se a pessoa diz que não, aproveito e derramo sobre ele tudo o que consigo me lembrar do livro que acabara de ler. Mais a frente, encontro outro colega e refaço a pergunta: você já leu tal livro? E, se a resposta for a mesma do caso anterior, repito a técnica. Na terceira pessoa, grande parte do livro já está comigo.

Conheci um professor, já falecido, que me contou um fato muito interessante que trago aqui para a nossa reflexão. Disse-me ele que, na sua juventude, fora materialista inconseqüente e debochado. Nessa fase de sua vida, um de seus principais prazeres era contar anedotas, grosseiras, e mesmo pornográficas, que tinham por personagens pessoas importantes na religião tradicional. Em rodinhas de amigos, elevava a sua voz para contar suas infelizes narrativas sobre anjos, beatos, santos e a própria divindade.

Não sentia o menor constrangimento em contá-las; se houvesse alguém disposto a ouvir, ele as narrava sem titubear. Aconteceu, porém, que, com as idas e vindas da vida, o professor converteu-se a um credo evangélico e passou a encarar, com extremo respeito, os personagens que ele, no passado, ridicularizava por meio de suas anedotas. Ele, porém, me confessava pesaroso: "Leal, eu não conto mais essas piadas, mas elas estão todas aqui dentro de mim e não posso, por mais que eu queira, me desfazer delas. Como lamento tê-las aprendido e contado."

O que aconteceu com o professor? Sem o querer ele aplicou uma técnica de memorização: a repetição. De tanto contar as anedotas, elas passaram a fazer parte de seu caráter e mesmo que se esforce para esquecê-las, dificilmente o conseguirá. A repetição equivale a uma seqüência de pequenas representações que se acumulam formando uma grande impressão, de fato, repetir não é o único modo de se decorar algumas coisa, entretanto, é, sem dúvida, um elemento precioso para a fixação. Costumo, por exemplo, aconselhar a meus alunos que desejem aumentar seus vocabulários que façam o seguinte: cheguem à casa, peguem um dicionário e abram ao acaso. Depois escolham uma palavra que não faça parte de seu vocabulário. Copiem seu significado ou significados em um pedaço de papel e, por fim, se comprometam a, durante todo o dia, colocarem aquela palavra nas conversas do dia-a-dia. Se fizerem isso, garanto a eles que, ao final da noite, terão uma palavra nova.

Assim, sempre que possível, procure repetir aquilo que deseja decorar. Se, por exemplo, você vai a uma palestra importante e não quer se esquecer de seus pontos principais, seria útil gravar esses pontos (não é necessário gravar a palestra inteira) e procure ouvi-los o maior número de vezes possível.

Quando for trabalhar pode, por exemplo, acionar o seu toca-fitas com o conteúdo que deseja gravar e ir ouvindo. Quando estiver em uma aula, ou assistindo a uma palestra, e tiver que fazer uma pergunta, levante a questão, porém, de modo a refazer o essencial que você ouviu do palestrante. Isso denota atenção no que está sendo falado e respeito pela pessoa que fala. Exemplifiquemos: imagine que, em uma palestra de Filosofia, você decidiu fazer uma pergunta e essa oportunidade lhe foi dada. A pergunta deve ser feita assim: "Professor, o senhor disse que os filósofos gregos pré-socráticos buscavam a matéria primeira e queriam saber qual o elemento de onde todas as coisas se originaram. Estou certo? Muito bem, em um espaço como esse, onde ficavam coisas com a Ética ou as artes?"

Assim, do nosso ponto de vista, o interesse não é algo sobrenatural ou misterioso que nos leva na direção de um determinado objeto, mas uma atitude de minha parte, quando percebo a importância que alguma coisa possui para mim e, sendo uma atitude, é perfeitamente possível reorientá-la de acordo com as circunstâncias. Lembro-me do meu próprio caso. Quando surgiram os computadores, ofereci a eles uma forte resistência e todos os meus livros eu os datilografava em uma velha máquina Olivetti.

Eu achava que os computadores estavam sendo endeusados e passando com muita facilidade para a categoria de mito moderno, por isso eu não me interessava por eles e se alguém me dava uns "toques" ou "dicas" com respeito à Informática eu desprezava e fazia questão de esquecer. Com o passar do tempo foi se apertando um cerco sobre mim. Os editores e o dono do jornal para os quais escrevia começaram a dizer que seria melhor receber os textos em disquete. Fui comparando a qualidade formal da máquina de escrever com a variedade fantástica de recursos oferecidos pelo computador e acabei por me render. Passei a me interessar por Informática e, nesse momento, por exemplo, estou digitando este livro em um computador e as coisas estão indo muito bem.

2. Da Associação

Estabelecer associações é um outro notável recurso mnemônico. Quando eu era professor do Estado, recebia o meu pagamento no BANERJ. Havia, entretanto, por aquela época, filas quilométricas. Na maioria das vezes, a fila era tão grande que eu chegava a desistir porque, normalmente, eu ia receber nos intervalos de aula. Certa ocasião, em que eu estava em uma fila de dobrar a esquina, passou por mim um funcionário do banco que, ao me ver, falou:

- Oi, professor, tudo bem?
- Tudo. Respondi sem reconhecê-lo de pronto.
- Veio receber seu pagamento? Perguntou-me.
- Sim.
- Então venha comigo.

Acompanhei o rapaz ainda sem ter a menor idéia da escola onde ele havia sido meu aluno. Nada, porém, lhe perguntei. Ele pegou rapidamente o meu pagamento e me falou:

- Mestre, quando quiser, é só me procurar. Não precisa mais entrar na fila.
- Tudo bem. Fico-lhe muito grato. Respondi.

Não perguntei o nome dele. Confiei na minha memória visual, achei que bastaria entrar no banco, olhar o funcionário e eu o reconheceria. Não foi, entretanto, isso o que aconteceu. No mês seguinte, ao voltar ao banco, entrei, olhei, olhei, e não vi o meu aluno. Tive que ficar na fila cerca de três horas. No mês seguinte, voltei ao banco e, por acaso, encontrei o meu aluno novamente. Mais uma vez, fui favorecido com o atendimento rápido e ele me explicou que era um funcionário interno e que, ao chegar ao banco, era só chamar por ele. Mas como eu poderia mandar chamá-lo se eu não sabia o nome dele? Usei, então, o truque do nome suposto que sempre funciona nesses casos:

- Mário, uma pergunta: será que não vou importuná-lo se mandar chamá-lo?
- Professor, meu nome não é Mário, mas Jorge Davi. Não se lembra.? Eu era lá do Daltro Santos.
- Ah! Que cabeça a minha! Desculpe-me, Davi.
- Tudo legal. Isso acontece.

Despedimos-nos e eu, de posse do nome dele, decidi que não mais o esqueceria e, para isso, usei a técnica da associação. O primeiro nome dele eu o liguei a São Jorge e o segundo a Davi rei de Israel, autor de um grande número de Salmos. Assim, quando eu queria me lembrar dele, lembrava-me do santo católico ou do episódio bíblico da morte de Golias.

De uma outra feita, minha esposa comprou um carro Santana e eu, sem saber o motivo, não conseguia me lembrar da marcado automóvel. Era uma situação desagradável porque, se alguém me perguntava qual era a marca do nosso automóvel, eu dizia apenas: é um carro da Wolsk. Usei, então, mais uma vez a técnica associativa e relacionei a palavra Santana com Santa Ana, a mãe da Virgem Maria e Avó de Jesus Cristo.

Essas associações a que fiz referência são lógicas e coerentes e, por isso podem não funcionar muito bem. Por incrível que possa parecer quanto mais absurda é uma associação mais ela funciona. No caso do funcionário do banco que havia sido meu aluno, eu poderia tê-lo associado como São Jorge matando o dragão, porém, usando um revólver em lugar da lança. No caso do automóvel eu poderia ter imaginado a Sagrada família fugindo para o Egito em um automóvel Santana ao invés do burrinho tradicional.

Ainda um dia desses, eu estava lendo um livro e não tendo um marcador, decidi memorizar o número da página onde estava lendo: setenta e dois. Criei a imagem do número sete, vestido de boxer, nocauteando o número dois que cai meio ajoelhado.

Funcionou perfeitamente. Suponhamos, agora, que você deseje decorar um conjunto de dez palavras como: homem, árvore, livro, garrafa, casa, peixe, carro, corda, pássaro, sapo e gato.

Para que se entenda melhor este método, seria interessante ver, ainda que de passagem, o conceito de Signo elaborado por Ferdinand de Saussure. Para ele, o signo possui dois elementos fundamentais: o primeiro se chama significante, isto é, a imagem material do signo. Se, por exemplo, se tratar da fala, o significante será sonoro, mas em um texto, ele será visual. O segundo se chama significado ou imagem mental. Assim, quando digo a palavra laranja, o som laranja é o significante e o conceito de laranja que se encontra em minha mente, o significado.

Vamos, em seguida, por meio das dez palavras colocadas anteriormente explicar como funciona este método de memorizar pelo processo associativo. Começemos pela primeira palavra: homem. Tome esta palavra e procure visualizá-la. Pode mesmo usar a imagem de um homem que você já conhece. Pronto, Visualizou? Está conseguindo ver o homem com os olhos da mente? Está? Muito bem, qual é a segunda palavra? Arvore, não é? Procure, em seguida associar essas duas palavras, mas de um modo bastante estranho, absurdo mesmo. Imagine um homem com raízes ao invés de pés ou com galhos em lugar de braços e de pernas. Conseguiu? Isso mesmo, você já tem agora o seu homem-árvore ou a sua árvore-homem. E a palavra seguinte? É livro, não é? Que é que você acha de imaginar uma árvore carregada de livros e não de folhas ou de frutos, ou um livro com uma árvore dentro. Veja as folhas e os galhos tentando escapar do livro.

Vamos, agora, livro e garrafa. Imaginemos um livro dentro de uma garrafa ou uma garrafa retangular como um livro, ou ainda, uma garrafa de óculos lendo um livro.

Vamos associar casa e garrafa. Que tal uma garrafa gigantesca com pessoa morando nela ou uma casa cheia de leite como uma garrafa.

Vamos, assim, associando, em nossa lista de palavras, a palavra anterior com a seguinte até que a lista fique completa. Segundo Harry Lorayne, autor do livro Como ter uma memória superpoderosa, as regras para esse caso são as seguintes:

Desproporção. Forme imagens com objetos de proporção anormal, por exemplo, uma garrafa tão grande quanto um edifício.

Ação. Sempre que possível imagine os objetos em ação.

Exagero. Exagerar a quantidade dos objetos. Você pode imaginar milhares de peixes dentro de uma casa, com peixes saindo pela porta e janelas.

Desvio. Desvie a função tradicional do objeto. Imagine-se, por exemplo, mexendo uma sopa com um livro ou cortando um pedaço de carne com um pepino.

Embora essas associações pareçam mais com um jogo que com um método objetivo de memorização, elas são extremamente valiosas e só podemos ajuizar o seu real valor quando as experimentamos; por isso, sugiro que não fique na simples leitura deste capítulo, mas que coloque em prática as informações que se encontram aqui; até para se dizer se funcionam ou não.

PALAVRAS FINAIS

Aqui termino este livro que não é, a rigor, um manual de auto-ajuda do tipo clássico, mas uma tentativa, que espero seja bem sucedida, de mostrar a espíritas e não-espíritas a importância prática da Doutrina Espírita em nossas vidas. Nesse livro procurou-se colocar o Espiritismo não como uma religião convencional mas como uma espécie de condutário para uma vida melhor, a que chamo de vida qualitativa em oposição à vida quantitativa. Para alcançar essa vida de qualidade, é necessário que se inclua fortemente em nossa existência alguns conceitos chaves como Deus e espírito, reencarnação e mediunidade, tornando esses conceitos partes de nosso viver. Com isso,

não só imprimiremos qualidade às nossas vidas, como estaremos colaborando para a transformação do nosso planeta.